

Questões Últimas

Vincent Cheung

Título do original:
Ultimate Questions

Copyright © 2004 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Agosto de 2005*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2004.....	3
1. REVELAÇÃO INESCAPÁVEL.....	4
ABSURDO INCOMPREENSÍVEL.....	4
REVELAÇÕES INESCAPÁVEIS.....	9
ARGUMENTAÇÃO INVENCÍVEL.....	15
2. QUESTÕES ÚLTIMAS	26
FILOSOFIA	26
LOGOS.....	28
METAFÍSICA.....	33
EPISTEMOLOGIA	36
ÉTICA	41
SOTERIOLOGIA.....	44
3. ESCOLHIDOS PARA SALVAÇÃO.....	49
ELEITOS	49
CHAMADOS.....	59
PRESERVADOS	67

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2004

Esse livro reúne três ensaios relacionados que tratam com teologia, filosofia e apologética. Eles apresentam os primeiros princípios de um sistema bíblico de filosofia, e ilustram como somente a cosmovisão bíblica pode responder todas as “questões últimas”, tais como aquelas relacionadas à metafísica, epistemologia, ética e soteriologia.

No primeiro capítulo, eu mostro que Deus colocou uma revelação inescapável de si mesmo na mente do homem. Essa revelação inclui informação específica suficiente para cada pessoa reconhecer que o Cristianismo é a única religião e filosofia verdadeira; e reconhecer que todas as religiões e filosofias não-cristãs são falsas. Negar essa revelação inescapável constitui uma supressão inescusável de evidência, resultando numa condenação inevitável. Disso, derivamos uma estratégia bíblica de apologética que é fortificada por argumentação invencível, mostrando que a cosmovisão cristã é uma pré-condição necessária para tudo da vida e do pensamento.

No segundo capítulo, eu forneço uma exposição básica da doutrina do *logos*, relacionando-a com metafísica, epistemologia, ética e soteriologia. A conclusão é que a Escritura fornece informação suficiente e infalível a partir da qual o cristão pode construir uma cosmovisão abrangente e coerente. Por outro lado, todas as religiões não-cristãs e filosofias seculares falham em responder qualquer uma das questões últimas.

Então, no último capítulo, eu aplico a doutrina bíblica da soberania divina, um tema essencial dos dois capítulos anteriores, a aspectos específicos da soteriologia. Eu concluo que somente Deus pode produzir verdadeira fé na mente do homem, que somente a fé verdadeira persevera e que somente aqueles que perseveram herdam a vida eterna de Deus. Por outro lado, todos que Deus escolheu para salvação recebem a fé verdadeira, e todos que recebem a fé verdadeira de Deus perseveram, e herdam a vida eterna.

1. REVELAÇÃO INESCAPÁVEL

ABSURDO INCOMPREENSÍVEL

Em seu ensaio, *“The Ethics of Belief”*, W. K. Clifford escreve: “Sempre é errado, em qualquer lugar, e para qualquer um, crer em qualquer coisa com evidência insuficiente”. Para muitas pessoas, essa freqüente declaração citada parece expressar a essência do bom senso e da racionalidade; contudo, no que se segue mostraremos que essa declaração é de fato ingênua e tola.

Primeiro, devemos entender corretamente a afirmação de Clifford, notando sua universalidade. Dizer que o princípio se aplica “sempre” e “em qualquer lugar”, indica que ele transcende culturas e eras, e dizer que ele se aplica a “qualquer um” e “qualquer coisa”, elimina qualquer exceção. Portanto, o princípio proposto se aplica a toda crença sem exceção.

O problema imediato é que o princípio falha em justificar a si mesmo. Que evidência temos de que “Sempre é errado, em qualquer lugar, e para qualquer um, crer em qualquer coisa com evidência insuficiente”? O próprio princípio é afirmado ser uma crença verdadeira, e assim devemos satisfazer os requerimentos que ele propõe. A menos que tenhamos evidência suficiente para dizer que devemos ter evidência suficiente para crer em qualquer coisa, a declaração é auto-destrutiva.

Em adição, o que Clifford quer dizer pela palavra “errado”? Ele não pode querer dizer factualmente errado, visto que uma pessoa não pode crer em algo que é factualmente correto, mesmo se por acidente, sem ter evidência suficiente para crença. Visto que seu ensaio discute as “éticas da crença”, devemos entender que por “errado” ele quer dizer moralmente errado. Isto é, ele está dizendo que é sempre moralmente errado crer em qualquer coisa sem evidência suficiente. Mas se ele quer dizer que é moralmente errado crer em qualquer coisa sem evidência suficiente, então devemos inquirir sobre a fonte de sua definição de moralidade, e se há evidência suficiente para ele adotar tal definição. Então, a menos que sua definição de moralidade seja absoluta e universal, por qual autoridade ele impõe essa moralidade sobre todos?

E a palavra “evidência”? Qual é a definição de Clifford de evidência, e por qual autoridade ele usa e impõe tal definição sobre o resto da humanidade? As pessoas discordam sobre o que constitui uma evidência para apoiar uma crença. Durante o debate entre o apologista cristão Greg Bahnsen e o ateu Gordon Stein,¹ uma pergunta da audiência endereçada a Stein foi: “O que pessoalmente para você constitui uma evidência adequada da existência de Deus?”. Dr. Stein respondeu:

Se esse palanque subitamente levantasse no ar, há 1 metro e meio do chão, permanecesse ali por um minuto, e então descesse novamente, eu diria que houve evidência do sobrenatural, pois isso violaria tudo que conhecemos sobre as leis de física e química, assumindo que não havia nenhum mecanismo embaixo dele, ou um arame amarrado a ele, para fazer aquelas óbvias exclusões. Isso seria evidência de uma violação sobrenatural das leis... ou poderíamos chamá-la de um milagre, diante dos seus olhos. Essa seria uma evidência que eu aceitaria. Qualquer espécie de

¹ Na Universidade de Califórnia (Irvine); Covenant Media Foundation, 1985.

sobrenatural acontecendo, e fazendo milagres que não poderiam ser encenações mágicas, também seria evidência que eu aceitaria.

Verdade? Coisas estranhas têm acontecido além de levitação inexplicável de objetos físicos. Os ateus não as chamam de milagres, mas consistente com suas pressuposições, eles assumem que são eventos naturais explicáveis por causas naturais. Mesmo se não puderem descobrir imediatamente as causas naturais para esses eventos, eles continuam assumindo que uma pesquisa futura desvelará. De acordo com eles, o que as pessoas primitivas criam ser eventos sobrenaturais, os cientistas agora explicam por causas naturais — na cosmovisão atéia, os milagres são rejeitados desde o princípio.

A cosmovisão de Stein rejeitaria o acontecimento de algo sobrenatural como evidência para Deus ou o sobrenatural, visto que suas pressuposições excluem a existência de tais seres; antes, cada evento é explicado sobre a suposição de que não há tais seres. Portanto, todas as aparições sobrenaturais são relegadas às alucinações das pobres vítimas desiludidas. A resposta do Dr. Stein não é somente amadora, mas é uma mentira. Jesus diz: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lucas 16:31).

O que alguém considera como prova conclusiva parece irrelevante para outra pessoa. Sobre a base da declaração de Clifford, uma pessoa deve ter evidência suficiente para mostrar que uma porção dada de evidência é relevante para a reivindicação sob exame. Certamente, a evidência que endossa a evidência deve também ser suportada por evidência mostrando que ela é relevante. Além do mais, Clifford diz que não devemos crer em nada baseado em evidência “insuficiente”, assim, se ignoramos o regresso infinito insolúvel acima mencionado, ainda teremos que definir que tipo ou quantidade de evidência é *suficiente*, o que, certamente, também devemos provar por evidência suficiente anterior. Mas se “suficiente” não foi definido ainda, e substanciado por evidência suficiente anterior — também indefinida e sem suporte de uma evidência suficiente e anterior — sob o princípio de Clifford não podemos aceitar a evidência que apóia sua definição de “suficiente” em seu princípio.

Se eu prefiro crer que há um unicórnio cor-de-rosa em meu quintal, por qual autoridade Clifford pode me impedir? Pela sua própria autoridade? Impondo seu princípio sobre minha epistemologia? Mas eu rejeito esse princípio. O que ele fará então? A menos que Clifford possa justificar seu princípio, eu posso da mesma forma facilmente dizer: “Sempre é *correto*, em qualquer lugar, e para qualquer um, crer em qualquer coisa *sem* evidência suficiente” — e realmente não tenho evidência suficiente para justificar essa reivindicação!

Por outro lado, Jesus diz que a Palavra de Deus é verdade (João 17:17). Visto que Deus é a autoridade moral última, ele tem o direito exclusivo de definir o certo e o errado, e visto que ele demanda que creiamos na verdade, que é a sua palavra, torna-se moralmente correto crer na Escritura e moralmente errado não crer nela. Além do mais, ele pode e impõe seus preceitos e mandamentos sobre todos, e resisti-lo é arriscar a condenação eterna. Assim, ele tem o direito de demandar crença na verdade, e ele tem o poder para forçar essa demanda. O Cristianismo é justificado pela autoridade de Deus, e nenhuma autoridade é anterior ou mais alta do que a dele. Na minha cosmovisão, o Deus Todo-poderoso força o princípio

epistemológico que ele prescreve, mas Clifford meramente deseja que aceitemos seu princípio auto-destrutivo.²

Qual é a natureza de uma evidência relevante e aceitável? É racionalista ou empírica? Se for racionalista, como pode saber que não é arbitrária? Qual evidência temos de que a evidência deve ser racionalista? E que tipo de evidência seria legítima para nos mostrar que a evidência deve ser racionalista? Se a evidência é empírica, ela é indutiva também, e se é indutiva, então para Clifford provar seu princípio, ele deve usá-lo para verificar cada proposição possível concebível por uma mente onisciente, a fim de ele afirmá-la sem falácia. Mas se ele não tem mostrado que esse princípio é correto por seu próprio princípio, então como ele pode verificar qualquer proposição pelo mesmo princípio? Assim, o princípio de Clifford destrói a si mesmo, gerando um *looping* lógico viciosamente circular.

Portanto, mesmo antes de apelar à autoridade bíblica, temos mostrado que o princípio de Clifford falha em ser a essência da racionalidade e do julgamento sadio. Antes, ele não tem sentido; é absolutamente absurdo. Em contraste, a epistemologia revelacional do Cristianismo aceita as proposições infalivelmente dadas pelo Deus Todo-poderoso onisciente. Nenhuma outra religião ou filosofia pode legitimamente fazer tal reivindicação, nem mesmo o Islamismo. Contrário ao que algumas pessoas pensam, o conceito de Deus do Islamismo é muito diferente do conceito de Deus do Cristianismo. De fato, o conceito de Deus do Islamismo é tal que, se alguém seguir suas implicações necessárias, faria com que Deus fosse incognoscível. Como um escritor observa: “Se eles pensassem de alguma forma profundamente, eles se veriam absolutamente incapazes de conhecer a Deus... Assim, o Islamismo leva ao Agnosticismo”.³ Certamente, os não-cristãos não pensam profundamente. Em todo caso, se o conceito de Deus do Islamismo tornar Deus incognoscível, isso somente mostra que o Islamismo é auto-contraditório, e assim auto-destrutivo.⁴ Outras religiões afirmam um deus ou deuses finitos. Além de apontar que os deuses politeístas frequentemente argumentam e lutam entre si na literatura relevante, como esses deuses finitos sabem o que eles sabem? Eles enfrentam o mesmo problema que Clifford falha em responder.

Somente o conceito cristão de Deus, como revelado pelo próprio Deus na Escritura, é consistente com um Deus que possui todo conhecimento, e ao mesmo tempo faz o conhecimento possível ao homem. Em Deus “estão todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Colossenses 2:3). Visto que Deus tem todo conhecimento, ele não requer nenhum maior — não há nenhum maior — para justificar seu conhecimento. Sua soberania absoluta implica que ele quer o que ele sabe, que ele sabe o que quer, e que não há erro em seu conhecimento.⁵ Ao mesmo tempo, “as coisas reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre” nas palavras da Escritura (Deuteronômio 29:29), e assim temos conhecimento também. Deus tem todo conhecimento — seu conhecimento consiste do que ele quer — e nosso conhecimento consiste do que ele deseja revelar.

² Certamente, Clifford *tenta* justificar seu princípio nesse ensaio, mas meu ponto é que ele, todavia, falha em responder as questões e objeções que coloco aqui.

³ Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*; Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1999; p. 371.

⁴ Certamente, se nosso propósito específico fosse expor o absurdo do Islamismo, então argumentaríamos em maior detalhe, citando as fontes relevantes.

⁵ Isto é, a vontade de Deus determina tudo, e visto que Ele sabe perfeitamente tudo o que Ele determinou, Ele também sabe tudo.

Por outro lado, visto que as religiões e filosofias não-cristãs não podem produzir uma epistemologia adequada e defensível — para não dizer infalível — sobre a base do pensamento não-cristão, não pode haver conhecimento de forma alguma. Se os sistemas de pensamento não-cristãos não podem fornecer um fundamento para o conhecimento — se eles não podem saber nada — então eles não podem nem mesmo começar ou produzir qualquer conteúdo. Se eles não podem começar ou ter qualquer conteúdo, então eles não podem possuir nenhum desafio ao Cristianismo. Sem uma epistemologia adequada e defensível — e até mesmo infalível — permanece que nenhuma proposição inteligível pode ser expressa sobre a base de cosmovisões não-cristãs, sem falar nas objeções contra a fé cristã. Algumas pessoas podem interpretar mal o que tem sido dito até aqui, entendendo que o Cristianismo rejeita o uso de evidência, ou que o Cristianismo não tem evidência para apoiar suas reivindicações. Mas isso não é o que queremos dizer; pelo contrário, temos mostrado que alguém como Clifford não pode fazer um desafio inteligível e coerente contra o Cristianismo, sobre a base de raciocínio a partir de evidência. Ele pode falhar em defender o princípio pelo qual ele procura guiar o uso de evidência. Ele pode ter uma definição para evidência, mas ele falha em defender tal definição. Ou, ele pode falhar em definir evidência também. Quando um não-cristão diz que ele rejeita o Cristianismo porque ele tem evidência insuficiente em seu favor, ele não sabe o que está dizendo; sua objeção é ininteligível. Da mesma forma, quando ele demanda evidência para a fé cristã, ele não sabe o que está pedindo. Sobre a base de sua cosmovisão, sua demanda — e realmente, cada declaração que ele faz — é completamente absurda.

Todavia, um estudo da apologética clássica ou evidencialista mostrará que, mesmo sobre a base de pressuposições não-cristãs, o Cristianismo é a cosmovisão superior.⁶ Isto é, mesmo que assumamos os princípios de verificação assumidos por muitos incrédulos, a fé cristã triunfará no debate.

Agora, visto que todos os princípios não-cristãos são injustificados e falsos, quando o cristão argumenta por sua fé baseado nessas pressuposições, ele está somente argumentando *ad hominem*. Por *ad hominem*, não nos referimos à falácia do ataque pessoal irrelevante. Pelo contrário, essa forma de argumento *ad hominem* toma premissas expostas pelo oponente, e validamente deduz a partir delas conclusões contrárias à posição dele, ou conclusões que seriam embaraçosas ou repulsivas a ele.⁷ Usando as próprias premissas não-cristãs, o apologista cristão deduz conclusões à favor da cosmovisão bíblica e que refutam a cosmovisão não-bíblica.

Contudo, visto que todas as premissas não-cristãs são injustificadas e falsas, os argumentos *ad hominem* baseados nessas premissas não provam o caso do cristão, mas somente destrói a posição do seu oponente. Por exemplo, embora eu tenha mostrado em outro lugar que as pressuposições e metodologias das investigações científicas tornam, antes de tudo, impossível descobrir qualquer coisa sobre a realidade,⁸ há realmente argumentos científicos em favor da posição cristã que servem para silenciar e refutar as objeções dos incrédulos contra a cosmovisão bíblica.

Sobre a base de pressuposições científicas, o cristão pode argumentar com sucesso que ela é mais racional do que não afirmar que o universo foi feito por um criador inteligente

⁶ Veja Vincent Cheung, *Evidential Apologetics*.

⁷ Isto é, um *reductio ad absurdum*.

⁸ Veja Vincent Cheung, *Presuppositional Confrontations*.

onipotente. Mesmo assim, visto que a ciência sempre é tentativa e falha em descobrir qualquer verdade, sobre a base da ciência, ninguém pode construir um caso positivo para o Cristianismo, ou qualquer outra cosmovisão. Isto é, mesmo que a ciência mostre que o Cristianismo é verdadeiro, não há maneira de provar que a própria ciência pode descobrir a verdade; antes, falácias lógicas impregnam todos os procedimentos científicos, de forma que a ciência nunca pode descobrir a verdade sobre qualquer coisa de forma alguma. Isto é, se a plausibilidade científica é feita o padrão da verdade, então podemos mostrar que o Cristianismo é superior, mas a plausibilidade científica não deveria ser feito o padrão da verdade.

Consideraremos outro exemplo de como o uso de evidência vindica as reivindicações bíblicas, embora as pressuposições não-cristãs não possam nem mesmo definir evidência ou fazer com que ela tenha sentido. O historiador C. Behan McCullagh escreve que a melhor explicação de um corpo de fatos históricos deve satisfazer os seguintes seis requerimentos:

1. Ele deve ter um grande escopo explanatório.
2. Ele deve ter um grande poder explanatório.
3. Ele deve ser plausível.
4. Ele não é improvisado ou inventado.
5. Ele deve estar de acordo com as crenças aceitas.
6. Ele é muito superior a qualquer uma das suas teorias rivais na satisfação das condições anteriores.⁹

William Lane Craig argumenta que a proposição “Deus ressuscitou Jesus dos mortos” satisfaz as condições acima.¹⁰ Os detalhes de seu argumento não são relevantes aqui. Se o seu argumento é bem sucedido, ele pareceria vindicar reivindicações bíblicas com respeito à ressurreição de Cristo, e refutar as objeções dos incrédulos. Contudo, estamos com razão curiosos se esses testes são confiáveis, e se uma explicação que satisfaça essas condições seja de fato verdade. Em primeiro lugar, por qual autoridade McCullagh lista e impõe esses testes sobre todas as explicações históricas?

Baseado nesses testes, o argumento de Craig não pode ser considerado uma prova conclusiva para a ressurreição de Cristo, pois esses próprios testes não têm sido conclusivamente justificados. Contudo, se o argumento de Craig de veras argumenta com sucesso a favor da ressurreição de Cristo *com relação a esses testes*, seu argumento é, na melhor das hipóteses, um argumento *ad hominem* que refuta todas as objeções contra a ressurreição de Cristo sobre a base desses princípios não-bíblicos. Assim, sobre a base dos princípios do historiador, ninguém pode conclusivamente provar nada sobre um evento histórico, e isso inclui a ressurreição. Mas ao mesmo tempo, baseado nesses mesmos princípios, não pode haver nenhum argumento bom contra a ressurreição. Todavia, se o argumento de Craig tem sucesso nesses testes, então se alguém adota esses testes como sendo o padrão da verdade com respeito aos assuntos históricos, ele deve vir a crer que Deus ressuscitou Jesus dos mortos.

⁹ C. Behan McCullagh, *Justifying Historical Descriptions*; Cambridge: Cambridge University Press, 1984; p. 19.

¹⁰ William Lane Craig, *God, Are You There?*; Norcross, Georgia: Ravi Zacharias International Ministries, 1999; p. 48.

Contudo, visto que todas cosmovisões não-cristãs (incluindo todas as religiões e filosofias não-cristãs) não tem qualquer justificação última,¹¹ não há realmente nada para impedi-las de colapsar em total ceticismo, mas ninguém pode reivindicar ser um cético pois o ceticismo é auto-destrutivo — ele é auto-contraditório em afirmar que sabemos que não podemos saber. Somente o Cristianismo resgata o intelecto do completo ceticismo; portanto, antes do que depender de um fundamento não-cristão para construir um caso para a cosmovisão bíblica, o cristão adota a epistemologia revelacional da infalibilidade bíblica. Não que os cristãos evitem ou rejeitem o uso de evidência — o problema é que as teorias não-cristãs de evidência são falhas. Visto que as teorias não-cristãs de evidência são completamente absurdas e deixam tudo no completo absurdo, quando os não-cristãos demandam evidência dos cristãos, eles não sabem o que eles estão pedindo. A menos que alguém assegure a inteligibilidade pelas pressuposições apropriadas, sua demanda por evidência é absurda e não pode ser logicamente entendida.

REVELAÇÕES INESCAPÁVEIS

Como explicarei no que se segue, a cosmovisão bíblica afirma o uso de evidência. De fato, uma implicação necessária do ensino bíblico é que toda proposição concebível é evidência de que o Cristianismo é verdadeiro. Em adição, uma vez que adotamos uma teoria correta de evidência, até mesmo as disciplinas extremamente tentativas da ciência e da história podem levar somente às conclusões consistentes com o sistema bíblico.

Agora, Romanos 1:18-20 diz:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis.

Alguns comentaristas têm uma interpretação mais ou menos empírica dessa passagem, de forma que eles pensam que ela ensina que, observando o universo, o homem deriva um conhecimento de Deus e de alguns dos seus atributos, e essa evidência na criação torna sua negação de Deus inescusável. Mas pensar que uma mente branca pode derivar essa informação a partir da observação é falso. É verdade que os homens devem encontrar evidência para o Deus cristão observando a natureza; o próprio pensamento é impossível sem as pré-condições da inteligibilidade. Visto que somente pré-condições que preservam a inteligibilidade são as pressuposições bíblicas, não é verdade que uma mente branca pode, através de métodos empíricos, derivar informação sobre Deus (ou qualquer outra coisa) a partir do universo.

Para um dado empírico ser inteligível — se é que um dado empírico possa ser de alguma forma inteligível — uma pessoa deve pressupor os primeiros princípios bíblicos. Paulo diz

¹¹ Vários pontos em minha apresentação requerem de mim fazer certas afirmações que eu apoiaria mais adequadamente em outro lugar. Por exemplo, eu argumentarei sobre o presente ponto no resto desse capítulo e no próximo capítulo. Assim, se você está perplexo ou incerto sobre certo ponto, uma parte final do capítulo ou do livro provavelmente o deixará claro.

que Deus colocou em cada mente humana tais princípios, de forma que a pessoa deve derivar conclusões cristãs a partir da observação do mundo. O homem por natureza possui um conhecimento inato de Deus, e é somente quando isso é pressuposto que ele pode interpretar corretamente a informação empírica. Isso não é dizer que a realidade é subjetiva, mas que, antes de tudo, é impossível adquirir conhecimento da realidade sem primeiro adotar totalmente a posição cristã. O ponto é que o homem já conhece a Deus antes dele observar o mundo externo; de outra forma, nenhum conhecimento poderia ser derivado de tal observação.

Concernente à nossa passagem de Romanos, Thomas R. Schreiner escreve: “Deus tem costurado na fábrica da mente humana sua existência e poder, de forma que eles são instintivamente reconhecidos quando alguém vê o mundo criado”.¹² Isso se aproxima da nossa posição; contudo, estamos dizendo mais do que isso — estamos dizendo que o conhecimento de Deus está presente na mente do homem antes de experimentar ou observar a criação, de forma que nenhum dado empírico é sequer requerido para alguém reconhecer as proposições inatas e as categorias de pensamento lhes dada no nascimento. Charles Hodge, embora de certa forma um empirista, admite: “Não é de uma mera revelação externa que o apóstolo está falando, mas daquela evidência do ser e da perfeição de Deus que todo homem tem na constituição de sua própria natureza, e em virtude da qual ele é capaz de apreender as manifestações de Deus em Suas obras”.¹³ Consequentemente, a NLT traduz: “Pois a verdade sobre Deus é conhecida por eles instintivamente. Deus colocou esse conhecimento em seus corações”.

Mesmo que os argumentos gramaticais ao redor do versículo 19 sejam inconcludentes,¹⁴ Romanos 2:14-15 dissipa toda dúvida de que Deus tenha concedido ao homem um conhecimento inato sobre si mesmo:

De fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena,¹⁵ tornam-se lei para si mesmos,¹⁶ embora não possuam a Lei; pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os.

Esses dois versículos ensinam que o conhecimento inato do homem é específico. Não é somente um senso geral do divino, ou uma propensão instintiva à adoração; antes, esse conhecimento inato inclui pelo menos o código moral básico da Bíblia cristã. Robert Haldane comenta: “Essa luz natural do entendimento é chamada de a lei escrita no coração, pois ela é impressa na mente pelo Autor da criação, e é a obra de Deus tanto quanto a impressão sobre

¹² Thomas R. Schreiner, *Baker Exegetical Commentary on the New Testament: Romans*; Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1998; p. 86.

¹³ Charles Hodge, *A Commentary on Romans*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1997 (original: 1835); p. 36.

¹⁴ Leon Morris, *The Pillar New Testament Commentary: The Epistle to the Romans*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988; p. 78-80.

¹⁵ A NJB usa o termo “sentido inato”.

¹⁶ Isso apenas significa que embora os gentios careçam da revelação explícita da Escritura, seu conhecimento inato da lei moral de Deus é suficiente para condená-los (2:12). Isto é, “Eles mostram que em seus corações eles sabem o que é certo e o que é errado. Eles demonstram que a lei de Deus está escrita dentro deles” (NLT).

as tábuas de pedra”.¹⁷ Portanto, embora possamos ser incapazes de enumerar cada proposição incluída nesse conhecimento inato, sabemos que ele é detalhado e específico o suficiente para excluir todas as cosmovisões e religiões não-cristãs; somente o Cristianismo é compatível com ela.

O versículo 15 menciona “consciência” — contrário à afirmação de alguns, devemos deixar claro que ela não é uma parte do ser humano distinta da mente ou intelecto. A tricomotia antropológica e a pregação popular ensinam que a consciência é a voz de um “espírito” ou “coração” não-intelectual; contudo, “espírito” e “coração” na Escritura são termos intelectuais, e são mui frequentemente sinônimos de “mente”. O versículo diz que as *consciências* das pessoas estão trabalhando quando seus *pensamentos* estão os acusando ou defendendo. Portanto, consciência é uma função da mente, e não uma parte não-intelectual separada do homem.

J. I. Packer define consciência como “o poder embutido de nossas mentes de executar julgamentos morais sobre nós mesmos, aprovando ou desaprovando nossas atitudes, ações, reações, pensamentos e planos, e dizendo-nos, em caso de desaprovação, que devemos sofrer por isto”.¹⁸ Contudo, contrário ao que algumas pessoas ensinam, não é verdade que alguém sempre fará a coisa certa se ele ouvir sua consciência. Isso porque a consciência é meramente uma função moral da mente, e não um padrão moral infalível — a Escritura é o único padrão moral infalível. Paulo escreve que algumas pessoas “têm a consciência cauterizada” (1 Timóteo 4:2). A consciência “pode ser mal informada, ou condicionada a considerar o mal como bem”, e “pode levar uma pessoa a ver como pecaminosa uma ação que a Palavra de Deus declara como não pecaminosa”.¹⁹

O que a consciência aprova não é necessariamente bom, e embora não seja seguro violar a consciência de alguém, o que ela desaprova não é necessariamente mal (Romanos 14:1-2,23). Somente os preceitos morais de Deus, como revelados na Escritura, carregam autoridade final para fazer julgamentos morais, e não uma avaliação subjetiva baseada nessa função inata da mente. Todavia, à medida que a consciência de uma pessoa é mais informada e treinada pelas palavras da Escritura, ela se tornará crescentemente mais confiável ao fazer decisões morais.

João Calvino menciona o conhecimento inato de Deus na mente do homem em suas *Institutas da Religião Cristã*. Embora o que se segue tenha sido tirado da tradução de Battles, eu também cito a tradução de Beveridge nas notas de rodapé, onde sua tradução é mais útil e preferível:

Há na mente humana, e deveras por instinto natural, uma percepção da divindade. Isso está fora de controvérsia. Para prevenir alguém de tomar refúgio na pretensão de ignorância, o próprio Deus implantou em todos os homens certo entendimento de sua majestade divina. Sempre renovando a mente deles, ele repetidamente derrama novas gotas.²⁰ Portanto, quando alguém e todos percebem que há um Deus e que ele é o seu Criador, eles são condenados por seu próprio testemunho, pois eles falham em lhe

¹⁷ Robert Haldane, *Commentary on Romans*; Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1996 (original: 1853); p. 99.

¹⁸ J. I. Packer, *Concise Theology*; Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1993; p. 96.

¹⁹ *Ibid.*, p. 97.

²⁰ A tradução de Henry Beveridge traz o seguinte: “...a memória dos quais Ele constantemente renova e ocasionalmente alarga...” (I, iii, 1); John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998; Vol. 1, p. 43.

honrar e consagrar suas vidas à sua vontade... Tão profundamente a concepção comum tem ocupado a mente de todos, tão tenazmente ela é inerente nos corações de todos!²¹

...Homens de julgamento sadio sempre estarão seguros que um senso da divindade, que nunca pode ser apagado, está gravado nas mentes dos homens... Pois o mundo... tenta tanto quanto é capaz lançar fora todo conhecimento de Deus, e por todos os meios corromper a adoração dele. Eu apenas digo que, apesar da estúpida dureza em suas mentes, pela qual os ímpios avidamente invocam rejeitar a Deus, todavia, o sendo da divindade, que eles grandemente desejam que seja extinguido, floresce e presentemente se desenvolve. Disso concluímos que essa não é uma doutrina que devemos aprender primeiro na escola, mas é uma na qual cada um de nós é mestre desde o ventre da sua mãe, e cuja própria natureza não permite que seja esquecida, embora muitos lutem com toda força para esse fim.²² (I, iii, 1 e 3)²³

A mente do homem não nasce uma *tabula rasa* — ela não é uma ardósia branca que não tem nenhuma informação *a priori*. Pelo contrário, todo ser humano nasce com um conhecimento e percepção inata de Deus. Os pré-requisitos para a aquisição de linguagem, o pensamento racional e a contemplação teológica são inerentes na mente do homem. Portanto, ninguém pode pensar ou falar sem assumir e usar premissas bíblicas que forneçam a pré-condição da inteligibilidade, de forma que até mesmo objeções contra qualquer aspecto do Cristianismo deve primeiro pressupor a cosmovisão cristã inteira como sendo significante. Mas uma vez que alguém pressupõe a cosmovisão cristã inteira, a força e a substância de todas as objeções se desvanecem.

Ninguém pode fazer sentido de nem mesmo religiões falsas como o Budismo e o Islamismo, sem primeiro adotar as pressuposições bíblicas que permitem a lógica, a linguagem e a ética serem significantes. É necessário pressupor o Cristianismo, visto que o Cristianismo rejeita todas as outras religiões desde o princípio, e uma vez que o pressupomos, as outras cosmovisões não podem ser verdadeiras. Sem pressupor as premissas cristãs, não podemos chegar a nenhuma verdade ou conhecimento, mas então não podemos saber que não podemos saber nada, e não pode ser verdade que nada é verdade. Assim, o Cristianismo é uma pré-condição necessária de inteligibilidade e conhecimento; o todo da Bíblia é verdadeiro por necessidade.

Esse é o básico para a afirmação previamente declarada de que toda proposição concebível é evidência, não somente para a existência de Deus, mas para a verdade de toda a cosmovisão cristã. “O assassinato é errado” é uma proposição que carece de qualquer justificação autoritativa, a menos que uma pessoa onisciente e todo-poderosa tenha verbalmente expresso

²¹ Beveridge: “...tão profundamente tem essa convicção comum possuído a mente, de forma que ela é firmemente estampada sobre os seios de todos os homens”; *Ibid.*, p. 43.

²² Beveridge: “Porque o mundo... labora tanto quanto pode para livrar-se de todo conhecimento de Deus, e corrompe sua adoração de inúmeras formas. Eu somente digo que, quando a dureza estúpida de coração, a qual o ímpio avidamente abriga como um meio de desprezar Deus, se torna debilitada, o sendo da Deidade, que de todas as coisas que eles desejam mais sejam extingas, ainda está em vigor, e agora e então se adianta. Disso inferimos que essa não é uma doutrina que foi primeiro aprendida na escola, mas uma que todo homem, desde o ventre, é seu próprio mestre; uma cuja própria natureza não permite nenhum individuo esquecer, embora muitos, com toda sua força, tentem fazê-lo”; *Ibid.*, p. 45.

²³ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*; Editado por John T. McNeill; Traduzido por Ford Lewis Battles; Philadelphia: The Westminster Press, 1960; p. 43-46.

sua proibição de tal ato às criaturas que carregam sua imagem de uma mente racional, e então forçar tal mandamento com uma punição que ele considera apropriada, tal como a condenação eterna. O Ateísmo e o Mormonismo não têm base sobre a qual declarar o assassinato como moralmente repreensível. Sobre suas pressuposições, eles não podem nem mesmo fazer com que a palavra errado seja aplicável universalmente. Eles não podem definir *assassinato* de uma maneira autoritativa, nem podem autoritativamente forçar quaisquer regras contra a prática.

“O assassinato é errado” encontra justificção racional somente dentro da cosmovisão cristã. Embora muitos não-cristãos pensem que o assassinato é errado, se suas cosmovisões não-cristãs não podem levar à conclusão de que o assassinato é errado, e se somente o Cristianismo pode produzir tal conclusão, isso pode apenas significar que esses não-cristãos têm pressuposto o Cristianismo para chegar à conclusão deles.

Em adição, embora “o assassinato é correto” seja falso segundo as pressuposições bíblicas, a própria proposição é inteligível somente dentro do sistema bíblico, pois fora da cosmovisão cristã é impossível definir ou justificar os conceitos de certo e errado, e qualquer definição de assassinato.

Certamente, estamos usando o assassinato somente como um exemplo, e o acima exposto realmente se aplica a toda proposição, de forma que os incrédulos de fato empregam pressuposições bíblicas em cada proposição que eles expressem e em cada ação que eles realizem. Portanto, contrario à objeção de que há evidência insuficiente para a existência de Deus ou para a verdade do Cristianismo, a revelação de Deus é inescapável, pois Deus tem feito a verdade clara e específica (Romanos 1:19).

Contudo, os incrédulos recusam reconhecer ou agradecer a Deus, que tem provido cada ser humano com a pré-condição de inteligibilidade e conhecimento. Paulo condena os incrédulos por isso quando ele escreve:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça... porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se... Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. (Romanos 1:18,21,28)

O problema nunca tem sido uma falta de evidência, mas o problema é que os incrédulos “suprimem a verdade” pela sua impiedade. Eles já conhecem sobre Deus; o conhecimento é tanto uma parte deles que eles não podem escapar dele. Contudo, por causa de sua tolice e impiedade, eles recusam admitir que eles tenham esse conhecimento. Mas embora os incrédulos veementemente neguem a Deus, eles permanecem criaturas feitas à sua imagem, e, portanto, eles devem empregar premissas bíblicas em tudo o que eles pensam ou dizem. Para o cristão, esse fato fornece a base de uma estratégia invencível de argumentação, que exploraremos mais tarde.

A evidência está presente, mas suprimida. Atos 14:17 diz: “Contudo, Deus não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheitas no tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria”. O que parecem ser

eventos naturais e ordinários, tais como chuva e colheita, devem fazer o homem lembrar do que ele sabe sobre Deus, indelevelmente imprimido em sua mente.

Embora esse conhecimento sobre Deus esteja implícito em tudo o que ele diz e faz, algumas vezes ele é mais claramente apresentado. Paulo diz aos atenienses que até os poetas gregos escreveram: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” e “Somos descendência dele” (Atos 17:28). Mas se somos sua criação, então como podemos justificar a adoração de ídolos — isto é, servir objetos inferiores a nós? Consequentemente, Paulo diz: “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem” (v. 29).

A adoração não-cristã é incompatível com o conhecimento inato de Deus. O que o homem conhece em sua mente é substancial e específico o suficiente para excluir as formas não-cristãs de adoração. Assim, esse conhecimento inato não somente exclui o ateísmo, mas também o Budismo, Islamismo e todas as outras religiões e filosofias não-cristãs. Os escritos dessas religiões e filosofias falsas mostram um conhecimento inato das pressuposições cristãs, mas então eles recusam pôr em prática o que eles sabem ser verdade. Como Paulo diz:

Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tomaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. (Romanos 1-21-23)

Qual, então, é o veredicto? Visto que a revelação de Deus é inescapável, a supressão do homem dessa revelação é, dessa forma, inescusável: “Pois desde a criação do mundo, os atributos invisíveis de Deus e seu eterno poder têm sido vistos claramente pelo entendimento da mente das coisas criadas. E assim, essas pessoas não tem escusa” (v. 20, NJB). O grego diz que essas pessoas não têm *apologia* — sem apologética; as posições não-cristãs deles são indefensíveis. Um aspecto da defesa da nossa fé envolve demonstrar que os incrédulos não têm absolutamente nenhuma defesa para as suas próprias crenças. Antes, nós os temos pegado em flagrante — eles negam a fé cristã enquanto continuam usando as pressuposições cristãs.

Essa supressão inescusável da verdade e evidência leva à sua inevitável condenação: “Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça” (v.18). A ira de Deus está sendo derramada contra os réprobos mesmo nessa vida, à medida que Deus lhes dá uma mente depravada: “Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam” (v, 28). A impiedade deles se torna cada vez pior, e seus pecados se tornam crescentemente grotescos e não-naturais. Como exemplos, Paulo menciona a homossexualidade e a idolatria:

Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a

cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. (v. 24-27)

Paulo também menciona outros pecados pelos quais Deus os punirá com tormento eterno no inferno:

Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis. Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam. (v. 29-31)

Os incrédulos não fazem essas coisas em ignorância absoluta, mas Paulo novamente enfatiza o conhecimento inato deles de Deus no versículo 32: “Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam”. Eles sabem o que Deus requer, mas recusam aquiescer; além do mais, eles aprovam aqueles que se rebelam contra ele. Isso descreve os incrédulos de nossa geração tanto quanto de qualquer outra geração — não somente eles desprezam os mandamentos de Deus, mas eles aprovam os outros que fazem o mesmo, de forma que eles até mesmo apóiam e encorajam os ateus, idólatras, homossexuais, aborticionistas e todos os tipos de pessoas detestáveis e ímpias. Em seus corações, eles conhecem sobre Deus e seus mandamentos. Assim como a revelação de Deus para eles é inescapável, a condenação deles é inevitável.

ARGUMENTAÇÃO INVENCÍVEL

Antes de delinear a estratégia de argumentação contra todos os sistemas de pensamento não-cristão, resumiremos primeiro o que temos estabelecido até aqui. Embora já tenhamos repetido os temas básicos diversas vezes, muito do acima exposto é novo para muitos leitores, e será útil fornecer repetições e paráfrases adicionais antes de seguirmos adiante. Assim, resumiremos novamente a posição cristã.

Deus criou o homem à sua própria imagem. Essa imagem consiste não em seu corpo ou um “espírito” anti-intelectual, como o termo é frequentemente usado de forma errônea; antes, a imagem de Deus refere-se à nossa mente racional, que é muito limitada comparada à mente de Deus, mas é, todavia, similarmente estruturada. Isso não somente separa o homem dos animais, mas faz também possível a comunicação verbal significativa e até mesmo extensiva entre Deus e o homem. Um cachorro não pode entender os Dez Mandamentos ou a doutrina da predestinação.

A mente do homem não nasce branca, para ser preenchida com informação adquirida por experiência. Sem formas e categorias *a priori* já presentes na mente, nenhum dado empírico pode fornecer conhecimento ao homem.²⁴ Em todo caso, a Escritura ensina que o homem nasce com um conhecimento inato de Deus, de forma que aparte de qualquer experiência, o homem sabe algo sobre Deus e algo sobre o código moral que Deus impôs sobre toda a humanidade. Esse conhecimento é específico e detalhado o suficiente para contradizer e

²⁴ Mesmo com essas formas e categorias mentais, o conhecimento ainda não pode vir da sensação. Veja meus escritos sobre os problemas do empirismo.

excluir todos os sistemas de pensamento não-cristãos, e demandar a adoção da completa revelação cristã.

Agora, as investigações empíricas não podem ensinar ao homem o que ele já sabe,²⁵ mas somente o *logos* divino pode transmitir informação à mente do homem, em adição ao conhecimento inato que ele possui. Contudo, embora seja impossível adquirir qualquer conhecimento por meios empíricos, a observação da natureza pelo homem pode lembrá-lo sobre o que ele já sabe sobre Deus. Portanto, a observação do universo não adiciona informação à mente do homem; antes, ela fornece a ocasião para uma ou ambas as coisas ocorrerem. Primeiro, a observação estimula a mente para recordar o que Deus já colocou nela. Segundo, a observação estimula a mente para intuir o que o *logos* imediatamente transmite a ela na ocasião da observação, frequentemente sobre o que a pessoa está observando. Em ambos os casos, nenhuma informação vem do ato da própria observação.

Embora o conhecimento inato no homem seja específico e detalhado o suficiente para excluir todos os sistemas de pensamento não-cristão, e para demandar completa aderência ao Cristianismo, ele não contém a revelação bíblica inteira. Isto é, ele não contém todas as proposições na Bíblia. Ele é suficiente para deixar o homem culpável, mas qualquer informação que Deus tenha colocado na mente do homem e na criação não é um conhecimento salvador.²⁶ Isso significa que esse conhecimento é suficiente para condenar todos, mas não suficiente para salvar alguém. Ele é plenamente compatível e somente compatível com a fé cristã, mas ele não contém todas as proposições bíblicas. Como o Catecismo Maior de Westminster diz: “A própria luz da natureza no espírito do homem e as obras de Deus claramente manifestam que existe um Deus; porém só a sua Palavra e o seu Espírito o revelam de um modo suficiente e eficazmente aos homens para a sua salvação”.²⁷ A “luz da natureza no homem” aqui se refere à iluminação ou conhecimento intelectual sobre Deus que ele tem colocado na mente do homem.

Visto que o conhecimento inato no homem é insuficiente para salvação, a doutrina da necessidade da Escritura naturalmente emerge. Mas uma revelação verbal é necessária também por causa dos efeitos noéticos do pecado, isto é, os efeitos destrutivos do pecado sobre a mente. Como Paulo diz: “Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tomaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se” (v. 21). O homem continua sendo a imagem de Deus após a queda de Adão; de outra forma, ele não mais seria humano. Assim, o homem ainda conhece sobre Deus, mas por causa de sua mente ter sido “obscurecida”, ele recusa reconhecer e adorar a Deus.

Embora seja inescapável que os incrédulos implicitamente reconheçam a Deus e dependam de premissas bíblicas em sua fala e conduta, por causa de sua tolice e pensamento ímpio, eles recusam explicitamente glorificar a Deus e afirmar a Escritura; pelo contrário, eles dão crédito a alguém ou algo mais. Isso provoca a ira de Deus, que então lhes dá uma crescente

²⁵ Veja Augustine, *De Magistro*.

²⁶ Aqueles que nunca ouviram o evangelho são, todavia, condenados por rejeitar o que eles já conhecem pelo seu conhecimento inato de Deus. Além da informação requerida para salvação, várias outras doutrinas bíblicas estão ausentes desse conhecimento inato, tais como ensinamentos bíblicos sobre governo da igreja e segunda vinda. Até mesmo o que é parte desse conhecimento inato, claro o suficiente para tornar uma pessoa culpável, é frequentemente obscurecido e distorcido pelos efeitos noéticos do pecado. Portanto, embora o homem realmente possua conhecimento inato específico e detalhado sobre Deus, a Escritura é necessária.

²⁷ *The Book of Confessions*; Louisville, Kentucky: Presbyterian Church, USA, 1999; p. 195.

corrupção e escuridão de mente, resultando numa iniquidade ainda maior neles. Certamente, em tudo isso, Deus exerce controle preciso sobre a mente de cada indivíduo, de forma que sua rejeição do Cristianismo tem realmente sido decretada por Deus: “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18). Sobre essa base teológica, construiremos agora uma estratégia para a argumentação cristã.

Todo mundo tem uma cosmovisão. Uma cosmovisão consiste de uma rede de proposições inter-relacionadas, a soma da qual forma “uma concepção ou apreensão abrangente do mundo”.²⁸ Uma dada cosmovisão pode ser chamada de uma “religião” ou uma “filosofia”, por causa de seu conteúdo específico, mas ela é, todavia, uma cosmovisão. Assim, por cosmovisão estamos nos referindo a qualquer religião, filosofia ou sistema de pensamento.

Toda cosmovisão tem um ponto de partida ou primeiro princípio do qual o resto do sistema é derivado. Algumas pessoas reivindicam que uma cosmovisão pode ser uma rede de proposições mutuamente dependentes sem um primeiro princípio. Contudo, isso é impossível, pois tal concepção de uma cosmovisão em si mesmo requer, antes de tudo, uma justificação epistemológica, a qual provavelmente seria o seu ponto de partida. Se esse ponto de partida carece de justificação, então cada proposição na rede carece de justificação. A reivindicação de que elas dependem uma das outras não ajuda de forma alguma, mas somente significa que todas elas caem juntas. Numa rede de proposições, algumas proposições seriam mais centrais para a rede, a destruição da qual destruiria as proposições mais afastadas do centro. Mas até mesmo as reivindicações mais centrais requerem justificação, e uma cosmovisão na qual as proposições dependam umas das outras numa forma que careça um primeiro princípio está, na análise final, exposta como não tendo nenhuma justificação de forma alguma. A reivindicação de que uma cosmovisão pode ser uma rede de proposições mutuamente dependentes sem a necessidade de um primeiro princípio é realmente uma tentativa de evitar o fato de que todas as proposições em tal rede carecem de justificação.

Portanto, permanece que toda cosmovisão requer um primeiro princípio ou autoridade última. Sendo primeiro ou último²⁹, tal princípio não pode ser justificado por qualquer autoridade prévia ou maior; de outra forma, ele não seria o primeiro ou último. Isso significa que o primeiro princípio deve possuir o conteúdo para se justificar. Por exemplo, a proposição “Todo conhecimento vem da experiência sensorial” falha em ser um primeiro princípio sobre o qual uma cosmovisão pode ser construída. Isso é porque se todo conhecimento vem da experiência sensorial, então isso propõe que o primeiro princípio deve também ser conhecido somente pela experiência sensorial, mas antes de justificar o princípio, a confiabilidade da experiência sensorial não tem sido estabelecida ainda. Assim, o princípio gera um círculo vicioso e auto-destrutivo. Não importa o que possa ser deduzido validamente de tal princípio — se o sistema não pode sequer começar, o que se segue do princípio é sem justificação.

É impossível também começar uma cosmovisão com um primeiro princípio auto-contraditório. E isso porque as contradições são ininteligíveis e sem significado. A lei da contradição declara que “A não é não-A”, ou que algo não pode ser verdade e não-verdade ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Uma pessoa deve assumir essa lei mesmo na tentativa de rejeitá-la; de outra forma, ele não pode nem mesmo distinguir legitimamente entre aceitar e

²⁸ *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Incorporated, 2001; "weltanschauung." *The Cambridge Dictionary of Philosophy, Second Edition*: "Uma cosmovisão constitui uma perspectiva sobre a vida que resume o que sabemos sobre o mundo"; New York: Cambridge University Press, 2001; "Wilhelm Dilthey," p. 236.

²⁹ Nota do tradutor: “Último” no sentido de fundamental, decisivo, supra-sumo, supremo.

rejeitar essa lei. Mas uma vez que ele a assuma, ele não mais pode rejeitá-la, visto que ele já a assumiu. Se dissermos que a verdade pode ser contraditória, então podemos dizer também que a verdade não pode ser contraditória, visto que já abandonamos a distinção entre poder e não poder. Se não afirmamos a lei da contradição, então cachorros são gatos, elefantes são ratos, “Eu vejo Jane correr” pode significar “Eu casei”, e “Eu *rejeito* a lei da contradição” pode significar “Eu *afirmo* a lei da contradição”, ou até mesmo “Eu sou um idiota”. Se não é verdade que “A não é não-A”, qualquer coisa pode significar qualquer coisa e nada ao mesmo tempo, e anda é ininteligível.

Visto que nenhum primeiro princípio pode contradizer a si mesmo, devemos rejeitar o ceticismo epistemológico, porque ele é auto-contraditório. Quando usado no sentido filosófico, “cético” refere-se àquele que mantém que “nenhum conhecimento é possível... ou que não há evidência suficiente ou adequada para dizer que qualquer conhecimento é possível”.³⁰ Ambas as expressões de ceticismo são auto-contraditórias — um reivindica *saber* que não pode saber nada, e o outro reivindica *saber* que há evidência inadequada para saber alguma coisa. Se uma pessoa reivindica que ninguém pode saber se alguém pode saber alguma coisa, então ela já está reivindicando *saber* que ninguém pode saber se alguém pode saber alguma coisa, e assim, contradiz a si mesma.

Os primeiros princípios são indefensáveis, e o ceticismo total é auto-contraditório, e assim indefensável. Isso significa que um primeiro princípio adequado deve garantir a possibilidade do conhecimento. Mas em adição para fazer o conhecimento meramente possível, ele deve também fornecer uma quantidade adequada de conhecimento. Por exemplo, “Meu nome é Vincent” pode ser uma declaração verdadeira, mas ela não me diz nada sobre a origem do universo, ou se roubar é imoral. Ela nem mesmo me dá o conceito de “origem” ou “moralidade”. Em adição, embora ela possa ser uma declaração verdadeira, como eu sei, antes de tudo, que ela é verdadeira? A proposição “Meu nome é Vincent” não prova que meu nome é realmente Vincent; ela não se justifica. Portanto, um primeiro princípio é inadequado se ele falha em fornecer informação concernente à epistemologia, metafísica e ética, e se ele falha em se justificar.

Por pelo menos as razões acima, um primeiro princípio não pode ser baseado na indução, no qual a premissa não leva inevitavelmente à conclusão, tal como o raciocínio a partir do particular para o universal. Por exemplo, nenhuma quantidade de investigação empírica pode justificar a proposição “Todo ser humano tem um cérebro”. Para estabelecer uma proposição geral como essa por meios empíricos, uma pessoa deve examinar todos os seres humanos que já viveram, que estão vivos agora, e visto que essa é uma proposição sobre os seres humanos, ele deve examinar também todos os seres humanos que viverão no futuro. Além do mais, enquanto ele estiver examinando os seres humanos numa parte do mundo, ele deve de alguma forma se assegurar que a natureza do homem não mudou naquelas partes do mundo cujos seres humanos ele já estudou.

Em adição, como ele prova que sabe que um dado ser humano tem uma mente simplesmente porque ele pensa que está olhando para ele? Ele deve fornecer justificação para tal reivindicação de que ele sabe que algo está ali simplesmente porque ele pensa que ele está olhando para ele. Mas seria viciosamente circular dizer que ele sabe que algo está ali simplesmente porque ele pensa que ele está olhando para ele, pois o que ele pensa que está olhando está realmente ali, e ele sabe que ele está realmente ali porque ele pensa que ele está

³⁰ *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, “Céticos”, p. 850.

olhando para ele. Adicionado à situação agora já impossível, para provar essa proposição geral sobre os seres humanos pelo empirismo e indução, ele deve também examinar seu próprio cérebro.

Sobre a base da indução, seria impossível definir um ser humano visto que, antes de tudo, o conceito de um ser humano é também universal. De fato, sobre a base da indução, uma pessoa nunca pode estabelecer qualquer proposição, para não dizer uma proposição universal como “Todos os homens são mortais”.

Algumas pessoas tentam salvar a indução dizendo que, embora ela não possa conclusivamente estabelecer qualquer proposição, ela pode pelo menos estabelecer uma proposição como provável. Mas isso seria tanto enganoso como falso. Probabilidade refere-se à “relação dos números de realizações numa séria exaustiva de realizações igualmente prováveis que produzem um dado evento ao número total de realizações possíveis”.³¹ Mesmo que concedamos que os métodos empíricos e indutivos possam descobrir o numerador da fração (embora eu negue que eles possam sequer fazer isso), determinar o denominador requer conhecimento de um universal, e a onisciência é frequentemente necessária para estabelecer isso.

Visto que a probabilidade consiste de um numerador e um denominador, e visto que o denominador é um universal, e visto que os métodos empíricos e indutivos não podem conhecer denominadores universais, então dizer que a indução pode chegar a um conhecimento “provável” é absurdo. Mesmo aparte de outros problemas insolúveis inerentes ao próprio empirismo, uma epistemologia que é baseada sobre um princípio empírico não pode ter sucesso, visto que o empirismo necessariamente depende da indução, e a indução sempre é uma falácia formal.

Por outro lado, a dedução produz conclusões que são garantidas serem verdadeiras se as premissas são verdadeiras e se o processo de raciocínio é válido. Embora o racionalismo seja menos popular, ele é um tremendo aprimoramento sobre o empirismo, pois ele raciocina usando dedução ao invés de usar métodos empíricos e indutivos. Mas ainda, o racionalismo não-cristão não pode ter sucesso ao estabelecer uma cosmovisão verdadeira e coerente, e nós examinaremos brevemente alguns dos seus problemas.

O racionalismo seleciona um primeiro princípio (ou como na geometria, começa com um ou mais axiomas) e deduz o resto do sistema a partir dele. Se o primeiro princípio é verdadeiro e o processo de raciocínio dedutivo é válido, então as proposições ou teoremas subsidiários seriam todos necessariamente verdadeiros.

Um problema principal com o racionalismo tem a ver com como ele seleciona um primeiro princípio.³² Se o primeiro princípio proposto é auto-contraditório, então certamente ele deve ser rejeitado. Mas mesmo que o princípio proposto não seja auto-contraditório, ele deve também ser auto-justificatório para evitar a acusação de ser arbitrário. Embora eu diga que somente o primeiro princípio bíblico seja auto-justificatório, mesmo que um primeiro princípio não-bíblico proposto seja auto-consistente e auto-justificatório, ele deve ser amplo o

³¹ Merriam-Webster, “probabilidade”.

³² Algumas pessoas consideram o racionalismo uma abordagem que rejeita toda revelação sobrenatural desde o princípio, e isso é de veras verdade de alguns sistemas racionalistas. Mas como uma abordagem para o conhecimento, o racionalismo não inclui uma rejeição inerente de revelação; antes, se ele aceita ou rejeita a revelação depende do primeiro princípio selecionado a partir de um sistema racionalista particular.

suficiente para fazer o conhecimento possível. Ele deve conter conteúdo suficiente de forma que alguém possa deduzir uma cosmovisão adequada dele.

Assim, colocar a proposição “Meu nome é Vincent” como o primeiro princípio numa cosmovisão racionalista resultaria nas falhas mencionadas anteriormente.

Ainda outro problema com o racionalismo não-revelacional é que há várias escolas de sistemas racionalistas, e seus pontos de partida são todos diferentes e incompatíveis. Qual é correto? Uma cosmovisão racionalista com um primeiro princípio arbitrário não pode ser bem sucedida. Embora a abordagem racionalista dedutiva seja muito superior à abordagem empírica indutiva, ela também resulta em falha. Visto que sempre que uma pessoa usa ambas as abordagens, ela inevitavelmente introduz os problemas dessa abordagem em sua cosmovisão, uma mistura de racionalismo e empirismo não alcançaria nada mais do que uma combinação de falhas fatais de ambos os métodos.

Em adição, as proposições dentro de uma cosmovisão não devem contradizer umas às outras. Por exemplo, o primeiro princípio de uma cosmovisão não deve produzir uma proposição em ética que contradiga outra proposição em ciência.

Por esse ponto, tendo examinado as condições para um primeiro princípio adequado, os problemas do empirismo e da indução, e os problemas do racionalismo não-bíblico, já temos destruído efetivamente todos os sistemas não-cristãos existentes e possíveis. Eles simplesmente não podem satisfazer todos os requerimentos que temos listado. Isso inclui o Islamismo, o Mormonismo e as outras religiões não-cristãs que reivindicam ser fundamentas na revelação, visto que sob exame, uma pessoa verá que suas alegadas revelações não podem satisfazer as condições relevantes.

Nossa estratégia para a apologética bíblica começa com o reconhecimento de que o Cristianismo é o único sistema dedutivo com um primeiro princípio auto-consistente e auto-justificador, que tem sido infalivelmente revelado por um Deus onipotente e onisciente, e que é amplo o suficiente para fornecer um número suficiente de proposições para se construir uma cosmovisão abrangente e auto-consistente. O Cristianismo é a única cosmovisão verdadeira, e somente ele faz o conhecimento possível. Todos os outros sistemas de pensamento colapsam no ceticismo filosófico, mas visto que o ceticismo é auto-contraditório, ninguém pode permanecer em tal posição, e o Cristianismo é a única maneira de sair do abismo epistemológico.

Visto que o conhecimento é impossível sobre a base de princípios não cristãos, mas é possível somente quando pressupomos a infalibilidade bíblica como o primeiro princípio, isso significa que os incrédulos estão implicitamente pressupondo premissas bíblicas sempre que eles afirmam proposições verdadeiras. Além do mais, visto que a infalibilidade bíblica não somente é pré-condição do conhecimento, mas também a pré-condição da inteligibilidade, na realidade os incrédulos estão implicitamente pressupondo premissas bíblicas mesmo quando eles afirmam proposições falsas. De outra forma, essas proposições seriam ininteligíveis, quer verdadeiras ou falsas, e seria impossível afirmar qualquer uma delas.

Mesmo aqueles incrédulos que nunca têm aprendido os conteúdos da Escritura podem e empregam pressuposições cristãs, pois Deus implantou um número mínimo delas em cada pessoa. Todos incrédulos implicitamente pressupõem premissas bíblicas sempre que eles pensam ou falam; contudo, eles recusam admitir isso mesmo para eles mesmos. Assim,

embora eles não possam escapar de seu conhecimento implícito sobre Deus, eles negam esse conhecimento em sua filosofia explícita.

Entre outras coisas, uma estratégia bíblica de apologética desafia os não-cristãos a serem consistentes com suas próprias cosmovisões e explícitas pressuposições. Visto que eles não podem fazer isso, seus edifícios intelectuais colapsam em ceticismo auto-contraditório. A única maneira de escapar é se arrepender de sua tolice e pecaminosidade, e se converterem. Essa estratégia de argumentação será bem sucedida não somente contra as filosofias seculares, mas também contra todas cosmovisões religiosas não-cristãs.

A questão de como é possível para uma pessoa saber alguma coisa é suficiente para demolir qualquer cosmovisão não-cristã. A menos que uma pessoa afirme uma série de doutrinas bíblicas abrangente, cobrindo cada aspecto da vida e do pensamento — isto é, a menos que ele afirme uma cosmovisão bíblica completa — suas crenças podem ser facilmente expostas como injustificadas, arbitrárias e inconsistentes. O não-cristão não pode nem mesmo saber qual é o primeiro princípio ou a autoridade última de sua cosmovisão, mas o apologista cristão pode procurar por ela fazendo as perguntas certas. Isso provavelmente envolverá fazer perguntas que estão diretamente relacionadas com o tópico sob discussão, seja qual ele for, e questões relacionadas ao que o não-cristão pensa sobre as questões últimas (tais como metafísica e epistemologia), que incluirão questões sobre como o não-cristão tenta justificar suas crenças.

O cristão que pressiona o não-cristão a satisfazer todas as condições necessárias de pensamento que temos listado anteriormente, descobrirá que o não-cristão não pode nem mesmo começar a responder qualquer uma das questões levantadas. Por outro lado, o cristão que entende e afirma a cosmovisão bíblica completa descobrirá que ele pode responder facilmente desafios similares em qualquer campo de inquirição.

Por exemplo, a ciência assume que a natureza é uniforme e estável, que os experimentos são repetíveis, que a física e a química serão as mesmas no próximo ano assim como o são hoje. Mas, sobre que base a ciência crê nisso? A observação empírica nunca pode justificar tal ousada suposição. Isso porque mesmo que alguém adquira conhecimento por observação, o que eu nego, permanecerá o fato que sempre que alguém considerar que a natureza permanecerá a mesma no futuro (seja no dia seguinte ou no próximo ano), é sempre verdade que ele não observou o futuro ainda.

Novamente, eu nego que alguém possa adquirir conhecimento por observação ou experiência, mas mesmo se ignorarmos isso por ora, é fútil responder que podemos afirmar que a natureza é uniforme e estável porque o futuro tem sido sempre como o passado em nossa experiência anterior. E isso porque o “futuro” nessa resposta já está no passado, e é “futuro” somente com relação a algo ainda mais passado. Nada nessa resposta endereça o *nosso* futuro; contudo, a questão sobre a uniformidade da natureza pertence ao futuro de nossa experiência com relação ao nosso presente, não observado ainda por nenhum ser humano.

Assim, sobre que base a ciência empírica garante que o futuro será como o passado? Se ela não pode fornecer essa garantia, então as teorias que os cientistas tão diligentemente formulam e confidentemente empregam em suas considerações, não têm realmente nenhum contato direto e necessário com a realidade. Antes do que ter algo a ver com a realidade, as teorias científicas são somente princípios que parecem ser verdadeiros com relação às suposições injustificadas dos cientistas. Pode parecer tolo questionar algo como a

uniformidade da natureza, mas isso é somente porque temos assumido-a sem justificação durante todo o tempo. Se é tão obviamente verdadeiro que a natureza é uniforme e estável, e que ela permanecerá da mesma forma no dia seguinte ou no próximo ano, então, por que é tão difícil para os cientistas e filósofos demonstrar isso? A verdade é que isso não é óbvio para eles, e isso, pelos princípios básicos da cosmovisão deles, é um fato impossível de se provar. Todavia, eles continuam a assumir ilegitimamente a uniformidade da natureza, entre muitas outras coisas, e então se voltam para acusar os cristãos de serem irracionais. O problema não é que os cristãos sejam irracionais, mas que os não-cristãos são estúpidos e ignorantes.

Em todo caso, não há argumento conclusivo para qualquer uma das muitas suposições da ciência. Nesse ponto, algumas pessoas podem abandonar a certeza e responder que embora pelas premissas não-bíblicas seja impossível saber que a natureza é uniforme e estável, é pelo menos muito provável que isso seja assim. Contudo, nós já discutimos os problemas com tal reivindicação, que o conhecimento da probabilidade requer conhecimento conclusivo de uma premissa universal, algo que a ciência, o empirismo e nenhuma premissa não-bíblica nunca pode obter. Por outro lado, somente a cosmovisão cristã fornece a base para afirmar que a natureza é uniforme e estável. Gênesis 8:22 diz: “Enquanto durar a terra, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão”. Certamente, nosso oponente então demandará justificação para tal reivindicação, e isso eventualmente, se não imediatamente, empurra a discussão de volta ao nosso primeiro princípio ou autoridade última. Isso não é um problema para nós de forma alguma, visto que já temos falando sobre como argüir pela infalibilidade bíblica como o único primeiro princípio adequado. Procedendo a partir da base de que o conteúdo todo da Escritura é o nosso primeiro princípio infalível, Deus nos diz por toda a Escritura que as operações da natureza permanecerão uniformes e estáveis. Visto que os cientistas e aderentes de várias cosmovisões não bíblicas não podem justificar a crença deles na uniformidade da natureza, isso significa que quando eles afirmam a uniformidade da natureza de alguma forma, eles estão de fato pressupondo uma premissa cristã, enquanto recusando admiti-la ou dar graças a Deus por ela. Se o homem é um produto da evolução, ao invés da criação, então, sobre que base o não-cristão se opõe ao genocídio ou infanticídio? Mas Êxodo 20:13 diz: “Não matarás”. Se a moralidade está fundamentada sobre a mera convenção humana ou no consentimento da maioria, ao invés de sobre a autoridade e revelação divina, então, sobre que base o não-cristão aprova uma reforma moral? Mas Atos 5:29 diz: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”. A menos que a evolução possa ser provada (e não apenas assumida), ou seja, que todos da humanidade têm evoluído a partir de uma origem comum, então, sobre que base o não-cristão afirma a unidade da humanidade e a imoralidade do racismo? Mas Atos 17:26 diz: “De um só fez ele todos os povos”.

Se os incrédulos rejeitam nossas premissas bíblicas, então, sobre que base eles afirmam os princípios éticos similares aos nossos? E por qual autoridade eles afirmam os princípios que diferem? Se as pressuposições não-cristãs não podem justificar nem mesmo as crenças mais básicas sobre assuntos essenciais tais como ciência e ética, então suas cosmovisões não-cristãs são completamente inúteis. Nós nem sequer perguntamos sobre outras coisas importantes como política, educação, música e história.

A própria Escritura reivindica que a autoridade por detrás de toda proposição bíblica é a autoridade de Deus, que demanda que todos creiam e obedeçam tudo o que ele diz; portanto, uma vez que uma pessoa usa quaisquer premissas bíblicas, ele logicamente se compromete a adotar o sistema cristão inteiro. Isto é, a menos que uma pessoa aceite a infalibilidade e

inerrância de toda a Bíblia, ela não tem o direito de usar qualquer proposição bíblica. Por qual autoridade ela julga algumas proposições bíblicas como verdadeiras e outras como falsas?

Se ela usa ou reivindica usar uma prévia autoridade ou princípio não-bíblico pelo qual ela avalia cada proposição bíblica, então ela está de fato se submetendo a essa autoridade ou princípio em sua epistemologia, ao invés da Bíblia, e é a partir dessa autoridade ou princípio que ela deve derivar o resto do seu sistema. Se ela não pode derivar uma proposição necessária ou obrigatória dessa autoridade ou princípio, e essa proposição necessária ou obrigatória é encontrada ou justificada somente na Escritura, então a cosmovisão não-bíblica dessa pessoa fracassa. Se ela adota uma autoridade ou princípio não-bíblico pelo qual ela deva derivar o resto de seu pensamento, e essa autoridade ou princípio não fornece a proposição necessária ou obrigatória, mas essa proposição é somente encontrada ou justificada na Escritura, então ela não tem nenhum direito racional de adotar essa proposição necessária ou obrigatória a partir da Escritura, pois isso envolveria um salto irracional e ilegítimo do que é dedutível a partir de sua autoridade ou princípio para uma proposição bíblica.

Portanto, alguém que assume um primeiro princípio empírico é consistente consigo mesmo quando ele avalia a Escritura com métodos empíricos, mas ele deve produzir também uma explicação de ética sobre essa mesma base empírica, sem tomar emprestadas quaisquer premissas bíblicas. Mas certamente, ele não pode justificar, antes de tudo, seu princípio empírico, de forma que sua avaliação empírica da Escritura e de qualquer coisa que ele deriva a partir desse princípio é completamente insignificante.

Toda proposição bíblica pressupõe a infalibilidade da Escritura. Se alguém usa qualquer premissa bíblica, ele deve aceitar a autoridade auto-atestadora por detrás dessa premissa, ou deixar sem justificação o uso dela. Visto que ele não tem justificação para o uso da premissa bíblica, o cristão tem o direito racional de tomá-la dele no curso da discussão e do debate. Mas se essa premissa bíblica é necessária para manter a cosmovisão do nosso oponente, e se ele não tem nenhuma justificação para retê-la, então sua cosmovisão colapsa. Alguns cristãos podem argumentar confidentemente contra o ateísmo, mas acham difícil desafiar outras religiões, especialmente aquelas que reivindicam ter epistemologias revelacionais. Contudo, reivindicar ter uma revelação divina é fútil, a menos que a revelação seja real, e é a alegação do cristão que todas as revelações dos sistemas não-cristãos são falsas. Visto que os sistemas de pensamento religiosos são cosmovisões tanto quanto as filosofias seculares, podemos argüir contra as religiões não-cristãs assim como argüimos contra qualquer cosmovisão não-cristã.

Mesmo que uma cosmovisão reivindique ter uma epistemologia revelacional, a menos que ela seja um sistema completo e bíblico, ela não pode responder as questões e satisfazer os requerimentos que temos discutido. As questões e desafios que lançamos contra essas religiões não-cristãs são as mesmas em tipo quando argumentamos contra as outras cosmovisões não-cristãs, embora as palavras possam diferir dependendo do contexto do sistema do oponente e do contexto do debate. Baseado sobre a autoridade última dessa religião não-cristã, algum conhecimento é possível? Há auto-contradições inerentes no primeiro princípio ou nas proposições subsidiárias dessa religião? Há premissas bíblicas emprestadas? Se a religião reivindica reconhecer ou seguir o Antigo e o Novo Testamento, o seu conteúdo, contudo, contradiz os mesmos?

Algumas religiões tomam emprestado ou adicionam algo ao Cristianismo, mas visto que suas crenças contradizem o Cristianismo, e visto que o Cristianismo reivindica ser a única verdade, isso significa que elas são de fato religiões não-cristãs, de forma que podemos arguir contra elas como tal. O próprio Cristianismo reivindica ser a revelação final, de forma que ele não permite suplementos, revisões ou atualizações. Portanto, se uma religião reivindica suplementar, revisar ou atualizar o Cristianismo, ela contradiz o Cristianismo e se torna uma religião não-cristã. Algumas vezes os “profetas” dessas religiões reivindicam ser os novos e últimos mensageiros de Deus após Cristo, até mesmo revisando e atualizando os ensinamentos de Cristo. Contudo, visto que Cristo é Deus, nenhum profeta pode substituí-lo ou contradizê-lo — não pode haver um profeta superior ou mais autoritativo do que Cristo. Embora Deus possa certamente completar sua própria revelação, ele não pode contradizer o que ele disse antes com novas revelações. O Antigo Testamento predisse a nova aliança, e Cristo veio para instituí-la e confirmá-la. Então, ele comissionou diretamente seus apóstolos para completar a revelação divina de Deus para nós, e após isso o Novo Testamento desaprova qualquer revelação adicional (Judas 3). Visto que a Escritura está completa, todas as religiões não-cristãs não têm o direito de reivindicar apoio bíblico.

Muitas pessoas que são ignorantes sobre religiões pensam que a maioria ou todas as religiões são muito similares. Certamente, algumas delas devem saber mais, mas porque elas são estúpidas e más (Romanos 1), elas recusam ver as claras diferenças entre o Cristianismo e outras religiões. Por exemplo, elas podem pensar que o Cristianismo e o Islamismo são muito similares, mas na verdade esses dois sistemas de pensamento contradizem um ao outro no nível mais fundamental. O Cristianismo afirma a Trindade, mas o Islamismo a rejeita. O que o Cristianismo afirma sobre Deus permite o conhecimento sobre Deus, mas o que o Islamismo afirma sobre Deus faz dele uma deidade incognoscível.

Após apontar as diferenças principais e essenciais, alguém pode continuar a realizar uma crítica interna dessa religião. O Islamismo tem uma hermatologia, ou doutrina do pecado, de forma que é relevante discutir sua soteriologia, ou doutrina da salvação. O Islamismo tem uma soteriologia adequada e coerente? Ou ele falha, como o Catolicismo, Mormonismo, Budismo e Arminianismo? A sua soteriologia satisfaz e responde sua hermatologia? Sua hermatologia é coerente com sua antropologia, ou sua doutrina do homem? Sua antropologia flui de sua teologia apropriada, ou sua visão sobre Deus? O cristão logo descobrirá que o Islamismo fracassa em cada ponto em seu sistema, incluindo todos os pontos de partida importantes da epistemologia. Sob investigação, ele facilmente colapsa assim como todas as cosmovisões não-cristãs, quer seculares, quer religiosas.

Nesse capítulo eu delineei uma estratégia de apologética bíblica na qual alguém pode usar cada proposição e evento concebível como evidência para a verdade do Cristianismo e para demolir qualquer cosmovisão não-cristã. Muitas pessoas necessitarão de direção e reflexão adicional antes de aprenderem a demolir rapidamente e efetivamente todos os não-cristãos em algum debate.³³ Todavia, esse método de argumentação, tendo sido derivado a partir de um conteúdo e autoridade da Escritura, permite até mesmo que uma criança, a quem tem sido ensinada a teologia cristã, humilhe absolutamente os maiores cientistas e filósofos não-cristãos.

A Escritura chama todos os não-cristãos de estúpidos e maus, e realmente nós também éramos assim antes de sermos convertidos pela graça soberana de Deus. Mas mesmo agora

³³ Para mais sobre apologética bíblica, veja Vincent Cheung, *Confrontações Pressuposicionistas*.

que temos sido iluminados por Deus, nós não desafiamos nossos oponentes em argumentação pela sabedoria ou eloquência humana, mas é o conteúdo genuinamente superior da fé cristã que triunfa sobre todas as cosmovisões não-cristãs. Como Paulo diz: “Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?... Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem” (1 Coríntios 1:20,25).

Quando seguirmos a estratégia bíblica para a apologética, estaremos confrontando os não-cristãos com a sabedoria de Deus antes do que com a mera sabedoria humana, e nossa vitória é certa. Assim, o fracasso das filosofias seculares é total; a derrota das religiões não-cristãs é completa.

2. QUESTÕES ÚLTIMAS

FILOSOFIA

Enquanto se preparando para a publicação do seu livro, Fred Heeren organizou um encontro com vários executivos de marketing que eram especialistas na área da publicação religiosa. Ele relatou sua experiência da seguinte forma:

“As pessoas não se importam com as questões últimas da vida”, disse um experiente marqueteiro. “As pessoas se importam com dinheiro. Elas se importam com sua aparência física. Elas se importam sobre como conseguir mais tempo livre, maiores confortos físicos...”

...Outro executivo me disse que ele pessoalmente não estava interessado no assunto. “Eu não penso sobre as questões últimas da vida”, ele disse. “Seus livros não fazem nenhum apelo a mim. Ninguém irá comprar seus livros a menos que você apele a algum interesse próprio universal, alguma necessidade básica. E o que as pessoas querem?”

“A verdade?” Eu me aventurei, apenas para ser decepcionado.

“Não, não — as pessoas não querem dominar os outros. Elas querem imitar o admirado, *serem* admiradas. Elas querem mais poder, mais popularidade, mais autoconfiança”, e ele continuou com outra lista, concluindo: “Você precisa dizer às pessoas como isso as fará mais ricas, mais felizes, mais satisfeitas, como isso lhes dará uma elevação espiritual”.

Essas não foram palavras faladas com descuido. Os homens diante de mim tinham empacotado com sucesso muitos livros para algumas das maiores editoras religiosas. Um executivo se orgulhou de que sua companhia rotineiramente empacotava livros antes mesmo deles serem escritos, relegando o conteúdo para uma mera reflexão posterior.³⁴

Após se recuperar da náusea, não tanto causada pela prática de negócio descrita, mas pela verdade do que os executivos disseram sobre a audiência leitora, percebemos que nós temos a fórmula para a pregação popular contemporânea. Isto é, as pessoas querem ouvir uma mensagem que “apele a alguma interesse próprio universal”. A verdade não é importante conquanto que “lhes demos uma elevação espiritual”. Tal falso evangelho tem gerado um nicho de leitores espirituais consistindo daqueles que se consideram cristãos, mas não o são, e é para esses falsos conversos que a empresa de marketing comercializa seus produtos atrativamente empacotados.

Contudo, nosso assunto não é o número espantoso de falsos crentes em nosso meio; antes, devemos considerar a observação: “As pessoas não se importam com as questões últimas da vida”. Por questões últimas, nos referimos aos assuntos com respeito às premissas e suposições que controlam cada área do pensamento e da vida. Indo além do superficial,

³⁴ Fred Heeren, *Show Me God*; Wheeling, Illinois: Day Star Productions, Inc., 2000; p. xx-xxi.

estamos nos focando nas idéias fundamentais das quais derivamos nossa cosmovisão. Por exemplo, na área da ciência, ao invés de realizar experimentos científicos para testar uma hipótese particular, estamos interessados em teorias para prescrever o lugar e as limitações da ciência.

Algumas pessoas dizem que elas contemplarão as questões últimas quando elas se tornarem mais velhas, quando ficarem ricas, ou quando se aposentarem. Esse intento pode fazê-los um pouco melhores do que aqueles que decidem nunca considerar qualquer assunto de uma maneira mais profunda além das necessidades animalísticas básicas, mas o efeito não é melhor. Para esperar obter respostas às questões últimas, alguém deve fazer a perigosa suposição de que ele não requer essas respostas enquanto isso. Determinar alcançar sucesso financeiro primeiro já assume um dado propósito na vida, e uma série de prioridades. Esperar até a aposentadoria assume que as respostas às questões últimas são irrelevantes para o viver diário. Contudo, se as respostas às questões últimas governam todas as proposições subsidiárias dentro da cosmovisão de uma pessoa, então sobre quais princípios essas pessoas operam até que elas pensem sobre aquelas? Alguém pode planejar pensar sobre Deus, o pecado e a salvação mais tarde, provavelmente após a aposentadoria, mas se há um Deus que responsabiliza os homens, e que pune o adultério e o roubo, essa pessoa deve parar de trair sua esposa e de desviar fundos agora, e não depois.

Ninguém pode viver um dia sem pressupor respostas às questões últimas. O fato das pessoas adiarem uma contemplação séria dessas questões é equivalente a decidir que mesmo se suas pressuposições forem falsas, elas ainda agirão de acordo com elas durante a maior parte de suas vidas, e então considerariam se essas pressuposições precisam ser mudadas. Mas até então, sobre que base eles supõem que suas vidas são sequer dignas de se viver? Os cristãos têm uma resposta para isso, mas uma cosmovisão naturalística não tem nenhuma defesa contra um convite ao suicidar-se. Por que a visão é digna de se viver sobre a base de princípios evolucionários? Para propagar as espécies? Mas, por que as espécies humanas devem continuar a existir? Por teorias humanísticas, a humanidade eventualmente se tornaria extinta. Mesmo que isso não aconteça por muitos anos, sobre seus princípios cada indivíduo vive somente para existir, e depois deixar de existir. Por que ele se preocuparia com o que acontece à humanidade? Mas Gênesis 1:28 diz: “Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. O Cristianismo nos ensina sobre uma vida futura e um julgamento final.

Então, algumas pessoas dizem que devemos suspender o julgamento sobre as questões últimas, visto que ninguém pode determinar as respostas para elas nessa vida. Contudo, se elas crêem que não há nenhuma vida futura, que já é uma suposição com respeito a uma questão última, elas terão somente essa vida para responder àquelas questões. Por outro lado, se elas crêem no oposto e afirmam que há uma vida futura, então a próxima pergunta é se eles precisam ou não se preparem para ela, e se sim, como eles devem se preparar para ela. Aqueles que reivindicam serem agnósticos sobre os assuntos últimos, contudo, assumem respostas muito definidas sobre eles, contradizendo assim o seu agnosticismo.

Outro exemplo vem da ética. Quando enfrentamos uma situação na qual devemos decidir se devemos dizer uma mentira, como devemos decidir? Se decidirmos que o efeito positivo esperado justifica a mentira, então temos assumido uma posição ética teleológica que diz que o fim justifica os meios. Mas, antes de tudo, por qual princípio determinamos que o efeito projetado é positivo? Se a ética teleológica é indefensável, então precisamos de alguma outra

autoridade ou princípio para justificar a mentira. Mas talvez a mentira nunca seja justificada. Como sabemos?

Em todo caso, devemos saber, pois nossas pressuposições últimas sobre ética determinam nossas decisões cotidianas. Mas uma vez que perguntamos como podemos conhecer algo, então já estamos falando sobre nossas pressuposições últimas sobre conhecimento, ou epistemologia. E visto que o conhecimento tem a ver com o que é conhecer, o que pode ser conhecido, e como conhecemos, então já estamos falando sobre nossas pressuposições últimas sobre realidade, ou metafísica. De fato, se pensarmos profundamente o suficiente, perceberemos que cada proposição simples que falamos ou cada ação que realizamos pressupõe uma série de princípios últimos inter-relacionados pelos quais percebemos e respondemos à realidade. Essa é a nossa cosmovisão.

As questões últimas são inevitáveis, e aquelas pessoas que nunca as consideram deliberada e seriamente, todavia, necessariamente fazem inúmeras suposições sobre elas, e então derivam suas posições sobre vários assuntos subsidiários baseados sobre suas suposições sobre as questões últimas. Operar por suposições últimas falsas e injustificadas para a maior parte ou tudo da vida de alguém, é arriscar viver em vão. Portanto, não somente alguém deve estabelecer essas questões em sua mente, mas ela deve fazer dela sua principal prioridade e imediatamente começar a pensar sobre elas. Ele não deve postergar até que ele tenha gasto sua vida e realizado muitos planos fúteis baseados em pressuposições injustificadas.

Entre outras coisas, os assuntos últimos incluem metafísica, epistemologia, teologia, antropologia e ética.³⁵ No que se segue, discutiremos todos esses tópicos a partir de uma perspectiva cristã, principalmente através de uma exposição parcial do prólogo do Evangelho de João. O estudo dessas questões últimas equivalerão a uma introdução sobre filosofia. Elas são apropriadamente chamadas questões últimas visto que elas são básicas para qualquer sistema de pensamento, e nossas respostas a elas afetam nossa visão de todo assunto na vida. Enquanto que uma concepção descuidada de “última” possa incluir discussões sobre os princípios mais amplos de política e educação, nós não podemos divorciar política de ética, ou divorciar educação de antropologia. Quando chega à ciência, qualquer posição que tomamos assume algo sobre metafísica e epistemologia.

LOGOS

Começaremos com João 1:1: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. Esse versículo é uma fonte de controvérsias, mas as controvérsias existem não tanto porque o versículo é especialmente difícil, mas principalmente porque algumas pessoas simplesmente não querem afirmar o que ele significa. Os versículos 1-18 nos relata a identidade da “Palavra”. Por exemplo, o versículo 17 identifica-a com “Jesus Cristo”. Assim, o prólogo de João nos dá muita informação para uma cristologia bíblica.

A “Palavra” no grego é *logos*, e não devemos deixar o versículo 1 sem alguma menção da doutrina do *logos*. Num dos meus outros livros,³⁶ eu me queixo que a pregação moderna tende a ocultar a educação teológica do ministro de sua congregação. Sua teoria homilética

³⁵ Ronald H. Nash, *Life's Ultimate Questions*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1999.

³⁶ Vincent Cheung, *Pregue a Palavra*, Capítulos 2 e 3.

demanda que ele separe em duas categorias distintas as palestras que ele dá e os sermões que ele prega.

Em oposição a alguém que não oculta seu treinamento teológico quando prega, *The Elements of Preaching* says:

Logo ao sair do seminário, ele está tão enamorado de suas notas que ele tenta transformá-las em esboços de sermão, e sua congregação é sujeita a termos tais como *logos*, *união hipostática*, *parousia* e assim por diante. Nós sabemos de uma igreja, localizada perto de um seminário, que sempre sabe o que o novo estudante pastor pregará no seu primeiro sermão — a doutrina do *logos* em João 1. Por que? Porque essa é uma das primeiras palestras dadas na classe de grego todos os anos.³⁷

Qualquer um interessado o suficiente em ler esse livro está provavelmente interessado também em saber sobre as doutrinas da “união hipostática” e da “parousia”. Certamente, até mesmo aqueles cristãos que não estão no ministério devem falar sobre o retorno de Cristo, mas muitas pessoas sugerem que devemos evitar o uso de termos técnicos quando nos dirigindo à audiência em geral.

Realmente pode não ser absolutamente necessário usar a palavra *parousia* para falar sobre o retorno de Cristo, mas se os teólogos acham que é útil usar um termo técnico, então será provavelmente útil para os outros crentes também — pelo menos eles deveriam conhecer o termo o suficiente para entender a literatura teológica relevante.

Termos técnicos são úteis para resumir conceitos que podem de outra forma exigir diversas sentenças ou até mesmo parágrafos para serem expressos, e, portanto, eu sou à favor do uso de termos técnicos. Contudo, eu adicionaria que esses termos devem ser cuidadosamente definidos, quer estejamos nos dirigindo a teólogos profissionais ou à audiência em geral. Em todo caso, é mais irresponsável “proteger” a audiência em geral de ser exposta aos termos técnicos. Até mesmo a palavra “Trindade” é um termo técnico, mas ela tem sido tanto discutida e usada que a maioria dos crentes sabe algo sobre ela. Mas os cristãos precisam saber sobre a união hipostática tanto quanto sobre a Trindade. Portanto, ao invés de ocultar nossa educação teológica dos outros crentes, devemos compartilhá-la com eles, ensinando-as o que temos aprendido.

O mesmo capítulo em *The Elements of Preaching* termina com a admoestação: “Digira seu material primeiro, então prepare mensagens que satisfaçam as necessidades humanas e glorifiquem a Jesus Cristo”. Em outras palavras, palestras de seminário não satisfazem as necessidades humanas e não glorificam a Jesus Cristo.

Esses são seminários cristãos? Com essa atitude para com as palestras de seminários, não é de se admirar o porquê os cristãos têm uma pobre compreensão até mesmo dos fundamentos do sistema bíblico de pensamento — é porque os ministros ocultam informação teológica deles.

Contrário a tais recomendações anti-intelectuais, a igreja deveria ensinar teológica acadêmica a todos os crentes, incluindo os termos técnicos que são convenientes para expressar conceitos teológicos. Paulo não hesitou em “pregar tudo que fosse proveitoso” (Atos 20:20) aos seus

³⁷ Warren Wiersbe and David Wiersbe, *The Elements of Preaching*; Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1986; p. 85.

ouvintes. Certamente, o ministro deveria começar ensinando aos seus ouvintes doutrinas bíblicas sobre um nível básico antes de entrar nos assuntos avançados, mas ocultar deliberadamente o conhecimento dos cristãos — alegadamente para o próprio bem deles — é roubar e insultá-los, e deveria desqualificar uma pessoa ao ministério completamente.

Agora, Heráclito de Éfeso (530-470 a.C.) argumentou que a natureza está constantemente mudando. Sua famosa ilustração contende que um homem não pode parar no mesmo rio duas vezes, visto que a água e o leito do rio estão constantemente se movendo e mudando. Em adição, o próprio homem está constantemente mudando também, de forma que quando ele parar num rio pela segunda vez, ele já será diferente do homem que era quando parou no rio pela primeira vez.

Mas se tudo muda constantemente, então nada realmente “existe”. Imagine que um escultor trabalhe uma peça de barro numa aparência de um cachorro, mas antes de você dizer o seu nome ou até mesmo decidir o que está em sua mente, o objeto muda num carro, então num edifício, e então num pote. De fato, a aparência do objeto muda constantemente de forma que nunca há alguma coisa definida e reconhecível em qualquer ponto no tempo. Se isso é verdade, então você ainda pode pelo menos chamá-lo de barro; contudo, e se a substância do objeto também mudar constantemente? O barro muda em bronze, então em ferro, então em gelo, e então em ouro. Ele muda constantemente de forma que não é nenhuma substância definida em qualquer ponto no tempo.

Isto é, o objeto não é nenhuma “coisa” em nenhum ponto no tempo. Mas se algo não é alguma coisa, então ele é nada, e se é nada, então não pode ser conhecido. Portanto, o conhecimento depende da imutabilidade. Assim, Heráclito disse que há um *logos*, uma lei ou princípio, que não muda. Ele é “um agente racional e bom, cuja atividade parece como a ordem da Natureza”.³⁸ Sem isso tudo seria um caos, e a natureza seria ininteligível.

Mais tarde, o *logos* é tomado pelo Estoicismo, uma escola de pensamento fundada por Zeno de Citium (aproximadamente 300 a.C.). Os estóicos foram mais ideologicamente diversos do que seus contemporâneos epicureus, e Paulo confrontou ambos os grupos quando ele esteve em Atenas (Atos 17:18). Em todo caso, o Estoicismo considerou o *logos* como um princípio da razão divina, e o *logoi spermatikos*, como as sementes e as fagulhas do fogo divino, governa o desenvolvimento de todo objeto na natureza. Filo (20 a.C. — 40 d.C.) foi um contemporâneo de Cristo. Esse filósofo judeu helenista de Alexandria teve uma doutrina do *logos* mais desenvolvida que pareceu fazer a Palavra ser “nada mais do que a faculdade de razão em Deus”.³⁹ Contudo, vários pontos de inconsistência fazem com que seja difícil especificar a natureza exata do *logos* de Filo. Embora ele seja representado de formas variadas em seus escritos, intérpretes entendem que seu propósito primário é “cobrir o abismo entre a deidade transcendente e o mundo inferior e servir como a lei unificadora do universo, o fundamento de sua ordem e racionalidade”.⁴⁰

No tempo em que o apóstolo Paulo escreveu seu Evangelho, a palavra *logos* tinha sido investida com muito pano de fundo e significados filosóficos. Embora haja algumas similaridades entre João e os filósofos gregos em como eles usaram o termo, sugerir que o

³⁸ Gordon H. Clark, *Ancient Philosophy*; The Trinity Foundation, 1997 (original: 1941); p. 37.

³⁹ Gordon H. Clark, *Thales to Dewey*; The Trinity Foundation, 2000 (original 1957); p. 165.

⁴⁰ *The Cambridge Dictionary of Philosophy, Second Edition*; New York: Cambridge University Press, 1999;

logos de João tenha “qualquer conexão equivalente à dependência doutrinária”⁴¹ dos filósofos, seria mostrar um mal-entendimento tanto do apóstolo como dos filósofos. Por exemplo, Heráclito era como os filósofos milesianos, e os estóicos se apegaram a uma física materialística; suas visões do *logos* se encaixavam em seus próprios sistemas, que são incompatíveis com a cosmovisão bíblica.

O *logos* de Filo é também incompatível com a cristologia de João. Quando João refere-se à Palavra, ou *logos*, ele está pensando num ser divino *peçoal* que define e exibe racionalidade, e não a um princípio metafísico *não-peçoal* que define e exibe racionalidade. Por outro lado, quando Filo refere-se ao seu *logos* em termos pessoais, ele o faz de num sentido metafórico.

Os filósofos gregos nunca consideravam esses princípios de racionalidade como tendo tomado sobre si mesmo atributos humanos, como a doutrina da encarnação afirma: “A Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Um mediador epistemológico e soteriológico que é tanto plenamente Deus como plenamente homem (1 Timóteo 2:5) estava longe do pensamento deles. Portanto, Kittel conclui que: “Desde o princípio o *logos* do Novo Testamento é estranho ao pensamento grego”.⁴²

Todavia, João escolhe uma palavra que seus leitores possam reconhecer, e seu significado pretendido tem *alguma* semelhança ao uso não-bíblico. Realmente, o *logos* bíblico tem muito a ver com lógica, metafísica, epistemologia e ética. O *logos* bíblico endereça essas e outras questões últimas, mas em contraste com as visões não-bíblicas do *logos*, a doutrina bíblica é baseada na revelação divina e não na especulação humana. O ensino de João sobre o *logos* divino fornece a estrutura e o conteúdo de uma cosmovisão bíblica completa.

Novamente, João 1:1 diz: “No princípio era aquele que é a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. Embora *palavra* seja uma tradução aceitável para *logos*, *proposição*, *sentença*, *fala*, *argumento*, *discurso*, *lógica* e várias outras palavras que também são satisfatórias, contudo, se levamos em conta o pano de fundo teológico e filosófico de *logos*, a melhor tradução seria *Palavra*, *Sabedoria* e *Razão* em letra maiúscula. Atribuir tal alta visão à “Palavra” ou “Razão” é repugnante para o pensamento anti-intelectualístico. O romancista alemão Goethe escreve em *Fausto*:

Está escrito, “No princípio era a Palavra”.
 Eu paro, para perguntar o que é inferido aqui.
 A Palavra eu não posso supremamente alcançar:
 Uma nova tradução tentarei.
 Eu leio, se pelo espírito sou ensinado,
 Esse sentido: “No princípio era o Pensamento”.
 Essa abertura eu preciso considerar novamente,
 Ou o sentido pode sofrer de uma rápida caneta.
 O Pensamento cria, opera e governa a hora?
 Há uma melhor: “No princípio era o Poder”.
 Todavia, embora a caneta seja urgida com dedos desejosos,
 Um senso de dúvida e indecisão hesita.

⁴¹ *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, Vol. V; Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981 (original: 1867-1887); p. 492.

⁴² *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. IV; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (original: 1967); p. 91

O espírito chega a me guiar em minha necessidade,
Eu escrevo: “No princípio era o Feito”.⁴³

Sem traçar as influências filosóficas implícitas na passagem, podemos notar que ela não é realmente uma tradução do versículo bíblico, mas uma expressão de preconceito contra a visão cristã do universo. Goethe tem pouca preocupação sobre o que o versículo realmente diz, mas procura se opor ao intelectualismo de João. No princípio era a *Palavra* ou o *Pensamento*, como as traduções mais diretas indicariam, então é esse princípio divino e pessoal de razão que criou e até agora governa o universo, e a teologia deve ser totalmente intelectual e racional.

Como mencionado, “Razão”, “Sabedoria” e “Palavra” são todas traduções aceitáveis de *logos*. Contudo, enquanto as duas primeiras são auto-explicativas, a terceira demanda uma explicação. O ponto principal é que “Palavra” implica a auto-expressão de uma pessoa, especialmente auto-expressão intelectual. Isso se encaixa com a cristologia do Novo Testamento, que diz que Cristo “é a imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15), e que “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser” (Hebreus 1:3). Se guardarmos em mente que essa “Palavra” é uma pessoa, então essa tradução preserva a personificação do *logos*, bem como o significado de razão e sabedoria inerente nela.

A expressão “No princípio” é recordativa de Gênesis 1:1, indicando que a Palavra teve um papel na criação. Veremos que esse papel está no versículo 3. Então, a expressão “A Palavra estava com Deus”, transmite uma porção importante de informação que, juntamente com a próxima frase no versículo 1, começa a revelar um retrato da Trindade.

A palavra traduzida por “com” é *pros*. Que a Palavra, ou Cristo, está *com* Deus indica que ele é distinguível de Deus. Alguns exemplos de *pros* incluem os seguintes: “Não estão aqui *conosco* as suas irmãs?” (Marcos 6:3); “Todos os dias eu estive *com* vocês” (Marcos 14:49); “Gostaria de mantê-lo *comigo*” (Filemom 13); “A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava *com* o Pai e nos foi manifestada” (1 João 1:2).

O exemplo final refere-se a Cristo e novamente implica que ele não é idêntico ao Pai, mas ao mesmo tempo tem uma relação definida com o Pai. Com algumas exceções, a palavra “Deus” (ou *theos* no grego) refere-se ao Pai no Novo Testamento, e, portanto, Cristo não é idêntico a “Deus” o Pai. Contudo, que Cristo não é idêntico ao Pai não significa que Cristo não seja Deus. João escreve “Ele estava com Deus no princípio” (v. 2), o que já implica sua deidade. Mas mais explícita é a terceira cláusula no versículo 1, que diz, “a Palavra era Deus”.

Essa cláusula em João 1:1 tem sido a fonte de muita disputa e controvérsia. É uma frase que “os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2 Pedro 3:16). Desejando negar a deidade de Cristo ou a Trindade, algumas pessoas têm observado que o *theos* em *theos en ho logos* carece do artigo definido (como em “o” Deus), e assim, indica meramente que Cristo tem a qualidade de ser divino, e não que ele seja Deus. Isto é, eles dizem que Cristo é como Deus, mas ele não é Deus em si mesmo. Mas isso é uma má-representação.

⁴³ *Great Books of the Western World*, Vol. 45; Encyclopedia Britannica, Inc., 1996; p. 12.

Visto que o artigo (grego: *ho*) precede *logos*, ele faz da “Palavra” o sujeito. Que “*theos*” siga imediatamente após a conjunção “e” (*kai*) mostra que ele recebe a ênfase. Tivesse um artigo precedendo tanto *theos* como *logos*, a frase teria completamente identificado a “Palavra” com “Deus” (*theos*), o que seria inconsistente com a doutrina da Trindade que João e outros escritores do Novo Testamento afirmaram. Isto é, se João está aqui afirmando a doutrina da Trindade, então ter um artigo antes de *theo* faria com que João dissesse algo que ele não deseja dizer. A estrutura gramatical da cláusula demanda a tradução: “A Palavra era Deus”. A REB traduz acuradamente o seu significado dizendo: “O que Deus era, a Palavra era”. Portanto, a cláusula como está escrita afirma a deidade de Cristo, e ao mesmo tempo preserva a doutrina da Trindade.

A expressão “No princípio era a Palavra” ensina a pré-existência de Cristo. Então, a expressão “A Palavra estava com Deus”, implica uma relação íntima entre Cristo e Deus, sem identificar os dois. Após isso, a expressão “A Palavra era Deus” nos mostra que embora Cristo não seja idêntico a “Deus” (o Pai), Ele é igual ao Pai, e isso é consistente com a doutrina da Trindade. Portanto, seitas e heresias anti-trinitarianas não podem usar esse versículo para argumentar contra as doutrinas bíblicas da Trindade e da deidade de Cristo, visto que o versículo está precisamente da forma como ele deveria estar se João afirma ambas as doutrinas.

METAFÍSICA

Estamos interessados em entender como o prólogo do Evangelho de João responde as questões últimas. O versículo 1 nos diz que havia no começo um princípio de razão e ordem, mas diferentemente daqueles dos filósofos, esse *logos* é uma pessoa divina. Numa série de traduções, o versículo 3 continua, “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito”. A NASB é preferível: “Todas as coisas vieram à existência por ele, e aparte dele nada do que veio a existir teria vindo à existência”.

Numa segunda série de traduções, os versículos 3 e 4 são enfatizados de uma forma diferente, de forma que lemos o versículo 3 da seguinte forma: “Todas as coisas vieram à existência através dele, e sem ele nada teria vindo à existência” (NRSV); “Através dele todas as coisas vieram à existência, nada veio à existência exceto através dele” (NJB); “Tudo aconteceu através dele, e sem ele nada aconteceu” (Lattimore).⁴⁴ Alguns comentaristas acham difícil o versículo 4 fazer sentido quando a passagem é enfatizada dessa segunda forma, pois então o versículo 4 diria: “O que veio à existência nele era vida...” (NRSV). Todavia, a simetria do versículo 4 torna-se mais evidente. D. A. Carson sugere uma tradução alternativa do versículo 3 que diz: “Todas as coisas foram feitas por ele, e o que foi feito não foi de forma alguma feito sem ele”.⁴⁵

Minha preocupação primária é evitar que as palavras “sem ele nada *do que foi feito* teria sido feito”, sejam mal-entendidas como implicando que algumas coisas não foram criadas. A visão bíblica é que somente Deus é eterno, de forma que ela se opõe a qualquer conceito de criação no qual Deus meramente rearranja a matéria caótica pré-existente numa forma definida. Isto é, o Cristianismo ensina a criação *ex nihilo* — do nada. Não havia matéria ou

⁴⁴ Richmond Lattimore, *The New Testament*; North Point Press, 1996; p. 195.

⁴⁵ D. A. Carson, *The Pillar New Testament Commentary: The Gospel According to John*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1991; p. 118.

material pré-existente para Deus trabalhar com ela ou rearranjar na criação. Deus criou tanto a matéria como a forma ou arranjo do universo.

A segunda versão do versículo 3 elimina o mal-entendimento potencial: “Todas as coisas vieram à existência através dele, e sem ele nada teria vindo à existência”. Mas se essa tradução é impossível por causa de várias considerações, então a tradução de Carson é talvez útil para evitar o problema. Em todo caso, a primeira parte do versículo em si mesmo faz a visão bíblica da criação clara em qualquer tradução: “*Todas as coisas* vieram à existência através dele”. Reconhecer essa parte do versículo evita a possibilidade de entender mal a segunda parte do versículo. Ambas as partes do versículo dizem a mesma coisa — a primeira parte afirma que todas as coisas foram feitas pela Palavra, e a segunda parte nega que algo exista aparte do seu poder criativo. Não havia nenhuma matéria antes da criação de forma alguma — pela agência da Palavra, Deus fez tudo.

Aqui está o fundamento da metafísica cristã. O versículo 1 nos fala sobre o Criador, e o versículo 3 nos fala sobre a criação. Contrário a alguns dos outros sistemas de pensamento, João nega que a criação seja meramente um ato de reorganização de matéria pré-existente; antes, não havia matéria de forma alguma antes de Deus criá-la. A criação aconteceu pelo divino *fiat*. Visto que a “Razão” (Palavra, Sabedoria, Lógica) é eterna e precede a criação, as leis da lógica não foram criadas. Elas são verdadeiras não somente para os seres humanos, e elas operam não somente pela convenção natural. Pelo contrário, elas são leis necessárias de pensamento e têm existido eternamente na mente de Deus — lógica é a forma que Deus pensa.

Portanto, contrário ao irracionalismo cristão contemporâneo, o que é uma contradição genuína para o homem é também uma contradição para Deus, e o que não é uma contradição para Deus nunca é uma contradição genuína para o homem. Contudo, por causa dos efeitos do pecado sobre a mente (os efeitos noéticos do pecado), o homem frequentemente comete enganos em seu raciocínio, de forma que o que lhe parece uma contradição pode não ser uma contradição genuína. Todavia, o ponto permanece que as leis da lógica são a mesma para Deus assim como para o homem.

Isso implica que quando um homem pensa com perfeita racionalidade, sua mente, de uma forma finita, espelha a mente de Deus, e seu pensamento é válido. Contudo, por causa dos efeitos do pecado sobre a mente, o homem é frequentemente irracional — ele nem sempre pensa com validade lógica. Agora, as leis da lógica são regras de raciocínio válido, de forma que dada as informações e premissas corretas, um processo de raciocínio válido capacita uma pessoa a traçar verdadeiras inferências e conclusões. Contudo, se o homem não pode descobrir qualquer conhecimento ou informação por si mesmo, e se ele não pode sobrepujar os efeitos do pecado sobre a mente por si mesmo, então ele precisa da revelação verbal de Deus na Escritura para sobrepujar a falha da mente humana em captar a verdade e adquirir conhecimento. Isto é, o homem precisa da Escritura para lhe dar as premissas necessárias para conhecer e raciocinar corretamente sobre Deus e a realidade. O fundamento da santificação cristã consiste de conhecer as proposições na Bíblia, e raciocinar corretamente com elas.

Muitos cristãos têm sido impedidos em seu progresso espiritual por causa de um entendimento errôneo e uma aplicação deplorável de Isaías 55:8-9. Esses versículos dizem: “‘Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos’, declara o Senhor. ‘Assim como os céus são mais altos do que a terra,

também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos”. Algumas pessoas ensinam que isso significa que o homem nunca pode pensar ou entender os pensamentos de Deus. Mas se isso é verdade, então ninguém pode entender a própria passagem de Isaías 55:8-9! É precisamente porque os nossos pensamentos não correspondem aos pensamentos de Deus que precisamos renovar nosso pensamento para alcançar o seu pensamento. Visto que os nossos pensamentos não são os seus pensamentos, devemos ler a Escritura para conhecer sobre os pensamentos de Deus, de forma que possamos mudar nossas mentes para se conformarem a eles.

Colossenses 1:16 diz: “pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele”. O tema aqui é que “por ele *todas as coisas* foram criadas”; o resto do versículo enfatiza que absolutamente nada tem sido feito aparte dele. Até aqui isso é uma repetição do que temos lido em João. O próximo versículo continua para dizer que, não somente ele criou todas as coisas, mas mesmo agora ele sustenta a criação pelo seu poder: “Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste” (v. 17). Hebreus 1 ecoa esse ensino, e diz que pela agência do Filho, Deus “fez o universo” (1:2), e que ele está “sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa” (v. 3).

Portanto, a visão bíblica da metafísica é a seguinte. O ponto de partida metafísico é Deus a Trindade. Pela agência do Filho — isto é, o *logos*, Razão, Sabedoria ou Palavra — a Deidade criou o universo, que inclui tanto o “visível e invisível” (Colossenses 1:16), o reino espiritual e material. Deus fez tudo que existe; nada existe que ele não tenha criado. Deus é o único ser não-criado.

Deus continua a exercer seu poder após a criação, visto que mesmo agora ele sustenta e facilita todas as operações do universo. Em adição ao sustentar a contínua existência da criação, ele é também a causa de tudo o que acontece. Ele pode frequentemente usar causas ou meios secundários para fazer com que algo ocorra, mas ele é também a causa das causas ou meios secundários. Portanto, é correto dizer que ele somente é a causa de todas as coisas; Sua mão é vista em cada evento. Assim como nada pode ter vindo à existência aparte dele, nada pode acontecer na criação aparte de sua vontade e poder: “Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês” (Mateus 10:29).

Essa visão bíblica da metafísica é essencial para a epistemologia, ética e soteriologia cristã. Em termos teológicos, ter um conceito bíblico do soberano Deus é necessário para uma teologia cristã sadia. Uma concessão na teologia apropriada (a doutrina de Deus) cria um efeito ondular que destrói a integridade de todas as outras doutrinas bíblicas. Uma vez que aceitamos uma falsa visão de Deus, o resto do sistema não pode ser cristão.

Por exemplo, um Deus soberano impede a doutrina humanista do livre-arbítrio quando chega à salvação. A soberania divina elimina a autonomia humana — a Escritura nega que o homem tenha livre-arbítrio. Da mesma forma, alguém que insiste no Arminianismo — que o homem aceita a Cristo por seu próprio livre-arbítrio antes do que pela escolha soberana de Deus — não pode ao mesmo tempo afirmar um Deus soberano.

Alguns teólogos percebem esse dilema, e assim eles escolhem crer que Deus é limitado em poder e conhecimento. Antes do que admitir suas próprias limitações, eles preferem imaginar que Deus é o limitado. Mas então eles não mais podem reivindicar adorar o Deus da Bíblia,

de forma que a consequência lógica do Arminianismo é o paganismo. O sistema cristão requer uma afirmação da soberania absoluta de Deus.

Essa visão de metafísica resolve o problema mente-corpo, o qual os filósofos consideram muito difícil. Essa é a questão de como uma mente imaterial pode manipular um corpo físico. Como pode o incorpóreo entrar em contato com o físico? Nossa resposta é que visto que Deus facilita todas as operações mentais e físicas, sua onipotência faz isso possível. Em outras palavras, sem o Deus absolutamente soberano para facilitar a relação entre a mente e o corpo, seria impossível para uma pessoa até mesmo pôr os olhos nessa doutrina. Deus causa nossos pensamentos por sua soberana vontade, e no momento em que o pensamento ocorre, Ele também causa o movimento físico correspondente. O homem não tem poder de existência ou causação dentro de si mesmo.

EPISTEMOLOGIA

Essa visão da metafísica produz uma implicação necessária para a epistemologia. Se Deus somente controla e facilita todas as operações no universo, segue-se necessariamente que ele somente controla e facilita todas as operações com relação ao pensamento e conhecimento. Se a existência ou operação contínua do universo depende de Deus, e o homem não é autônomo ou independente nesse aspecto, então todas as aquisições de conhecimento e atividades intelectuais também dependem de Deus (visto que esses são apenas itens específicos dentro da categoria maior), e o homem também não é autônomo ou independente nessa área.

Assim como o homem não pode existir ou funcionar sem Deus, o homem não pode conhecer nada sem ele. Deus não somente sustenta e facilita todas as coisas, mas ele *soberanamente* sustenta e facilita todas as coisas. Isto é, ele pode trazer vida ou causar morte, ele pode mover ou fazer parar, e criar ou destruir, tudo de acordo com sua vontade e prazer. A mente do homem é então apenas um aspecto do controle total de Deus sobre o universo; portanto, Deus também controla *soberanamente* todos os aspectos do conhecimento humano. A epistemologia cristã é consistente com a metafísica cristã e flui necessariamente dessa.

Quando rejeitamos o empirismo por causa de suas próprias falhas fatais e também como uma consequência necessária do ensino bíblico, e quando afirmamos uma epistemologia revelacional fundamentada na infalibilidade da Escritura, os empiristas freqüentemente contestam: “Mas você não tem lido sua Bíblia?” Certamente, os empiristas defendem a confiabilidade da sensação, e aqueles que são mais extremos reivindicam que o conhecimento vem somente dos sentidos. Em contraste, eu insisto que nenhum conhecimento *de forma alguma* vem da sensação.

Em todo caso, a contestação deles é fútil. Se eles não podem responder os argumentos contra o empirismo, então o desafio deles por si só não salva o empirismo, quer sejamos ou não capazes de responder a contestação. Isto é, mesmo se eles forem capazes de refutar nossa epistemologia não-empírica, isso não prova automaticamente a epistemologia empírica deles. Todos os argumentos anti-empíricos permanecem válidos até que eles os refutem.

Todavia, nós realmente somos capazes de responder a contestação deles usando o que já temos declarado sobre a metafísica e epistemologia bíblica. Consistente com a metafísica cristã, a epistemologia cristã afirma que todo conhecimento deve ser imediatamente — isto é,

sem mediação — concedido e transmitido à mente humana por Deus. Assim, no momento em que você olha para as palavras da Bíblia, Deus diretamente comunica o que está escrito à sua mente, *sem* passar pelos próprios sentidos. Isto é, suas sensações fornecem as ocasiões sobre as quais Deus diretamente transmite informação à sua mente, *aparte das* próprias sensações. Portanto, embora leiamos a Bíblia, o conhecimento nunca vem da sensação.

Isso novamente soluciona o problema mente-corpo, mas dessa vez ilustrado na direção reversa. Enquanto que na metafísica Deus facilita os movimentos físicos em correspondência aos pensamentos da mente, na epistemologia Deus concede conhecimento à mente sobre as ocasiões das sensações, mas *aparte das* próprias sensações. Portanto, as sensações não fazem nada mais do que estimular a intuição intelectual, fornecendo as ocasiões sobre as quais a mente obtém conhecimento do *logos* divino.

De outra forma, os empiristas devem explicar como as sensações físicas transmitem conhecimento à mente incorpórea. Certamente, alguns empiristas não-cristãos não crêem numa mente incorpórea, mas eles crêem que o conhecimento reside somente num cérebro físico. Embora possamos facilmente derrotá-los nesse ponto, mesmo se não pudéssemos, eles ainda precisam provar por válidos e sadios argumentos como as sensações físicas podem transmitir qualquer informação ao cérebro físico. Ninguém pode fazer isso.

Mesmo que ignoremos o problema mente-corpo por ora, os empiristas de forma errônea pensam que eles podem fazer inferências a partir das muitas sensações apresentadas à mente em algum momento dado para produzir conhecimento. Contudo, eu desafio qualquer empirista a escrever o processo numa forma silogística para mostrar a validade lógica de tais inferências. Mesmo se ele puder fazer isso, ele verá que todas as inferências a partir das sensações são inevitavelmente falaciosas; nenhuma inferência a partir da sensação pode alcançar a validade silogística formal.

Por exemplo, se você está olhando para um carro vermelho, por qual processo válido de raciocínio silogístico você pode inferir, a partir dessa sensação, a conclusão ou pensamento de que você está olhando para um carro vermelho? É absolutamente impossível. Contudo, se cada inferência a partir da sensação é falaciosa, então isso significa que cada inferência é uma conclusão desnecessária ou até mesmo arbitrária a partir de premissas que são, antes de tudo, duvidosas. Mas uma cosmovisão empírica é precisamente uma que constrói algumas, a maioria ou até mesmo todas as proposições dentro dessa cosmovisão sobre essas inferências falaciosas. É desnecessário dizer que tal cosmovisão é completamente inútil, mas esse é o tipo de cosmovisão abraçada por muitas pessoas, desde estudantes a cientistas.

Sobre a base do empirismo, se você for ver uma maçã sobre uma mesa, seria impossível para você dizer que há dois objetos — uma maçã e uma mesa. Baseado na sensação somente, você seria incapaz de dizer onde um objeto termina e o outro começa. Em qualquer determinado momento, você é bombardeado por muitas sensações, e se você for conhecer os objetos que você está vendo por uma epistemologia empírica, então isso significa que sua mente deve organizar e combinar essas sensações para agrupar aquelas que pertencem aos seus objetos correspondentes.⁴⁶

⁴⁶ Como Gordon Clark escreve, alguém pode “numa ocasião combinar a cor vermelha e o gosto suculento para fazer uma maçã, se ele desejar; mas ele não pode em outra ocasião combinar essa cor com o cheiro do sulfato de hidrogênio e o som do Si bemol para fazer um boogum?” *Thales to Dewy*; The Trinity Foundation, 2000 (original: 1957); p. 307-308

Contudo, isso requer que sua mente conheça os atributos e aparências desses objetos antes de você observá-los,⁴⁷ mas o empirismo ensina que você aprende seus atributos e aparências precisamente observando-os. Se você deve conhecê-los antes de observá-los, e se você só pode conhecê-los observando-os, então isso significa que você nunca pode saber nada que você já não saiba. E se você seguir alguns empiristas na afirmação de que o homem nasce com uma mente branca, então sobre a base do empirismo, sua mente permanecerá branca para sempre. A aquisição de conhecimento é impossível sobre a base do empirismo.

Quando diz respeito à aquisição de linguagem, que realmente se inclui na categoria mais ampla da aquisição de conhecimento, é impossível para uma pessoa aprender o significado de uma palavra pela sensação. Um pai pode tentar ensinar seu filho o que a palavra “carro” significa apontando para um carro. Antes de tudo, sobre a base do empirismo, a criança não pode nem mesmo ver ou conhecer o pai, o carro e o ato de apontar, mas nós ignoraremos isso por ora. A criança ainda deve fazer uma inferência a partir do ato de apontar do pai. Se o pai tenta ensinar ao seu filho o significado da palavra “carro” apontado para um carro, então, para a criança, a palavra “carro” pode significar o ato de apontar, o dedo usado para apontar, a cor do carro, qualquer parte do carro, o carro juntamente com a rua e a paisagem de fundo, qualquer objeto maior, o significado de “ali” ou “deixa pra lá”, e um número infinito de outros significados possíveis. O ponto é que o ato de apontar para um carro não produz a inferência necessária de que “carro” signifique o que queremos dizer pela palavra. Se alguém tenta sobrepujar o problema apontando para muitos carros, então o significado da palavra pode, na melhor das hipóteses, se tornar um “transporte”, que pode ser um elefante ou camelo em algumas partes do mundo. Mas até mesmo o conceito de transporte não é uma inferência necessária do ato de apontar para muitos carros.

Além disso, ensinar a alguém o significado de uma palavra repetidamente apontando para seu objeto correspondente, juntamente com a menção da palavra, é um método que depende de exemplos limitados de apontar com a intenção de produzir uma definição de uma idéia universal (tal como “carro”) na mente de outra pessoa. Mas a indução sempre é uma falácia formal. Mesmo se limitarmos grandemente as possíveis inferências falsas a partir da observação de repetidos atos de apontamento, como o observador sabe que tipo de carros é pretendido pela pessoa que está apontando — somente aqueles feitos dentro das últimas duas ou três décadas? Se a pessoa quer incluir carros mais velhos, então ela deve encontrá-los, e apontar para eles também. É uma inferência inválida pensar que a palavra “carro” pode se referir a qualquer carro na história simplesmente porque alguém apontou para diversos carros.

Em adição, aquele que aponta deve mexer sua mão ou sua cabeça para o *mesmo objeto* que a palavra não pode designar, incluindo itens que não tenham sido ainda feitos; de outra forma, nada impede o observador de inferir que “carro” possa se referir a objetos que são realmente excluídos pela palavra. Portanto, para validamente definir uma palavra pelo mero apontamento, a pessoa deve apontar cada objeto passado, presente e futuro pretendido pela palavra, e mexer sua mão ou cabeça para cada objeto passado, presente e futuro excluído pela palavra. Mas em primeiro lugar, como o observador sabe o que o apontamento e a sacudidela significam? Se ele não sabe ainda, então como podemos ensiná-lo? Se tentarmos ensiná-lo o significado desses gestos por uma epistemologia empírica, então enfrentaremos todos os problemas acima novamente, e muitos outros que eu não tenha mencionado.

⁴⁷ De outra forma, você não saberia como organizar e combinar as sensações. Em adição, sobre a base do empirismo, é impossível para você dizer a distância entre dois objetos. O próprio *espaço* não é observável aos sentidos; ninguém jamais viu ou tocou o “espaço”.

Se uma pessoa pergunta a outra pessoa o que “andar” significa, a segunda pessoa pode se levantar e começar a andar na tentativa de mostrar à primeira pessoa o que andar significa. Mas então, a primeira pessoa deve fazer inferências a partir do que ela observa, e como temos mencionado, todas essas inferências são inevitavelmente falaciosas. Desse exemplo, alguém pode inferir que “andar” significa ficar de pé, sair, ficar de pé e sair, ficar de pé e andar, e uma série de outras coisas. Antes de tudo, como o observador sabe que essa pessoa está tentando responder sua pergunta mostrando-lhe o que “andar” significa? Se a segunda pessoa disser à primeira pessoa que ela estará lhe mostrando o que “andar” significa andando de fato, então podemos perguntar, antes de tudo, como elas aprenderam as palavras para comunicar isso. Como temos mostrado, elas não podem ter aprendido as palavras por meios empíricos. Se as duas pessoas já estão andando juntas, a que está sendo questionada pode andar mais rápido para enfatizar o ato de andar, mas então como o observador pode distinguir entre andar, acelerar, caminhar ou correr? Ainda mais perplexante é como uma pessoa pode aprender as palavras “Deus”, “fé”, “é”, e “justiça” sobre a base do empirismo.

Se uma pessoa tenta responder a questão do que “andar” significa dando uma definição verbal, então ela deve usar palavras. Mas como essa pessoa aprende as palavras que ela está para usar? Também, para entender a definição, o ouvinte deve também conhecer as palavras que compõem a definição, mas como isso é possível sobre a base do empirismo? Além do mais, se ambos deles pensam que eles entendem as palavras na definição, como eles podem saber que seu entendimento das palavras é o mesmo? Se eles tentam assegurar que eles têm as mesmas definições para as palavras usadas na definição da palavra em questão, discutindo o que elas pensam que as palavras significam, então eles precisam usar palavras novamente, de forma que todos os problemas anteriores ocorrem novamente.

Mesmo se assumirmos que os sentidos podem perceber os sons das palavras, o acima exposto mostra que a mente já deve saber os significados das palavras antes que ela possa entender os sons transmitidos à mente pela audição ou sensação da pessoa. Mas nós temos mostrado também que a mente nunca pode aprender os significados das palavras pela sensação. Portanto, o conhecimento não pode vir de fora, mas se ele for possível de alguma forma, ele deve vir de dentro. Na epistemologia cristã, algo desse conhecimento é inato, de forma que “Cristo ilumina todo homem já nascido por tendo-os criando com um dom intelectual e moral... Esse conhecimento é uma parte da imagem de Deus com a qual Deus criou Adão”.⁴⁸

Embora não iremos sumarizar aqui os argumentos detalhados do *De Magistro* de Agostinho, reproduziremos sua conclusão:

Por meio de palavras, portanto, aprendemos somente palavras ou, antes, o som e a vibração de palavras. Pois se aquelas coisas que não são sinais não podem ser palavras, mesmo que eu tenha ouvido uma palavra, eu não sei que essa é uma palavra até que eu saiba o que ela signifique. Assim, quando coisas são conhecidas, a cognição das palavras também é realizada, mas por meio de ouvir palavras elas não são aprendidas. Pois nós não aprendemos as palavras que sabemos, nem podemos dizer que aprendemos aquelas que não sabemos a menos que seu significado tenha sido percebido; e isso acontece não por meio de ouvir palavras que são pronunciadas, mas por meio de uma cognição das coisas que são significadas. Pois é o raciocínio verdadeiro e mais corretamente dito que quando as palavras são expressas, ou nós já

⁴⁸ Gordon H. Clark, *The Johannine Logos*; The Trinity Foundation, 1989 (original: 1972); p. 27.

conhecemos o que elas significam ou não conhecemos. Se conhecemos, então relembramos antes do que aprendemos, mas se não conhecemos, então nem mesmo relembramos...

Mas, referindo agora às coisas que entendemos, consultamos, não o locutor que expressa palavras, mas o guardião da verdade dentro da própria mente, pois temos talvez sido lembrados pelas palavras para assim o fazer. Além do mais, aquele que é consultado ensina; pois aquele que é dito residir no homem interior é Cristo, isto é, a excelência imutável de Deus e sua eterna sabedoria, que toda alma racional deveras consulta. Mas ali é relevado a cada um tanto quanto ele possa apreender através de sua vontade, segundo ela seja mais perfeita ou menos perfeita. E se algumas vezes alguém é enganado, isso não é devido a um defeito da luz externa, pois os olhos do corpo são frequentemente enganados...⁴⁹

A verdade é necessariamente proposicional, visto que somente uma proposição pode ser descrita como verdadeira ou falsa. Mas por meio de sensações, é impossível comunicar qualquer proposição a partir de uma mente humana para outra; antes, somente o *logos* pode facilitar tal comunicação. Portanto, a epistemologia cristã, mesmo quando relacionada com sensação, não depende das sensações, de forma que ela não é atormentada pelas dificuldades insuperáveis do empirismo. A única função das sensações na epistemologia cristã é fornecer as ocasiões para a intuição intelectual; isto é, as sensações fornecem as ocasiões sobre as quais o *logos* comunica informação à mente humana, aparte das próprias sensações. Nenhum conhecimento é adquirido a partir das próprias sensações.

Certamente nós “lemos” a Bíblia, mas até mesmo essa atividade não depende da sensação, mas da vontade e poder soberano de Deus. O homem depende de Deus para sua contínua existência e operações intelectuais; ele não é autônomo ou independente em qualquer esfera da vida. Pelo poder soberano e controle absoluto de Deus, os incrédulos se recusam a reconhecê-lo e dar ações de graça pela sua bondade, e assim, ele lhes entrega à uma mente depravada, para que eles possam acumular a ira divina para a sua condenação futura. Em contraste, os cristãos são aqueles que têm se arrependido de seu pensamento pecaminoso por causa da graça soberana de Deus, e eles adoram e agradecem a Deus pelo seu sustento.

Algumas pessoas concordam que o prólogo do Evangelho de João pelo menos indica a epistemologia acima. Como Ronald Nash escreve:

Após João descrever Jesus como o Logos cosmológico, ele apresenta-o como o Logos epistemológico. João declara que Cristo era “a verdadeira luz que ilumina a todo homem” (João 1:9). Em outras palavras, o Logos epistemológico não é somente o mediador da revelação divina especial (João 1:14), ele é também o fundamento de *todo* conhecimento humano.⁵⁰

Vários dos pais da igreja primitiva também ensinaram essa visão: “Sobre a base de João 1:9, Justino Mártir argumentou que cada apreensão da verdade (seja pelo crente ou pelo

⁴⁹ Augustine, *De Magistro*; Prentice-Hall Publishing Company, 1938. Aqui nós temos chegado ao assunto de lingüística e sua relação para com a epistemologia e metafísica, mas não gastaremos tempo desenvolvendo-a aqui.

⁵⁰ Ronald H. Nash, *The Word of God and the Mind of Man*; Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing, 1982; p. 67.

incrédulo) é feita possível porque os homens estão relacionados com o Logos”.⁵¹ Todos dependem de Cristo para conhecer algo. Os crentes admitem isso. Os incrédulos não.

Embora eu afirme esse entendimento do prólogo, mesmo que você discorde sobre esse ponto particular, isso não destrói a epistemologia que apresentei. Primeiro, nada no prólogo contradiz a epistemologia que apresentei. Segundo, a epistemologia que apresentei é uma consequência necessária da metafísica bíblica que introduzi no começo. A Bíblia certamente afirma que Deus criou e controla todas as coisas, e todas as coisas necessariamente inclui todas as atividades intelectuais humanas. Terceiro, inúmeros versículos bíblicos ensinam que Deus é aquele que soberanamente concede entendimento e conhecimento.

Para sumarizar, Deus age diretamente sobre a mente e transmite informação diretamente para ela nas ocasiões em que alguém está experimentando sensações físicas, mas Deus age sobre a mente e transmite essa informação sempre aparte das próprias sensações. Até mesmo o ato de ler a Escritura depende de Cristo, o *logos* divino, e não de nossos sentidos.

Isso nos diz o que acontece quando experimentamos sensações, pois por causa das falhas fatais inerentes do empirismo, ainda é impossível construir uma cosmovisão verdadeira e coerente sobre a base das sensações ou ganhar qualquer conhecimento a partir das sensações. Antes, a Escritura é o primeiro princípio da cosmovisão cristã, de forma que o verdadeiro conhecimento consiste de apenas o que é diretamente declarado na Escritura e o que é validamente dedutível da Escritura; todas as proposições equivalem, na melhor das hipóteses, à opinião injustificada. Essa epistemologia bíblica flui necessariamente da metafísica bíblica. Qualquer outra epistemologia é indefensível, e inevitavelmente desmorona em ceticismo auto-contraditório.

ÉTICA

Assim como a epistemologia bíblica necessariamente flui da metafísica bíblica, a soteriologia bíblica necessariamente flui da metafísica e epistemologia bíblica. Mas, visto que a soteriologia bíblica pressupõe a hermatologia bíblica, e a hermatologia bíblica pressupõe a ética bíblica, devemos primeiramente discutir a ética bíblica.

Visto que Deus controla tudo da realidade, e tudo da realidade depende de Deus, e visto que o homem é parte da criação de Deus e parte dessa realidade, isso significa que a antropologia bíblica trata da relação entre Deus e o homem. Visto que Deus é soberano sobre tudo da sua criação, incluindo o homem, então Deus é também aquele que define a relação apropriada entre Deus e o homem. Esse é o fundamento da ética bíblica.

Os versos 10-11 do prólogo de João dizem: “Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”. F.F Bruce traduz o versículo 11 assim: “Ele veio para a sua própria terra, e o seu próprio povo não o recebeu”.⁵² O versículo 10 se refere a uma rejeição mais geral de Cristo, e o versículo 11 trata com a situação histórica em Israel; para o nosso propósito, no que se segue ignoraremos o versículo 11.

⁵¹ Ibid., p. 67.

⁵² F. F. Bruce, *The Gospel of John*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983; p. 37.

Dizer que “o mundo foi feito por intermédio dele” (v. 10) reforça a doutrina da criação, que é um aspecto da metafísica bíblica, como introduzida pelos versículos 1-3. A Palavra se tornou uma pessoa histórica “no mundo”, mas o mundo “não o reconheceu”. Ao invés de receber a adoração que ele merecia como o Criador, Ele foi ignorado e rejeitado, e finalmente crucificado por aqueles a quem ele tinha feito. Tal é a natureza do pecado, e aquela dos homens pecaminosos, que, embora devam obediência ao seu Criador, eles desdenham de seus mandamentos e perseguem aqueles que o seguem. Se o Criador ousou invadir o território deles na forma de um homem, então eles estavam determinados a matá-lo.

A visão cristã da metafísica demanda obediência aos mandamentos do Criador na área da ética. O versículo 10 implica que o mundo deveria ter conhecido a Cristo, pois “o mundo foi feito por intermédio dele”. Ele era o seu Criador, e ele estava no mundo, mas ele não recebeu a recepção que ele merecia. Se eles estivessem cientes de que “o mundo foi feito por intermédio dele”, eles certamente não agiriam assim — a mente pecaminosa é cega, ingrata e irracional. Em todo caso, o versículo mostra que a relação do homem para com Deus tem sido danificada pelo pecado.

Através da influência da filosofia e psicologia secular, muitas pessoas têm um conceito distorcido do pecado, e algumas pessoas têm me dito que elas nunca pecaram de forma alguma. Contudo, isso com certeza é falso, pois 1 João 1:18 diz: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós”. Mesmo antes de darmos a definição bíblica de pecado, sobre a base desse versículo somente devemos afirmar que todos têm pecado. Contudo, daremos a definição bíblica. A Escritura define pecado como uma transgressão da lei de Deus, e é a lei de Deus que define o certo e errado. Romanos 3:20 diz: “É mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado”, e João escreve “De fato, o pecado é a transgressão da Lei” (1 João 3:4). Quebrar o mandamento de Deus é fazer o errado, isto é, pecar.

Algumas pessoas pensam que o evangelho aboliu a lei moral, mas isso é um mal-entendimento grosseiro da mensagem do evangelho e da obra de Jesus Cristo. Paulo escreve: “E onde não há Lei, não há transgressão” (Romanos 4:15). Se a lei moral foi abolida no sentido de que não há mais uma lei moral, então não pode haver pecado. Contudo, mesmo após Cristo ter consumado sua obra redentora, o Novo Testamento continua a ensinar que todos pecaram, e que mesmo os crentes pecam às vezes. Mas visto que deve existir lei para haver pecado, isso significa que a lei moral ainda está em vigor.

Outra perversão doutrinária afirma que o mandamento para amor substituiu a lei moral, tais como os Dez Mandamentos. Contudo, Romanos 13:9 diz : “Pois estes mandamentos: “Não adulterarás”, “Não matarás”, “Não furtarás”, “Não cobiçarás”, e qualquer outro mandamento, todos *se resumem* neste preceito: “Ame o seu próximo como a si mesmo””. O mandamento para amar é um sumário dos mandamentos morais de Deus: não um substituto. De fato, o amor permanece não definido até que o mandamento moral específico de Deus lhe dê significado. Assassinato e roubo ainda são pecados, e amar o meu próximo significa não assassiná-lo ou roubá-lo, pois isso é como os mandamentos de Deus definem o amor.

Antes do que relaxar a definição de pecado, Jesus reforça a severidade dos mandamentos morais de Deus, e dissipa as tradições humanas que escusam as pessoas de obedecê-los (Marcos 7:13). Contra as tradições religiosas anti-escriturísticas de seus dias, ele traz à luz o pleno significado dos mandamentos de Deus, e insiste que uma pessoa viola a lei moral até mesmo pelos maus pensamentos, e não somente pelas ações visíveis. Ele diz:

“Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno....” “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’b, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno.

Algumas pessoas de maneira equivocada pensam que Jesus está aqui revisando os mandamentos, mas ele está de fato expondo seu significado original e pretendido em oposição às interpretações e distorções das traduções humanas. Deus sempre considera os pensamentos maus como pecaminosos:

O SENHOR viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. (Genesis 6:5)

Que o ímpio abandone o seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos. Volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois ele dá de bom grado o seu perdão. (Isaías 55:7)

Seus pés correm para o mal, ágeis em derramar sangue inocente. Seus pensamentos são maus; ruína e destruição marcam os seus caminhos. (Isaías 59:7)

Ó Jerusalém, lave o mal do seu coração para que você seja salva. Até quando você vai acolher projetos malignos no íntimo? (Jeremias 4:14)

A pessoa deve obedecer a Deus em seus motivos, pensamentos e ações. É pecaminoso até mesmo se inquietar sobre comida e vestimenta, visto que Jesus diz que isso é cometer pecado de incredulidade e idolatria (Mateus 6:24-25, 30). Assim, com exceção de Jesus Cristo, ninguém é sem pecado (Hebreus 4:15). Em adição, Tiago escreve: “Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente. Pois aquele que disse: “Não adulterarás”, também disse: “Não matarás”. Se você não comete adultério, mas comete assassinato, torna-se transgressor da Lei” (Tiago 2:10-11). Se você obedece a Deus num ponto, mas desobedece noutro ponto, você já é um transgressor. O ponto não somente é que você tenha cometido assassinato, adultério, ou seja qual for o pecado que você possa ter cometido, mas que, cometendo o pecado, você tem desafiado aquele que estabeleceu os mandamentos. O Catecismo Maior de Westminster oferece uma excelente definição de pecado. A questão 24 — “Que é pecado?” — evoca a resposta “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou a transgressão de qualquer lei por ele dada como regra, à criatura racional”. Qualquer transgressão ou desvio da lei moral por uma criatura racional é pecado. Agora, a lei de Deus não somente proíbe o mal, mas ela frequentemente demanda o bem positivo de nós: “Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3:17); “Pensem nisto, pois: Quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado.” (Tiago 4:17). Adicione Mateus 5:48 a tudo isso, e o alto padrão moral

requerido por Deus se torna evidente: “Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.”

SOTERIOLOGIA

Parece haver um grande problema. O padrão moral descrito é mais do que muito alto — ele parece ser impossível e inatingível. Não é pouca coisa desafiar e ofender um Deus santo e onipotente — um mau pensamento ou ação é suficiente para condenar uma pessoa para sempre. Portanto, porque é impossível satisfazer suas demandas, a lei de Deus nos leva ao desespero: “Já os que se apóiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei” (Gálatas 3:10).

Visto que é impossível ser justificado diante de Deus pela lei, isso significa que para alguém ser justificado diante de Deus, ele deve ser justificado aparte da lei (Romanos 3:28). Gálatas 3:24 diz: “Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé”. A lei coloca um padrão impossível que deixa todos os homens culpados, assim, levando à Cristo aqueles que têm se desesperado por seus próprios esforços. Como esse pano de fundo, devemos ser capazes de entender Romanos 3:21-24:

Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.

Ninguém é inocente “pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”. Como o Salmo 130:3 diz, “Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia?”. Contudo, o salmo continua “Mas contigo está o perdão” (v. 4). Somos “justificados pela sua graça” e assim temos “a esperança da vida eterna” (Tito 3:7). Não somos salvos por nossa própria bondade, pois não temos nenhuma, mas somos salvos pela misericórdia soberana de Deus.

Para entender a natureza da obra de Deus na salvação, devemos primeiro entender a extensão do dano do pecado no homem. Isto é, entender o problema nos ajudará a entender a solução que corresponde ao problema. Assim, qual é o efeito do pecado no homem? O homem pode contribuir ou cooperar em sua salvação? Sem a influência divina determinativa, o homem pode decidir aceitar o dom de Deus?⁵³ Usando a linguagem metafórica, o homem está espiritualmente doente ou cego, ou algo pior?

Jesus diz “Jesus lhes respondeu: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento”. (Lucas 5:31-32). O pecado é como alguém que está doente quando diz respeito às coisas espirituais. Essa metáfora sugere que ele está no mínimo inválido em sua capacidade para tratar com as coisas

⁵³ Outra questão é se Deus estende Sua graça para salvação a toda pessoa. A Escritura nega que Deus estenda Sua graça a toda pessoa, mas ensina que Deus escolhe quem Ele salvará: “Pois ele diz a Moisés: ‘Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão’” (Romanos 9:15).

espirituais. O pecador também está cego: “Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure” (João 12:40). Essa metáfora nos dá outro pedaço de informação específica sobre o pecador. O versículo implica que a cegueira dos seus olhos é como a morte do seu coração, e ambas significam que o pecador não pode compreender as coisas espirituais. A cegueira espiritual não é diferente da cegueira intelectual; antes, a cegueira espiritual é um sub-sistema da cegueira intelectual, somente que estamos nos referindo a uma inaptidão intelectual sobre assuntos espirituais. Paulo diz que os incrédulos são “obscurecidos no entendimento” (Efésios 4:18).

O pecador está espiritualmente doente e cego, mas mais do que isso, ele também está espiritualmente morto. Escrevendo aos cristãos em Éfeso, Paulo diz: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência”. Paulo usa a metáfora não como um artifício retórico casual, mas ele pretende ser teologicamente decisivo, de forma que ele assume sua verdade à medida que ele continua: “Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões pela graça vocês são salvos” (v. 4-5). Aos cristãos, Paulo diz que Deus “nos ressuscitou com Cristo” (v. 6). Isso nos traz ao problema para a solução, da hermatologia para a soteriologia, e de volta ao prólogo do Evangelho de João.

Tendo estabelecido a condição pecaminosa do homem implicada por João 1:10-11, agora procedemos aos versículos 12-13: “Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus”. Embora todos os seres humanos sejam criaturas de Deus, nem todos são seus filhos; os não-cristãos são filhos do diabo (João 8:44). Nos escritos de João o crente se torna um “filho” (*teknon*) de Deus, e somente Jesus é o “filho” (*huios*) de Deus, e com Paulo tanto Cristo como os crentes são ditos serem filhos, mas os últimos somente por adoção. Assim, ambos os apóstolos fazem uma distinção entre a filiação de Cristo e a filiação de um cristão, de forma que nunca alguém se toma um filho de Deus no mesmo sentido em que Cristo é o filho de Deus.

Nós temos visto duas metáforas para a conversão — ressurreição e o novo nascimento. Para repetir Efésios, Paulo escreve aos eleitos que Deus “deu-nos vida com Cristo” e que ele “nos ressuscitou com Cristo”. Aqui no prólogo, aqueles que crêem em Cristo passaram pelo novo nascimento para se tornarem os filhos de Deus. Assim, Jesus diz em João 3:3: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”. Ezequiel 36:25-27 dá um excelente sumário do que acontece na conversão:

Aspergirei água pura sobre vocês e ficarão puros; eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis.

Embora seja impossível obedecer às leis morais de Deus antes da conversão, quando Deus converte uma pessoa, ele capacita essa pessoa a obedecê-las pelo Espírito Santo.

Há agora informação suficiente para produzir uma declaração sobre soteriologia, e para relacioná-la à metafísica e epistemologia bíblica. O pecador está espiritualmente morto em pecado. Ele está numa condição tal que a conversão requer uma reconstrução radical⁵⁴ no intelecto e na personalidade, equivalendo à uma ressurreição espiritual. Agora, alguém que está meramente doente e cego pode talvez fazer algo para ajudar a si mesmo, ou pelo menos receber um dom que lhe é oferecido. Contudo, alguém que está morto não pode fazer ou decidir nada para si mesmo; portanto, antes dessa reconstrução radical ou ressurreição espiritual, um homem não pode contribuir ou cooperar em sua própria salvação, nem está disposto a assim fazer. Romanos 8:7 diz: “A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo”.

Portanto, depende somente de Deus decidir e realizar uma regeneração espiritual da pessoa. O versículo 12 do prólogo diz: “Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus”, e assim a fé em Cristo é deveras o meio pelo qual Deus efetua a justificação e a adoção de uma pessoa. Contudo, que uma pessoa tenha fé em Cristo não depende da pessoa, visto que se dependesse, então a pessoa nunca teria fé, estando morta em pecado. Antes, que uma pessoa tenha fé em Cristo depende somente da decisão de Deus, visto que a fé é um dom de Deus (Efésios 2:8). Uma pessoa espiritualmente morta não pode produzir ou exercer fé, e Deus deve primeiro regenerá-la, mas Deus regenera somente aqueles a quem ele escolheu. Portanto, a ordem bíblica do que acontece quando Deus salva uma pessoa é regeneração, fé, justificação e adoção.

Paulo escreve, "Que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que tanto buscava, mas os eleitos o obtiveram. Os demais foram endurecidos, como está escrito: “Deus lhes deu um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje”. E Davi diz: “Que a mesa deles se transforme em laço e armadilha, pedra de tropeço e retribuição para eles. Escureçam-se os seus olhos, para que não consigam ver, e suas costas fiquem encurvadas para sempre” e novamente pergunto: Acaso tropeçaram para que ficassem caídos? De maneira nenhuma! Ao contrário, por causa da transgressão deles, veio salvação para os gentios, para provocar ciúme em Israel” (Romanos 11:7-8). O falso evangelho do Arminianismo diz que é o homem quem escolhe se ele aceitará a Cristo, mas Jesus diz: “Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça” (João 15:16). Enganados pelo falso evangelho do “livre-arbítrio”, muitas pessoas têm sido persuadidas a pretensamente receberem a Cristo; contudo, a menos que elas tenham sido escolhidas por Deus para serem salvas, sua escolha é falsa e fútil. Eles não foram salvos, e eles não produzirão fruto verdadeiro e fruto espiritual que permaneça.

A fé em Cristo é o assentimento verdadeiro da mente ao evangelho de Cristo, e isso significa que a soteriologia pressupõe a epistemologia. Isto é, a salvação pressupõe o conhecimento. Assim, a questão se torna como alguém chega a conhecer, entender e aceitar o evangelho? Quando Pedro disse a Jesus “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, Jesus respondeu: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mateus 16:16-17). Pedro não observou as palavras e obras particulares de Cristo, e então pelo processo de indução inferiu que ele devia ser o Cristo. Pelo contrário, Deus soberanamente iluminou sua mente para conhecer a verdade sobre Cristo. Novamente, isso mostra que uma pessoa não pode simplesmente decidir ser salva, visto que ela não pode nem mesmo conhecer ou entender o evangelho, a menos que Deus soberanamente decida revelá-lo a ela. Nicodemos disse a Jesus: “Mestre, sabemos que

⁵⁴ Por isso quero dizer “fundamental” ou “na raiz”.

ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Contudo, sua observação falhou em produzir o conhecimento necessário para a salvação. Observando as mesmas obras de Cristo, os fariseus inferiram: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa demônios” (Mateus 9:34). O conhecimento nunca pode vir pelo método empírico, visto que qualquer inferência a partir da sensação está obrigada a ser uma inferência desnecessária, e assim, inválida.

Isso é verdade também quando diz respeito ao conhecimento necessário para a salvação; isto é, a soteriologia bíblica não pode descansar numa epistemologia não-bíblica, mas ela descansa numa epistemologia bíblica que enfatiza o Deus soberano e a Escritura infalível. O conhecimento necessário para a salvação vem pela operação imediata do *logos* sobre a mente por meio da Escritura ou da pregação do evangelho. Portanto, “fé vem por se ouvir a mensagem” (Romanos 10:17), mas ao mesmo tempo ela é um dom soberano de Deus (Efésios 2:8), de forma que nem todos que ouvem o evangelho recebem fé, mas somente aqueles a quem Deus soberanamente concede o assentir ao evangelho.

Outra passagem importante é 2 Coríntios 4:4-6:

O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Mas não pregamos nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus. Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

A pregação do evangelho em si mesma não salva, pois para a luz do evangelho penetrar, é necessário que Deus aja diretamente na mente humana para produzir fé. É Deus quem “faz sua luz brilhar em nossos corações”, de modo que “nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Coríntios 3:7).

Isso é consistente com a epistemologia bíblica explicada no começo, que a sensação — nesse caso, o ouvir do evangelho — no máximo fornece uma ocasião para a mente intuir a verdade a partir da mente de Deus. Mas se Deus não a concede, então o homem não pode entender (duma maneira ou extensão necessária para a salvação) ou crer no evangelho. Podemos adicionar que o conhecimento freqüentemente vem aparte da estimulação da sensação, visto que Deus pode transmitir à mente qualquer pensamento que ele deseje, de forma que a sensação nunca é *necessária* para se obter qualquer tipo de conhecimento.

Assim como a epistemologia bíblica depende a metafísica bíblica — isto é, o conhecimento é feito possível somente pelo poder de Deus — visto que a metafísica bíblica cobre o todo da realidade, a soteriologia bíblica também depende da metafísica bíblica. Isto é, visto que Deus controla cada detalhe do todo da realidade, isso significa que ele também controla cada detalhe da salvação de cada pessoa. “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18), de forma que Deus somente dispensa sua salvação a quem ele quer. Àqueles a quem ele escolheu, ele envia um chamado irresistível para aceitar a Cristo; àqueles a quem ele rejeitou, ele endurece seus corações contra o evangelho. Como o Salmo 65:4 diz: “Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes, e fazes chegar a ti, para habitar em teus átrios! Nós seremos satisfeitos com a bondade da tua casa, do teu santo templo” (ARC).

Assim, temos chegado ao centro da cosmovisão cristã — dependemos de Deus para existência, conhecimento e para salvação. Como Paulo escreve: “Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Efésios 4:4-6). Enquanto que as religiões e filosofias não-cristãs falham em cada ponto para responder às questões últimas, o sistema bíblico fornece respostas verdadeiras e coerentes a todas elas. Da lógica à metafísica, da metafísica a epistemologia, da epistemologia a ética, da ética a soteriologia, o único e incomparável Deus soberano raciocina, cria, sustenta, revela, ordena, julga e salva.

3. ESCOLHIDOS PARA SALVAÇÃO

ELEITOS

Escrevendo aos tessalonicenses convertidos, Paulo diz: “Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu” (1 Tessalonicenses 1:4). Assim como a soberania de Deus é fundacional para a teologia cristã em geral, a doutrina da eleição é fundacional para a soteriologia cristã em particular. A doutrina mantém que na eternidade, antes do universo ser criado, Deus selecionou um número imutável de indivíduos específicos para a salvação em Cristo, e ele assim o fez sem basear sua decisão sobre a fé e obras, ou qualquer outra condição, nos indivíduos assim selecionados. Antes do que escolher um indivíduo por causa de qualquer fé prevista, o indivíduo eleito recebe fé precisamente porque Deus já o escolheu.

Contra os calvinistas,⁵⁵ os arminianos se opõem a essa doutrina bíblica; pelo contrário, eles transformam a eleição divina numa reação de Deus ao que escolhemos, de forma que o nosso escolher a Cristo é logicamente anterior ao escolher de Deus por nós, com o resultado de que meros seres humanos determinam a vontade de Deus na salvação. Contra essa heresia humanista, Paulo declara: “Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu”. É Deus quem soberanamente escolhe o eleito, de forma que Paulo diz “ele os escolheu” e não “ele aprovou a vossa escolha”. Se Deus não faz nada mais do que aceitar nossa escolha, então ele não nos escolhe em nenhum sentido real do termo. Mas Jesus diz: “Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi” (João 15:16). Portanto, o Arminianismo é falso.

Num parágrafo desapontador sobre 1 Tessalonicenses, David J. Williams escreve:

A eleição se torna nossa somente quando estamos “em Cristo...” Assim, o elemento da escolha humana entra no processo. Se escolhemos estar em Cristo, temos sido escolhidos por Deus. Não há nada arbitrário, portanto, sobre a eleição. Nossa escolha nos faz seus eleitos. Ao mesmo tempo ela nos faz “alguém” que aos olhos do mundo pode ser “ninguém”. A eleição nos dá valor que de outra forma não teríamos, pois Deus nos escolheu, não pelo que éramos, mas a despeito de sermos pecadores e simplesmente porque ele é o tipo de Deus que ele é... Nossa eleição é inteiramente uma expressão do amor de Deus.⁵⁶

É confuso, se não contraditório, dizer que a eleição “se torna nossa” somente quando estamos em Cristo. A escolha de uma pessoa por Deus é um objeto que pode ser dado ou tirado? É baseado nessa declaração sem sentido que “o elemento da escolha humana entra no processo”.

Williams continua: “Se escolhemos estar em Cristo, temos sido escolhidos por Deus”. Dependendo de como alguém entende isso, *sob a superfície* essa afirmação pode

⁵⁵ Certamente não afirmamos o “Calvinismo” simplesmente porque João Calvino o ensinou, mas porque ele é bíblico, e nos opomos ao “Arminianismo” porque ele é anti-bíblico. Estamos usando esses termos somente por conveniência.

⁵⁶ David J. Williams, *New International Biblical Commentary: 1 and 2 Thessalonians*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1992; p. 28.

acomodar tanto o Calvinismo como o Arminianismo. Se Williams pretende afirmar o Calvinismo com essa declaração, então ele está dizendo que alguém que escolhe estar em Cristo descobre que ele escolhe a Cristo precisamente porque Deus já o tinha escolhido, de forma que a escolha de Deus é anterior e a causa da escolha do homem. Isto é, Deus primeiro escolhe a pessoa, e no devido tempo faz com que ela escolha a Cristo.⁵⁷

Contudo, a próxima declaração implica que Williams não pretende afirmar o Calvinismo: “Não há nada arbitrário, portanto, sobre eleição”. Ele está dizendo que a eleição não é arbitrária somente porque “o elemento da escolha humana entra no processo”. Se a eleição diz respeito completamente a Deus sem referência a qualquer condição encontrada na pessoa, então a decisão de Deus seria arbitrária. Portanto, para evitar que uma decisão seja arbitrária, Deus deve basear sua eleição na decisão do homem. Para Williams, um Deus absolutamente soberano é também um Deus arbitrário.

Tanto calvinistas como arminianos são freqüentemente muito cuidadosos com a palavra “arbitrário”. Se por arbitrário queremos dizer “existir ou acontecer aparentemente de forma aleatória ou por chance, ou como um ato de vontade caprichoso e desarrazoado”,⁵⁸ então certamente o calvinista negaria que a eleição é arbitrária. Tanto calvinistas como arminianos freqüentemente usam a palavra nesse sentido, mas essa é a última definição no *Merriam-Webster*. As definições anteriores incluem: “depende de discricção individual (como de um juiz) e não fixada por lei... não restringida ou limitada no exercício do poder: regular por autoridade absoluta”.⁵⁹ Se usamos essas definições, então o calvinista pode prontamente afirmar que a eleição é “arbitrária”, visto que Deus de veras governa “por autoridade absoluta”, e a eleição é de veras baseada em sua “discricção individual”. Paulo escreve: “Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18), e portanto a eleição é “arbitrária”, mas não no sentido pejorativo.

Williams está usando claramente a palavra “arbitrário” no sentido pejorativo — isto é, “existir ou acontecer aparentemente de forma aleatória ou por chance, ou como um ato de vontade caprichoso e desarrazoado”. Então, para parafrasear sua posição, ele está dizendo que a eleição não existe ou acontece “aparentemente de forma aleatória ou por chance, ou como um ato de vontade caprichoso e desarrazoado” *somente porque* “o elemento da escolha humana entra no processo”. Se a eleição diz respeito completamente a Deus sem referência a qualquer condição encontrada na pessoa, então a decisão de Deus seria “existir ou acontecer aparentemente de forma aleatória ou por chance, ou como um ato de vontade caprichoso e desarrazoado”.

Portanto, para impedir uma decisão de ser “aparentemente de forma aleatória ou por chance, ou como um ato de vontade caprichoso e desarrazoado”, Deus deve basear sua eleição na decisão do homem. Para Williams, um Deus absolutamente soberano é também um Deus randômico, caprichoso e desarrazoado. Para Williams, se Deus faz algo com você sem primeiro te “pedir”, então ele é randômico, caprichoso e

⁵⁷ Nós descobriremos em breve que isso *não* é o que ele quer dizer.

⁵⁸ *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster,

Incorporated, 2001.

⁵⁹ *Ibid*

desarrazoado. Um termo para descrever essa posição é *blasfêmia*. Talvez Williams esqueceu que ele está escrevendo um comentário *cristão*. Em contraste, a Escritura ensina que Deus é deveras “arbitrário” no melhor sentido do termo — isto é, ele “governa com autoridade absoluta” e ele faz todas as coisas por sua “discrição individual”. Ele não tem que pedir sua permissão para fazer algo com você que ele deseje. A próxima declaração de Williams deixa sua posição ainda mais clara: “Nossa escolha nos faz seus eleitos”.⁶⁰ Assumindo que ele entenda que o eleito se refere ao “escolhido”, isso significa que ele está dizendo: “Nossa escolha nos faz seus escolhidos” ou “Nosso escolher de Deus nos faz escolhidos por Deus”. Observe a palavra *faz* — nossa escolha é a causa ou a razão para a escolha de Deus. Mas se esse é o caso, como a eleição nos faz “alguém”? Deus não tem de fato nos escolhido, mas nós o escolhemos. Tudo o que ele faz é responder à nossa escolha. Deus não nos faz especiais; nós nos tornamos especiais.

Após isso, Williams tem a ousadia de escrever: “Deus nos escolheu, não pelo que éramos,...simplesmente porque ele é o tipo de Deus que ele é”. Isso não pode ser verdade dada sua posição. Ele tinha acabado de dizer: “Nossa escolha nos faz seus eleitos”. Sua posição necessariamente implica que Deus nos escolheu precisamente “pelo que éramos” — nós somos aqueles que têm o escolhido primeiro. Então, ele ousa escrever que nossa eleição é “*inteiramente* uma expressão do amor de Deus”! Mas se Deus nos escolhe somente porque nós o escolhemos primeiro, então sua escolha de nós não pode ser *inteiramente* uma expressão de seu amor. Assim, dentro de diversas sentenças, Williams consegue contradizer a Escritura, contradizer a si mesmo e blasfemar contra Deus.

O corolário da eleição é a reprovação. A doutrina da reprovação ensina que, assim como Deus tem escolhido aqueles indivíduos que seriam salvos, ele também tem individualmente e deliberadamente decretado a condenação de todos os outros. Muitos daqueles que afirmam a doutrina da eleição, todavia rejeitam a doutrina da reprovação. Contudo, assim como a eleição é uma conclusão necessária da soberania de Deus, a reprovação é também verdade, se por nada mais, por outra necessidade lógica. Mas muitos pessoas são orgulhosas para aceitar essa doutrina bíblica “não importa quão lógica ela possa parecer”.⁶¹ Eles rejeitam a doutrina sobre a base de preconceito irracional, e não por argumento bíblico ou inferência lógica.

Comentando sobre 1 Tessalonicenses 1:4, William MacDonald escreve: “A doutrina da eleição ensina que Deus escolheu certas pessoas em Cristo antes da fundação do mundo”⁶² e ele cita Efésios 1:4 como apoio. Parece que ele aceita alguma forma de eleição divina quando ele escreve: “Em sua soberania, Deus elegeu ou escolheu certos indivíduos para pertencerem a ele mesmo”.⁶³ Isso concorda largamente com a doutrina bíblica da eleição.

⁶⁰ Por isso, ele mostra o que ele quer dizer por sua declaração anterior, “Se escolhemos estar em Cristo, fomos escolhidos por Deus”. Isto é, ele pretende afirmar o Arminianismo.

⁶¹ Peter E. Cousins, “1 Thessalonians”; F. F. Bruce, ed., *New International Bible Commentary*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1979; p. 1461

⁶² William MacDonald, *Believer's Bible Commentary*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, Inc., 1995 (original: 1989); p. 2024.

⁶³ *Ibid.*, p. 1714

Mas então ele continua: “Essas duas doutrinas, eleição e liberdade de escolha, criam um conflito irreconciliável na mente humana”.⁶⁴ Eu concordo que a soberania divina contradiz a liberdade humana, mas onde a Escritura ensina a liberdade humana? Eu nego que os seres humanos sejam livres no sentido de serem livres de Deus; isto é, eu afirmo com a Escritura que Deus possui e exerce controle absoluto e constante sobre a vontade humana. Se MacDonald afirma a liberdade humana, então ele deve prová-la pela Escritura.

Em outro lugar, MacDonald escreve:

Mas a mesma Bíblia que ensina a eleição soberana de Deus ensina também a responsabilidade humana... Como podemos reconciliar essas duas verdades? O fato é que não podemos. Para a mente humana elas estão em conflito. Mas a Bíblia ensina ambas as doutrinas, e assim deveríamos crer nelas, contentes em saber que a dificuldade reside em nossas mentes e não na de Deus.⁶⁵

Primeiro, devemos distinguir entre liberdade humana e responsabilidade humana — elas são duas coisas diferentes. Muitas pessoas assumem que a responsabilidade humana depende da liberdade humana — isto é, elas pensam que os humanos são responsáveis porque eles são livres, e que se eles não são livres, então eles não podem ser responsáveis. Mas por qual argumento bíblico, teológico ou filosófico eles estabelecem isso? Isso é quase sempre assumido sem argumento, mas eu rejeito essa premissa injustificada. Pelo contrário, eu afirmo que embora a soberania divina contradiga a *liberdade* humana, e que a Escritura nunca ensina a liberdade humana, a soberania divina *não* contradiz a *responsabilidade* humana, e que a Escritura de fato ensina a responsabilidade humana.

Segundo, MacDonald falha em entender a natureza de uma contradição. Ele diz que se a Bíblia afirma duas doutrinas contraditórias, então devemos afirmar ambas. De acordo com MacDonald, a Bíblia afirma a soberania divina, e então ela afirma também o que parece para ele a contraditória doutrina da responsabilidade humana. Visto que a Bíblia afirma ambas, devemos afirmar ambas também. O que ele não percebe é que se essas doutrinas são realmente contraditórias, então afirmar uma é negar a outra, de forma que é impossível afirmar ambas ao mesmo tempo.

Se essas duas doutrinas contradizem uma a outra, então quando você lê sobre a soberania divina na Bíblia, você não está lendo somente uma afirmação da soberania divina, mas também uma negação da responsabilidade humana. Da mesma forma, uma afirmação bíblica da responsabilidade humana é equivalente a uma negação da soberania divina. Portanto, se as duas doutrinas se contradizem, seria da mesma forma fácil dizer que a Bíblia *nega* tanto a soberania divina como a responsabilidade humana. Dizer que essas duas doutrinas somente *parecem* ser contraditórias à mente humana é irrelevante, pois mesmo se for verdade que elas somente *parecem* contradizer uma a outra, permanece que nenhuma mente humana pode afirmar ambas as doutrinas, mesmo que Deus possa afirmar ambas.

⁶⁴ Ibid., p. 2024.

⁶⁵ Ibid., p. 1714-1715.

A menos que MacDonald acuse a Bíblia de conter erro, ele deve ou negar uma das duas doutrinas como sendo anti-bíblica, ou ele deve admitir que elas não se contradizem. O problema real é que muitos comentaristas recusam admitir que eles não têm a sutileza de pensamento ou a inteligência para harmonizar as duas doutrinas — isto é, se elas precisam, antes de tudo, serem harmonizadas. Pelo contrário, é como se eles pensassem que se eles não podem harmonizar as duas doutrinas, então certamente nenhuma mente pode! Por outro lado, eu afirmo que a Bíblia ensina tanto a soberania divina como a responsabilidade humana, e eu afirmo que as duas doutrinas não se contradizem — não há nem mesmo uma contradição aparente.

MacDonald e muitos outros como ele pensam que há uma contradição entre a soberania divina e a responsabilidade humana, pois eles assumem que a responsabilidade humana requer que o homem tenha liberdade de escolha, ou livre-arbítrio; contudo, se Deus tem controle absoluto, então o homem não é livre, e portanto, a soberania divina e a responsabilidade humana contradizem uma a outra.

Mas esse processo de raciocínio é fatalmente defeituoso. Uma grande parte do problema resulta de uma definição imprecisa de “responsabilidade”. O que se quer dizer por uma pessoa ser “responsável” por suas ações? A primeira definição para “responsável” no *Webster's New World College Dictionary* é “esperado ou obrigado a prestar contas (*por* alguma coisa, *para* alguém); que exige resposta; que dá resposta”.⁶⁶ A despeito de se o homem é ou não livre, o homem é “esperado ou obrigado a prestar contas” por suas ações a Deus? Sim, pois a Escritura diz: “Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau” (Eclesiastes 12:14). Deus recompensará o justo e punirá o ímpio; portanto, o homem é responsável. O que parece para muitos como um “conflito irreconciliável” é por meio disso resolvido.

O homem é responsável precisamente porque Deus é soberano, visto que ser responsável significa nada mais do que ter que prestar contas pelas ações de alguém, que alguém será recompensado ou punido de acordo com um determinado padrão de certo e errado. Isso tem tudo a ver com se Deus decretou um juízo final, e se ele tem o poder e autoridade para forçar tal decreto, mas isso não depende de qualquer “livre-arbítrio” no homem. De fato, visto que a responsabilidade humana depende da soberania divina, e visto que a soberania divina deveras contradiz a liberdade humana (não a responsabilidade humana), isso significa que o homem é responsável precisamente porque o homem não é livre.

A Bíblia ensina que Deus controla todas as decisões e ações humanas. A autonomia é uma ilusão. O homem é responsável porque Deus recompensará a obediência e punirá a rebelião, mas isso não significa que o homem é livre para obedecer ou se rebelar. Romanos 8:7 explica: “A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo”. A Bíblia nunca ensina que o homem é responsável por seus pecados porque ele é livre. Isto é, o homem é responsável pelos seus pecados não porque ele é livre para agir de outra forma; esse versículo diz que ele não é livre. Que o homem é responsável tem a ver com se Deus decide considerá-lo responsável; não tem nada a ver com se o homem é livre. O homem é responsável porque Deus decidiu julgá-lo por seus pecados. Portanto, a doutrina da responsabilidade

⁶⁶ *Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition*; Foster City, California: IDG Books Worldwide, Inc., 2000.

humana não depende do ensino anti-bíblico do livre-arbítrio, mas da soberania absoluta de Deus.

A questão se torna imediatamente uma de justiça, ou se é justo para Deus punir aqueles a quem ele tem predestinado para condenação. Paulo antecipa essa questão em Romanos 9:19, e escreve: “Mas algum de vocês me dirá: ‘Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois, quem resiste à sua vontade?’”. Ele responde: “Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? “Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: ‘Por que me fizeste assim?’” (v. 20). Isso é equivalente a dizer que Deus é “arbitrário” — ele governa com autoridade absoluta; ninguém pode frustrar seus planos, e ninguém tem o direito de questioná-lo. Isso é verdade porque Deus é o criador de todas as coisas, e ele tem o direito de fazer tudo o que quiser com sua criação: “O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso?” (v. 21).

Os próximos dois versículos dizem: “E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isto para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória...” (v. 22-23). Paulo ainda está respondendo a questão no versículo 19: “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois, quem resiste à sua vontade?”. Ele está dizendo que, visto que Deus é soberano, ele pode fazer tudo o que ele quiser, e isso inclui criar alguns vasos destinados para glória, e alguns destinados para destruição. Pedro diz com respeito àqueles que rejeitam a Cristo: “Os que não crêem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados” (1 Pedro 2:8). Enquanto que os eleitos se regozijam nessa doutrina, os não-eleitos a detestam, mas de qualquer forma, esse é o caminho e não há nada que alguém possa fazer sobre isso.

É somente por causa do raciocínio pobre que o assunto da justiça é usado contra a doutrina da reprovção. Em seus vários termos, a objeção equivale ao seguinte:

1. A Bíblia ensina que Deus é justo.
2. A doutrina da reprovção é injusta.
3. Portanto, a Bíblia não ensina a doutrina da reprovção.

Contudo, a premissa (2) tem sido assumida sem garantia. Por qual padrão de justiça uma pessoa julga que a doutrina da reprovção é justa ou injusta? Em contraste ao acima, o cristão raciocina da seguinte forma:

1. A Bíblia ensina que Deus é justo.
2. A Bíblia ensina a doutrina da reprovção.
3. Portanto, a doutrina da reprovção é justa.

O ponto essencial é se a Bíblia afirma a doutrina; uma pessoa não deve assumir se ela é justa ou injusta de antemão. Visto que Deus é o único padrão de justiça, e visto que a Bíblia afirma a doutrina da reprovção, isso significa que a doutrina da reprovção é justa por definição. Calvino observa:

Porque a vontade de Deus é de tal maneira a suprema e infalível regra de justiça, que tudo quanto ela quer, pelo simples fato de querê-lo há de ser tido como

justo. Por isso, quando se pergunta a causa de que Deus o tenha feito assim, devemos responder: porque quis. Pois se se insiste perguntando por que quis, como isso se busca algo superior e mais excelente do que a vontade de Deus; o qual é impossível achar. Refreiem-se, pois, a temeridade humana, e não busque o que não existe, para que não seja que não ache o que existe.⁶⁷

A Escritura não ensina que Deus fez a salvação realmente possível a cada ser humano — ela nega-o — antes, ela ensina que a salvação tem sido feita disponível “a toda nação, tribo, língua e povo” (Apocalipse 14:6). A profecia de Joel é que Deus derramaria seu Espírito sobre “toda carne” (Atos 2:17, KJV) no sentido de fazer a salvação disponível a cada grupo étnico. Um idiota de um pregador disse que isso significa “toda carne muçulmana, carne budista” e assim por diante, mas isso não é o que isso quer dizer. No dia de Pentecoste estava presente “judeus, tementes a Deus, vindos de *todas as nações* do mundo” (Atos 2:5) e o Livro de Atos narra o progresso do evangelho aos gentios. Isto é, “Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios!” (Atos 11:18).

Essas são as boas novas e a mensagem surpreendente, que a companhia de eleitos não é restrita aos descendentes de sangue de Abraão, mas Deus escolheu indivíduos de todos os grupos étnicos, de forma que: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:28-29). Em outro lugar, Paulo escreve:

Portanto, lembrem-se de que anteriormente vocês eram gentios por nascimento e chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão, feita no corpo por mãos humanas, e que naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo. (Efésios 2:11-13)

Em diversas passagens relacionadas ao nosso tópico, a Confissão de Fé de Westminster diz o seguinte:

Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.

Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído.

Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e

⁶⁷ Calvin, *Institutes*; p. 956, (III, xxiii, 8).

não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa.

Assim como Deus destinou os eleitos para a glória, assim também, pelo eterno e mui livre propósito da sua vontade, preordenou todos os meios conducentes a esse fim; os que, portanto, são eleitos, achando-se caídos em Adão, são remidos por Cristo, são eficazmente chamados para a fé em Cristo pelo seu Espírito, que opera no tempo devido, são justificados, adotados, santificados e guardados pelo seu poder por meio da fé salvadora. Além dos eleitos não há nenhum outro que seja remido por Cristo, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo.

Segundo o inescrutável conselho da sua própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça, foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados. (III, 3-7)

Em conexão com a providência de Deus, a Confissão declara que seu controle se estende “até a primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santos desígnios, sábia e poderosamente os limita, e regula e governa” (V,4). Assim como os eleitos vem a Cristo por um chamado irresistível, e “é Deus quem efetua [neles] tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13), o réprobo não é de forma alguma autônomo — nem mesmo em seus pecados. Deus dirige os pensamentos de uma pessoa “como um rio controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer.” (Provérbios 21:1), e não há nenhum livre-arbítrio.

É fútil repetir a tola objeção de que Deus permite algumas ações, mas não as deseja, pois como Calvino diz: “Por que deveríamos dizer ‘permissão’, a menos porque Deus assim o quis?”. Visto que Deus controla e sustenta todas as coisas, o que se quer dizer por ele permitir algo, senão dizer que ele quer e causa isso? Isto é, dizer que Deus “permite” algo não é nada mais do que uma forma ambígua de dizer que Deus “permite” a si mesmo causar algo. Não há distinção entre causação e permissão com Deus; a menos que ele deseje um evento, ele nunca pode acontecer (Mateus 10:29).

A Confissão diz que a eleição e a reprobção de indivíduos pertence ao “conselho secreto” de Deus, de forma que os membros de nenhum dos grupo são listados para o exame público. Se isso é verdade, então sobre que base Paulo diz: “Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu” (1 Tessalonicenses 1:4)? A despeito de seus tolos comentários em outros lugares, MacDonald dá uma correta explicação aqui: “O apóstolo estava certo de que esses santos tinham sido escolhidos por Deus antes da fundação do mundo. Mas como ele sabia? Ele teve algum discernimento sobrenatural? Não, ele sabia que eles estavam entre os eleitos pelo modo como eles receberam o evangelho”.⁶⁸ Paulo lista as indicações de que seus leitores foram escolhidos por Deus para salvação nos próximos versículos.

⁶⁸ MacDonald, p. 2024.

O versículo 5 começa: “Nosso evangelho não chegou a vocês simplesmente com palavras” (NIV). Por causa da influência impregnante da filosofia secular, até mesmo os cristãos professores em nossos dias são frequentemente muito anti-intelectuais. Assim, é inaceitável apresentar o evangelho com “apenas um sermão”; antes, eles colocam grande ênfase sobre a música, o drama, a confraternização e a experiência mística. Com tal disposição, pelo menos alguns deles distorcerão a afirmação “não simplesmente com palavras” num endosso a esse tipo de pensamento, de forma que eles podem até mesmo ver a expressão como uma depreciação direta da simples pregação.

Até mesmo os comentaristas menos anti-intelectuais tropeçam nessa frase. Leon Morris escreve: “Palavras somente é retórica vazia, e mais do que isso é requerido para as almas das pessoas serem salvas”.⁶⁹ Mas apenas porque “mais do que isso é requerido para as almas das pessoas serem salvas” não significa que “palavras somente é retórica vazia”. Antes de tudo, Morris não é claro. Se por retórica ele quer dizer “a arte de falar ou escreve eficazmente”, “habilidade no uso eficaz da fala”, ou “comunicação verbal”,⁷⁰ então o que ele diz quase equivale a dizer “palavras são palavras”, o que seria uma tautologia irrelevante.

Contudo, o significado que Morris tem em mente provavelmente é similar a uma “eloqüência artificial; uma linguagem que é ruidosa e elaborada, mas amplamente vazia de idéias claras”.⁷¹ Uma citação adicional do versículo 5 diz: “Nosso evangelho não chegou a vocês simplesmente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com profunda plena convicção” (NIV). Agora, se a pregação de Paulo tinha sido esvaziada de outros elementos, tais como o poder do Espírito, ainda não se segue que suas palavras teriam sido “eloqüência artificial” ou “linguagem que é ruidosa e elaborada, mas amplamente vazia de idéias claras”. A declaração de Morris é equivalente a dizer que o evangelho por si mesmo é nada mais do que linguagem ruidosa carente de substância e idéias claras.

Morris denuncia sua confusão quando ele escreve no próximo parágrafo de seu comentário: “O evangelho é poder... não importa quando o evangelho seja fielmente proclamando, há poder”.⁷² Mas se “o evangelho é poder”, então uma pessoa nunca pode pregar o evangelho como retórica vazia. Está na moda repetir frase anti-intelectuais tais como “Palavras são apenas retórica vazia”, mas palavras são sempre retóricas, e retórica sempre trata com palavras. Se uma apresentação é retórica vazia depende do conteúdo do discurso. A proposição “Jesus é Senhor” consiste somente de palavras, e ninguém reconhecerá sua verdade a não ser pelo Espírito (1 Coríntios 12:3), mas quer alguém cria ou não nela, ela não é retórica vazia.

Qualquer interpretação do versículo 5 que deprecie o papel das palavras ou da pregação, não pode ser verdadeira. A Bíblia inteira consiste de palavras sem uma única figura ou nota musical; ela usa palavras para transmitir informação intelectual. Paulo diz: “Agora,

⁶⁹ Leon Morris, *The New International Commentary on the New Testament: The First and Second Epistles to the Thessalonians, Revised Edition*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1991; p. 46

⁷⁰ Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition.

⁷¹ Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition.

⁷² Morris, *Thessalonians*; p. 46.

eu os entrego a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados” (Atos 20:32). Nós herdamos as bênçãos do evangelho e crescemos na vida espiritual por meio das *palavras* de Deus.

Novamente, o versículo diz: “Porque o nosso evangelho não chegou para vocês em palavra somente” (NASB). Há duas formas de entender a palavra “somente”, como os exemplos abaixo ilustram:

1. A Deidade não consiste de *somente* Deus o Pai, mas também de Cristo o Filho e do Espírito Santo.
2. Seus bens não consistem de *somente* essa bicicleta quebrada, mas também de cinco carros e duas casas.

Na primeira declaração, a palavra “somente” não menospreza Deus o Pai, mas meramente indica que ele não é o único membro da Deidade. Contudo, na segunda declaração a mesma palavra sugere que os bens de alguém deveras são míseros se eles consistem de nada mais do que uma bicicleta quebrada. Isto é, a palavra pode significar simplesmente que há itens adicionais na lista sem implicar nada negativo.

Visto que a Escritura enfatiza a importância das palavras em muitos lugares, a palavra “somente” (ou “simplesmente”) no versículo 5 não pode ser entendida no segundo caso. Isto é, Paulo não teve a intenção de menosprezar as palavras ou a pregação quando ele diz que seu evangelho não chegou “em palavras somente”, mas ele meramente deseja indicar que outras coisas alguém de sua apresentação verbal aconteceram, e essas coisas sugeriram a ele que seus conversos estavam de fato entre os eleitos de Deus.

Concepções errôneas nessa área são comuns. Robert Thomas começa bem sua explanação do versículo 5, dizendo: “Palavras são básicas para a comunicação inteligente. Mas a chegada do evangelho não era ‘simplesmente’ em palavra; falar era somente uma parte da figura toda”.⁷³ Mas então ele tropeça sobre o mesmo ponto que Morris e escreve: “Sua pregação não era mera retórica oca, mas continha três outros ingredientes essenciais para a execução do propósito eletivo de Deus”.⁷⁴ Contudo, Gálatas 1:11-12 elimina a possibilidade de que o conteúdo da pregação de Paulo tenha sido *alguma vez* “mera retórica oca”.⁷⁵

O que Thomas diz equivale a dizer que se o Espírito não acompanha sua leitura da Bíblia, então a Bíblia é mera retórica. Muitas pessoas irracionalmente concordariam com Thomas, mas eu chamo isso de blasfêmia. Como revelação verbal de Deus, a Bíblia *nunca* é mera retórica — que o Espírito não age poderosamente quando você lê somente significa que você pode não ser afetado pelo que você vê, mas o *conteúdo* da Bíblia, sendo a mente de Deus, não se torna repentinamente oco.

Morris e Thomas não parecem saber o que a palavra *retórica* significa. Paulo diz que ele sabia que Deus tinha escolhido os tessalonicenses convertidos *porque* sua pregação chegou “com poder, com o Espírito Santo e com profunda convicção”. Mas então, isso

⁷³ *The Expositor's Bible Commentary, Vol. 11*; Grand Rapid, Michigan: Zondervan Publishing House, 1978; p. 244.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 244.

⁷⁵ “Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação”.

significa que sua pregação nem sempre incluía essas coisas, e que Deus nem sempre fazia sua pregação ser eficaz; de outra forma, todos que ouviram Paulo pregar teriam sido salvos. Agora, naquelas vezes quando essas coisas não estavam presentes, o conteúdo da pregação de Paulo se tornou repentinamente retórica vazia, ou o conteúdo do evangelho permaneceu o mesmo — isto é, o poder e a sabedoria de Deus (1 Coríntios 1:24)? Se Paulo pregava a mesma coisa, então se o Espírito vinha com poder para produzir fé em seus ouvintes, o evangelho ainda era o poder e a sabedoria de Deus.

Contra as interpretações anti-intelectuais da Escritura, devemos manter que palavras podem ter significado por si mesmas, e se uma apresentação consiste de retórica vazia depende do conteúdo do discurso. Visto que o evangelho fornece conteúdo verdadeiro e coerente, ele nunca pode ser retórica vazia. Paulo nunca rebaixou a importância e a eficácia da pregação, visto que ele escreve: “Deus...no devido tempo...trouxe à luz a sua palavra, por meio da *pregação* a mim confiada por ordem de Deus, nosso Salvador” (Tito 1:2-3). É verdade que além das palavras que pregamos, Deus deve exercer seu poder para converter o pecador, mas é através da nossa pregação que ele exerce esse poder. Paulo veio a saber que alguns dos tessalonicenses estavam entre os eleitos de Deus por causa dos efeitos que acompanharam sua pregação, que ele não poderia ter produzido como um ser humano. Mas ao tentar afirmar a necessidade do poder de Deus para converter o pecador, devemos ser cuidadosos para não menosprezar as palavras ou a pregação, a fim de que não blasfememos contra a Escritura e o evangelho.

CHAMADOS

Agora consideraremos o que significa o evangelho vir “com poder, com o Espírito Santo e com profunda convicção” (v. 5, NIV). Paulo menciona duas coisas que aconteceram quando ele pregou o evangelho entre os tessalonicenses (v. 4-10); ele estava ciente de que Deus tinha escolhido os tessalonicenses para salvação por causa da sua consciência do envolvimento divino quando ele pregou, e por causa da recepção genuína do evangelho por parte dos convertidos. O versículo 5 refere-se à primeira das duas.

A pregação é o meio pelo qual Deus chama os eleitos à salvação. O poder de Deus regenera os eleitos que se encontram sob a pregação do evangelho, e lhes dá fé em Cristo, de forma que eles se tornam justificados. Porque nem todos que ouvem o evangelho estão entre os eleitos, o poder de Deus pode não operar de uma maneira salvífica todas as vezes em que o evangelho for pregado, e ele pode não operar de uma maneira salvífica para com todos numa audiência particular. É não é que o evangelho seja alguma vez destituído de poder, visto que “ele é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16), mas somente aqueles a quem Deus tem chamado para salvação receberão uma mudança de mente, de forma que ele possa reconhecer Cristo como o poder e a sabedoria de Deus. Paulo explica: “Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:22-24).

Portanto, o “poder” em nosso versículo se refere à influência divina em operação através da pregação do apóstolo para efetivar uma mudança subjetiva nas mentes dos

ouvintes. O consenso comum rejeita a noção de que o apóstolo tinha em mente o poder para operar milagres. Lenski escreve “*Poder não tem conexão com os milagres operados em Tessalônica*”,⁷⁶ e Robertson observa que “Paulo não se refere aos milagres por *dunamis*”. Então, Vincent: “Poder de persuasão e convicção espiritual: não poder como demonstrado em milagres”.⁷⁷ Uma razão para afirmar isso é que a palavra está no singular, e não deveria ser confundida com o plural, como em 1 Coríntios 12:10 — “*poderes miraculosos*” (NIV); todavia, o singular por si só não exclui o miraculoso. Vine adiciona: “Nenhum milagre foi registrado em conexão com a pregação do evangelho em Tessalônica”.⁷⁸

Certamente milagres podem acompanhar a pregação — não há interpretações alternativas para passagens como Romanos 15:18-19⁷⁹ e Hebreus 2:3-4⁸⁰ do que dizer que milagres podem ser uma parte integral do evangelismo, embora não necessariamente em cada caso de evangelismo. Contudo, isso não significa que os escritores do Novo Testamento tenham milagres em mente sempre que eles mencionam “poder”, mesmo quando eles estavam falando sobre pregação ou evangelismo. Antes, por “poder”, eles freqüentemente têm em vista a influência subjetiva do Espírito Santo, como em seu poder divino para converter pecadores. De fato, alguns estudiosos pensam que isso é mais freqüentemente o caso do que o contrário: “Paulo raramente alude ao seu poder de operar milagres”.⁸¹

Se podemos assim declarar os cessacionistas inocentes de preconceito teológico em seu entendimento do versículo 5, veremos que alguns carismáticos são culpados de interpretá-lo incorretamente. Donald Stamps diz que o *poder* do versículo 5 “resultou em convicção de pecado, libertação da escravidão satânica e realização de milagres e curas”.⁸² Outro escritor afirma que o versículo “provavelmente sugere que manifestações miraculosas estão em vista”. Ao mesmo tempo, desejo somente estabelecer que alguém não precisa ser um cessacionista para rejeitar essa interpretação; isto é, até mesmo um não-cessacionista não deveria ver cada ocorrência de “poder” na Bíblia como uma referência a milagres.

Visto que 1 Coríntios 2:4 é paralelo a 1 Tessalonicenses 1:5, devemos estudá-lo melhor para entender ambos os versículos. Agora, o capítulo inteiro de 1 Coríntios 2 tem sido distorcido por muitos comentaristas anti-intelectuais e carismáticos. Por exemplo, Paulo diz no versículo 2: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este,

⁷⁶ R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001 (original: 1937); p. 226.

⁷⁷ Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament, Vol. 4*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc.; p. 17.

⁷⁸ *The Collected Writings of W. E. Vine, Vol. 3*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, Inc., 1996; p. 22.

⁷⁹ “Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus, pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico, proclamei plenamente o evangelho de Cristo”.

⁸⁰ “Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos de acordo com a sua vontade”.

⁸¹ Vincent, *Word Studies, Vol. 4*; p. 17.

⁸² *Full Life Study Bible: New International Version*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1992; p. 1860.

crucificado”. É ridículo como alguns pregadores carismáticos populares afirmam que isso significa que Paulo tenha decidido suprimir seu tremendo conhecimento teológico quando ele pregava.

A expressão “Jesus Cristo, e este, crucificado” designa um tema central da mensagem do evangelho, que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3). Ele não restringe o conteúdo da pregação de Paulo à crucificação. Como 1 Coríntios 15:1-1 indica, Paulo tinha dito aos coríntios sobre a ressurreição de Cristo quando ele pregou a eles, de forma que ele não se restringiu a falar somente sobre a crucificação de Cristo. “Jesus Cristo, e este, crucificado”, “a mensagem da cruz” e outras frases semelhantes são designações gerais da mensagem e da cosmovisão cristã. Certamente, diversos aspectos particulares do Cristianismo podem receber ênfase desde o início, mas Paulo não pregou somente uma simples mensagem com pouca consideração para com a série abrangente de doutrinas que formam a fé cristã. Antes, ele diz que ele pregou “toda a vontade de Deus” (Atos 20:27) aos seus ouvintes.

1 Coríntios 2:6-7 também contradiz a agenda de muitos pregadores anti-intelectuais: “Entretanto, falamos de sabedoria entre os que já têm maturidade, mas não da sabedoria desta era ou dos poderosos desta era, que estão sendo reduzidos a nada. Ao contrário, falamos da sabedoria de Deus, do mistério que estava oculto, o qual Deus preordenou, antes do princípio das eras, para a nossa glória”. Por todo 1 e 2 Coríntios, Paulo não diz que a mensagem cristã é de alguma forma menos do que intelectual, ou que o evangelho não tem nenhuma reivindicação para a respeitabilidade intelectual, mas sua ênfase é que o *conteúdo* do evangelho difere da filosofia não-cristã. Ele está dizendo que o conteúdo do evangelho é diferente e superior ao produto da especulação humana.⁸³

O Cristianismo é mais intelectualmente rigoroso do que a filosofia secular, não menos. Não há traço de anti-intelectualismo em 2 Coríntios 11:6: “Eu posso não ser um orador eloqüente; contudo tenho conhecimento. De fato, já manifestamos isso a vocês em todo tipo de situação”. Paulo reivindica possuir “revelações grandiosas” (2 Coríntios 12:7, NIV) e “compreensão do mistério de Cristo” (Efésios 3:4). Ele diz que o amor deve abundar “em conhecimento e em toda a percepção” (Filipenses 1:9). Ele ora por seus leitores para que “Deus encha-os com o conhecimento de sua vontade através de toda sabedoria e conhecimento espiritual” (Colossenses 1:9, NIV). Segundo Pedro, Deus deu a Paulo tão grande sabedoria que “suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender” (2 Pedro 3:15-16). Portanto, é impossível que 1 Coríntios 2 contenha algum significado anti-intelectual.

O sistema cristão é totalmente intelectual. Aqueles que discordam disso freqüentemente confundem a denúncia da Bíblia da especulação humana com uma denuncia do intelecto ou intelectualismo. A Escritura repudia o falso conteúdo intelectual da filosofia secular, e não o exercício do próprio intelecto. Contudo, muitos pregadores distorcem a declaração de Paulo: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (v. 2), assim como escusam sua desobediência à 2 Timóteo 2:15: “Seja diligente em apresentar-se a Deus como um obreiro que não tem necessidade de se envergonhar, manejando corretamente a palavra da verdade” (NASB). Muitos

⁸³ *Especular* pode significar “pensa sobre vários aspectos de um determinado assunto”, ou “meditar” e “ponderar”. Contudo, meu uso dessa palavra carrega o significado de “conjectura” ou “hipótese”. Veja *Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition*.

pregadores não são realmente qualificados para serem pregadores, sendo especialmente fracos em conhecimento teológico; assim, menosprezar conhecimento e intelectualismo é uma forma conveniente de esconder suas deficiências.

Nosso propósito em tomar 1 Coríntios 2 nos compele, antes de tudo, a focar sobre os versículos 4 e 5: “Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.”. Com maior força do que eles fazem com 1 Tessalonicenses 1:5, os carismáticos afirmam que 1 Coríntios 2:4 deve estar se referindo ao poder que realiza milagres; contudo, o versículo tem a mesma ênfase que 1 Tessalonicenses 1:5 — isto é, a influência subjetiva do Espírito Santo para converter pecadores através da pregação.

Os gregos tinham tremenda admiração pela eloquência oratória, tanto que às vezes isso fazia com que eles ignorassem a substância do que era dito. A “sabedoria” (1 Coríntios 1:22) que eles assim respeitavam “freqüentemente degenerava-se em sofismas sem sentido”.⁸⁴ Os sofistas, desprezados por Platão, eram aqueles que argumentavam por qualquer posição que a situação demandasse. O desrespeito grosseiro deles para com a verdade permitira que eles fossem debatedores por aluguel, isto é, argumentar por qualquer posição que alguém tenha os pago para defender. Muitas pessoas os comparam com os advogados de hoje em dia.

Que eles eram debatedores profissionais não significa que os sofistas sempre ofereciam argumentos sadios. Como Paulo aponta, os argumentos deles eram freqüentemente falaciosos e enganosos. Os gregos não os ajudaram a obstruir a situação, pois eles “tendiam a julgar o valor de um discurso mais por sua exibição externa do que por seu poder interno”.⁸⁵ Seus argumentos filosóficos eram baseados em especulação humana dúbia. Assim, à medida que ele defende o seu apostolado, Paulo escreve: “Eu posso não ser um orador eloqüente; contudo tenho conhecimento. De fato, já manifestamos isso a vocês em todo tipo de situação” (2 Coríntios 11:6). O evangelho não é baseado na filosofia especulativa, mas na revelação divina.

A “sabedoria” grega desprezava a mensagem da cruz, que parecia às pessoas como uma mensagem de derrota e não triunfo. Mas não há salvação em nenhuma outra mensagem, e assim Paulo escreve: “Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Coríntios 1:23). Portanto, a declaração “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Coríntios 2:2) está escrita em contraste ao pensamento secular, e não implica de forma alguma uma estratégia anti-intelectual de evangelismo. Paulo está registrando que ele pregava às pessoas uma mensagem que era contrária à disposição cultural e espiritual delas, e visto que a mensagem não era fundamentada sobre mera especulação humana, ele não falava como os sofistas faziam, mas, pelo contrário, confiava no poder de Deus para convencer e condenar seus ouvintes.

Esse é o significado dos versículos 4 e 5: “Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do

⁸⁴ Leon Morris, *Tyndale New Testament Commentaries: 1 Corinthians*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (original: 1958); p. 45.

⁸⁵ *The Collected Writings of W. E. Vine, Vol. 2*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, Inc., 1996; p. 10.

poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus”. Paulo deliberadamente desliza para dentro de termos filosóficos no versículo 4, afirmando que sua pregação foi demonstrada ser verdadeira, não por argumentos especulativos e falaciosos, mas pela “demonstração” do Espírito. Alguns pregadores carismáticos assumem que essa palavra é similar à “manifestação” em 1 Coríntios 12:7, mas isso é um engano. Antes do que uma idéia de exibição, a palavra indica uma prova lógica, tal como em filosofia e geometria. A tradução inglesa [assim como a brasileira] é, portanto, apropriada, visto que “demonstração” denota uma “prova lógica na qual certa conclusão é mostrada seguir de certas premissas”.⁸⁶ Morris adiciona: “A palavra traduzida por *demonstração* (*apodeixis*) significa a prova mais rigorosa. Algumas provas indicam não mais do que a conclusão seguida das premissas, mas com *apodeixis* as premissas são conhecidas ser verdadeiras, e, portanto, a conclusão não somente é lógica, mas certamente verdadeira”.⁸⁷

Assim, Vine escreve que “demonstração” aqui “tem a força de uma prova, não uma exibição, mas que carrega convicção, e que pela operação do Espírito Santo (não o espírito humano aqui) e o poder por ele impartido ao locutor (não se referindo aqui aos milagres ou sinais acompanhantes, o que requereria o plural)”.⁸⁸ Muitos carismáticos pensam que esses versículos falam de milagres como provas do evangelho, mas os mais estudiosos frequentemente não insistem sobre tal interpretação. Mesmo com sua procedência pentecostal, Gordon Fee, todavia, escreve:

É possível, por exemplo, e é frequentemente argüido ou simplesmente assumido que, em harmonia com Romanos 15:19, isso se refira aos “sinais e maravilhas” de 2 Coríntios 12:12. Mas isso pareceria jogar diretamente nas mãos dos coríntios, edificar o próprio assunto que ele está tentando demolir (cf. 2 Coríntios 12:1-10). Mais provável, portanto, especialmente no contexto de fraqueza pessoal, e em harmonia com 1 Tessalonicenses 1:5-6, isso se refere à conversão real deles...

Portanto, com a cláusula de propósito concludente do v. 5, o argumento que começou em 1:18 retorna ao ponto de partida. A mensagem da cruz, que é loucura para os “sábios”, é o poder salvador de Deus aos que crêem. O objetivo de toda atividade divina, tanto na cruz como em escolher-lhes, e agora na pregação de Paulo que trouxe a cruz até eles, tem sido o de desarmar os sábios e os poderosos, de forma que aqueles que crêem devem confiar em Deus somente e completamente. Assim, o v. 5 conclui o parágrafo: “para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus”. Em outro contexto isso poderia sugerir que a fé descansa em evidência; mas seria dificilmente aplicável aqui. O poder de Deus por toda essa passagem tem a cruz como o seu paradigma. A alternativa verdadeira à sabedoria humanamente concebida não são os “sinais”, mas o evangelho, que o Espírito traz para produzir luz nas vidas das pessoas de maneiras poderosas.⁸⁹

⁸⁶ Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition.

⁸⁷ Morris, *1 Corinthians*; p. 51.

⁸⁸ Collected Writings of W. E. Vine, Vol. 2; p. 17.

⁸⁹ Gordon D. Fee, *God's Empowerful Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1994; p. 92-93.

Muitos comentaristas concordam que o versículo não se foca sobre o poder que opera milagres, e que Paulo não está menosprezando o uso de argumentos intelectuais. Antes, seu ponto é que quando ele chegou aos coríntios, ele insistiu em apresentar uma mensagem que era baseada na revelação divina ao invés de uma baseada na especulação humana. Gordon Fee escreve:

Ele deliberadamente evitou a própria coisa que agora os fascina, “a persuasão de sabedoria”. Ma sua pregação não era, por causa disso, carente de “persuasão”. Ela era carente do tipo de persuasão encontrada entre os sofistas e retóricos, onde o poder reside na pessoa e em seu discurso... O que ele está rejeitando não é a pregação, nem mesmo a pregação persuasiva; antes, é o perigo real em toda pregação — a autoconfiança.⁹⁰

Como Bullinger observa: “Aqui, ele denota o dom poderoso de sabedoria divina, em contraste com a fraqueza da sabedoria humana”.⁹¹ Esse é o assunto em questão. A pregação de Paulo difere da dos oradores tanto em método como em conteúdo, mas os seus argumentos são, todavia, lógicos e persuasivos, e não vazios e enganosos. Diferentemente das “provas” falaciosas dos sofistas, o apóstolo fornece “prova” sadia de que sua mensagem é poderosa para efetivar a conversão de seus ouvintes. Isso é paralelo à nossa explicação anterior de 1 Tessalonicenses 1:5.

Deveríamos ter um entendimento preciso da relação do Cristianismo com a filosofia. Em conexão com isso, uma parte da definição de Vine da palavra “demonstração” é problemática. Ela diz “uma ‘exibição’ ou demonstração por argumento, [*apodeixis*] é encontrada em 1 Coríntio 2:4, onde o apóstolo fala de uma prova, uma ‘exibição’ ou exposição, pela operação do Espírito de Deus nele, como afetando os corações e vidas dos seus ouvintes, em contraste com os métodos de prova tentativos pelas artes retóricas e argumentos filosóficos”.⁹² É correto que *apodeixis* significa “demonstrar por argumento”, e é verdade que o “exibição” não é uma “manifestação” visível como em 1 Coríntios 12:7, mas é a operação do poder do Espírito “como afetando os corações e vidas dos seus ouvintes”. É também verdade que Paulo contrasta sua abordagem contra “métodos de prova tentativos pelas artes retóricas e argumentos filosóficos”. Nesse caso, a retórica realmente denota “eloquência artificial; linguagem que é ruidosa e elaborada, mas largamente vazia de idéias claras”.⁹³ Qualquer prédica é retórica no sentido de que é uma comunicação ou discurso verbal, e como tal Paulo se engaja nela, mas diferente dos filósofos, seus argumentos são livres de sofisma.⁹⁴ A definição é aceitável para esse ponto. A abordagem de Paulo difere da daqueles que empregam “mera retórica”, visto que ele prega uma mensagem com conteúdo verdadeiro e coerente sem usar argumentos falaciosos para enganar seus ouvintes na concordância com ele.

⁹⁰ Gordon D. Fee, *The New International Commentary on the New Testament: The First Epistle to the Corinthians*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1987; p. 94-96.

⁹¹ E. W. Bullinger, *Word Studies on the Holy Spirit*; Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1979; p. 120.

⁹² *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*; Nashville, Tennessee: Thomas

Nelson Publishers, Inc., 1985; seção Novo Testamento, “demonstração”, p. 158.

⁹³ Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition.

⁹⁴ “Um argumento destro e plausível, mas falacioso ou uma forma de raciocínio, que com a intensão de enganar ou não”. Ibid.

Contudo, Vine então contrasta a prédica de Paulo contra “argumentos filosóficos”. Agora, isso pode ser enganador. Se “filosofia” é a “teoria ou análise lógica dos princípios que dão suporte a conduta, pensamento, conhecimento e a natureza do universo”,⁹⁵ então o Cristianismo certamente é uma filosofia. Os ensinamentos da Escritura realmente produzem uma *Weltanschauung* — uma cosmovisão, ou “uma abrangente... filosofia ou conceito do mundo e da vida humana”.⁹⁶ A menos que Vine queira dizer “sofísticos” quando ele diz “filosóficos”, seu contraste entre as demonstrações de Paulo e os argumentos “filosóficos” é falso. Isto é, a Escritura (e Paulo) realmente tratam de assuntos “filosóficos”, usando argumentos “filosóficos” sadios, mas diferente da filosofia humana, esses argumentos não são falaciosos ou “sofísticos”. Deveríamos contrastar Cristianismo contra sofisma, e não contra filosofia como tal.

Contrastar Cristianismo contra filosofia como tal desencoraja os cristãos de pensar profundamente sobre as questões últimas. Algumas pessoas citam Colossenses 2:8, que diz: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo”, Eles assumem que isso significa que o crente deve evitar absolutamente a filosofia. Mas se nos voltarmos de uma “análise dos princípios que dão suporte a conduta, pensamento, conhecimento e a natureza do universo”, devemos também parar de estudar a Bíblia, visto que a Bíblia constantemente discute “conduta, pensamento, conhecimento e a natureza do universo” — isto é, ética, epistemologia e metafísica.

Paulo nunca diz para evitar a filosofia como tal, mas ele adverte contra ser aprisionado por “filosofias vãs e enganosas”. A Bíblia repetidamente adverte contra falsas doutrinas, mas isso não quer dizer que devemos evitar todas as doutrinas. De fato, um passo essencial na prevenção contra a falsidade é conhecer a fundo a verdade. De acordo com Paulo, a falsa filosofia “se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo” — ela começa a partir de primeiros princípios errôneos. Ao mesmo tempo, ele tinha da mesma forma chamado o Cristianismo de uma filosofia boa quando ele implica que a verdadeira filosofia seria fundamentada “em Cristo” — teria Cristo como seu primeiro princípio. Paulo nunca diz para pararmos de pensar ou contemplar as questões últimas, que é a tarefa da filosofia, mas ele diz para pararmos de pensar como os incrédulos.

Embora a palavra seja muito difícil de definir, muitas pessoas estão dispostas a categorizar o Cristianismo como uma “religião”, e a afirmar que o Cristianismo é a única religião verdadeira entre muitas falsas. Isso significa que apenas porque devemos rejeitar as falsas religiões não significa que o próprio Cristianismo não seja uma religião. Mas religião talvez seja vista muito apropriadamente como um sub-sistema da filosofia. Uma religião é somente uma maneira particular de responder as questões filosóficas, e como na filosofia, essas respostas combinam para formar uma cosmovisão. Novamente, nem todas as cosmovisões são verdadeiras, e o cristão afirmará que somente a cosmovisão bíblica é verdadeira; todavia, todas elas são cosmovisões.

Assim, não há razão legítima para negar que o Cristianismo é uma filosofia. Como um teólogo escreveu, a filosofia cristã é apenas teologia cristã expressa em vocabulários diferentes, de forma que não há realmente problema em se chamar o Cristianismo de uma filosofia. Frequentemente as pessoas dizem algo como: “o Cristianismo não é uma

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid.

religião (ou filosofia), ele é uma vida”. Isso pode soar sábio e piedoso para algumas pessoas, mas é falso. Antes, o Cristianismo é deveras uma religião e uma filosofia, mas ele é uma que demanda e produz um tipo particular de vida; todavia, ele é primeiro uma religião e uma filosofia. Reconhecer o fato de que o Cristianismo é uma filosofia coloca-o diretamente contra todas as outras cosmovisões; isto é, estamos deixando claro que o Cristianismo é um sistema abrangente de pensamento, e ele é o único que contradiz todos os sistemas de pensamento não-cristãos em cada assunto maior e menor. Se o Cristianismo é verdadeiro, então nenhum sistema não-cristão pode ser verdadeiro.

Um problema pode ser que as pessoas freqüentemente associam filosofia com especulação fútil, mas isso é uma suposição desnecessária, visto que o dicionário define filosofia como a “teoria ou análise lógica dos princípios que dão suporte a conduta, pensamento, conhecimento e a natureza do universo”. Isto é, nem toda filosofia é necessariamente uma filosofia má. Enquanto que a filosofia não-cristã consista deveras de mera especulação no sentido de conjectura e hipótese, o Cristianismo, ou a filosofia cristã, é fundamentado nas premissas indubitáveis reveladas por Deus.

A versão ESV traz Paulo dizendo que sua pregação não era “em palavras plausíveis de sabedoria” (1 Coríntios 2:4). Agora, *plausível* pode significar “aparentemente digna de crença”,⁹⁷ e como tal o Cristianismo certamente é *implausível*. Contudo, a primeira e a segunda definição no *Merriam-Webster* são “superficialmente justo, razoável, ou valioso, mas freqüentemente especioso”,⁹⁸ superficialmente agradável ou persuasivo”. Quando esses significados são pretendidos, como parece ser o caso na ESV, então devemos afirmar que o Cristianismo é mais do que plausível, visto que ele não é verdade meramente em sua superfície, mas também em sua substância.

A filosofia não-cristã pode algumas vezes parecer razoável ou persuasiva em sua superfície (embora não para mim), de forma que engane muitas pessoas, mas sob análise ela se torna mero sofisma, ou um “truque de prestidigitação” intelectual. Em contraste, o Cristianismo é suportado pela “demonstração do Espírito”, e como apontado anteriormente, “com *apodeixis* [ou demonstração] as premissas são conhecidas ser verdadeiras, e, portanto, a conclusão não é somente lógica, mas certamente verdadeira”.⁹⁹

Portanto, a ESV traz à luz a posição de Paulo, a saber, a filosofia não-cristã nunca é muito intelectual ou lógica, mas ela é precisamente o oposto, visto que ela depende de premissas injustificadas e injustificáveis. O pensamento não-cristão não é intelectual ou lógico o suficiente; ele convence as pessoas não por argumentos sadios, mas por truques e falácias que, todavia, parecem compelir aqueles que são incapazes de ver através do engano. Por outro lado, a filosofia cristã traça conclusões necessárias a partir de premissas verdadeiras.

Paulo diz aos coríntios que ele pregou de uma forma “que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus” (1 Coríntios 2:5). Fee observa: “Noutro contexto isso poderia ser visto como sugerindo que a fé descansa em

⁹⁷ Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition.

⁹⁸ *Especioso* significa “ter uma falsa aparência de verdade ou genuinidade; sofisticado”. Ibid.

⁹⁹ Morris, *1 Corinthians*; p. 51.

evidências,¹⁰⁰ mas dificilmente faria sentido aqui”.¹⁰¹ Assim como em 1 Tessalonicenses 1:5, “O ponto principal é que o todo é obra de Deus. Os coríntios foram feitos cristãos pelo poder divino”.¹⁰² Visto que poder em ambos os lugares refere-se a “poderosa operação do Espírito, testemunhando com e pela verdade em nossos corações”,¹⁰³ a “sabedoria dos homens” e o “poder de Deus” não se referem necessariamente ao objeto da fé — no qual a pessoa crê — mas antes o meio pelo qual a fé foi gerada. Podemos entender o versículo dizer: “com o resultado que sua fé não deveria *existir pela* sabedoria dos homens, mas pelo poder de Deus”.¹⁰⁴

Isso satisfaz nosso propósito em tratar com 1 Coríntios 2:4-5 e nos leva de volta a 1 Tessalonicenses 1:5, que diz, “O nosso evangelho não chegou a vocês simplesmente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com profunda convicção”. Usando termos teológicos, podemos parafrasear: “Sabemos que Deus vos escolheu para salvação, porque quando lhes pregamos, vocês não receberam somente o chamado externo do evangelho de nós, mas Deus lançou o chamado interno do Espírito em suas mentes e produziu em vocês fé em Cristo”.¹⁰⁵

Mencionamos anteriormente que duas coisas aconteceram em conexão com a pregação de Paulo em Tessalônica, levando Paulo a crer que seus conversos estavam verdadeiramente entre os eleitos. A primeira indicação para Paulo que Deus tinha escolhido alguns dos seus ouvintes para salvação era a sua consciência do poder divino ativo em sua pregação. Ele menciona isso novamente em sua segunda carta aos Tessalonicenses: “Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vocês, irmãos amados pelo Senhor, porque desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade. Ele os chamou para isso por meio de nosso evangelho, a fim de tomarem posse da glória de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 2:13-14). Romanos 8:30 diz: “Aqueles que ele predestinou, ele também chamou” (NIV). É Deus quem chama ou reúne os convertidos para si mesmo com poder irresistível, embora ele faça isso através e por meio da pregação do evangelho.

PRESERVADOS

Isso nos leva à segunda coisa que acontecia quando Paulo pregava. Correspondente à primeira, ela era a recepção positiva do evangelho pelos tessalonicenses. Paulo descreve isso em 1 Tessalonicenses 1:6-10:

De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo. Assim, tornaram-se modelo para todos os crentes que estão na Macedônia e na Acaia. Porque, partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor na Macedônia e na Acaia. Não somente isso, mas também por toda parte tornou-se conhecida a

¹⁰⁰ Isto é, poderia parecer que a fé descansar no “poder de Deus” é uma referência a milagres, mas já temos explicado que Paulo está se referindo a algo mais, a saber, a influência divina do Espírito.

¹⁰¹ Fee, *Corinthians*; p. 96.

¹⁰² Gordon H. Clark, *First Corinthians*; The Trinity Foundation, 1991 (original: 1975); p. 34.

¹⁰³ Charles Hodge, *1 & 2 Corinthians*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 2000 (original: 1857); p. 32.

¹⁰⁴ Clark, p. 34.

¹⁰⁵ Veja minha *Teologia Sistemática*, 2001; capítulo 6: “Salvação”, veja *chamado*.

fé que vocês têm em Deus. O resultado é que não temos necessidade de dizer mais nada sobre isso, pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam, e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir.

Paulo estava confiante que pelo menos alguns dos seus ouvintes eram ordenados para a salvação porque ele estava consciente do poder de Deus em sua pregação. Contudo, qualquer um pode pretender concordar com o evangelho, assim, para alguém reconhecer os convertidos como crentes genuínos, eles devem exibir algumas indicações de regeneração e fé. Como Jesus diz: “A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!” (Mateus 7:18-20; veja também v. 21-27).

Visto que a regeneração é uma reconstrução do intelecto e da personalidade do indivíduo, o verdadeiro converso deve exibir em sua fala e conduta exterior as mudanças que correspondam a tal transformação interior drástica. A partir da transformação que tinha ocorrido nos tessalonicenses, Paulo inferiu que eles eram verdadeiramente nascidos de novo, e que a fé deles em Cristo era real.

Por exemplo, Paulo diz: “Apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo”.¹⁰⁶ Jesus explica na parábola do semeador que nem todos que parecem receber a Palavra de Deus com alegria são verdadeiramente salvos: “Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera” (Mateus 13:20-21). Contudo, Paulo não está se referindo ao tipo de alegria superficial e temporária que vem de um coração no qual a palavra de Deus não está enraizada. Antes, a alegria dos tessalonicenses em aceitar a mensagem do evangelho foi “dada pelo Espírito Santo”, que mudou os próprios fundamentos de seu intelecto e personalidade, pois tal é a natureza da regeneração.

O Espírito realiza essa obra da regeneração somente nas mentes dos eleitos. Jesus diz: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito” (João 3:8). Uma doutrina da salvação que ensina o livre-arbítrio não pode fazer sentido para esse versículo, mas a doutrina bíblica da salvação afirma que “o vento sopra onde quer”, assim, o Espírito de Deus regenera aqueles — e somente aqueles — que foram escolhidos para serem salvos por Deus. A Escritura diz: “Creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna” (Atos 13:48). Uma pessoa crê em Cristo porque ela foi escolhida. Deus não nos escolhe porque ele previu nossa fé, mas nós temos fé porque Deus nos escolheu sem considerar qualquer condição que seria encontrada em nós. Deus, sendo absolutamente soberano, é, antes de tudo, a causa última de cada condição encontrada em nós. Visto que foi o Espírito Santo quem deu aos conversos de Paulo tal alegria em receber a mensagem do evangelho, isso significa que Deus realizou uma obra em suas mentes de

¹⁰⁶ Nota do tradutor: Na NIV, usada pelo autor, lemos: “A despeito de severa sofrimento, vocês receberam a mensagem com a alegria dada pelo Espírito Santo”.

sua própria iniciativa, por causa de sua própria decisão soberana. E visto que Deus não afeta o coração daqueles a quem ele não escolheu, Paulo infere que os tessalonicenses estavam entre os eleitos.

Jesus diz que o falso converso cai “quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra”. Em contraste, a alegria dos tessalonicenses permaneceu “a despeito de severo sofrimento”. Embora muitos dos nossos países sejam injustos para com o Cristianismo, a maioria deles evita fazer da perseguição aos cristãos sua agenda oficial. Sob essa atmosfera relativamente confortável, falsos conversos que têm sido reunidos pela pregação anti-bíblica não são examinados na igreja. Não contribuindo com nada, mas custando muito, eles continuam a ser um problema atormentador, mas desconhecido, para a igreja. A solução não é esperar por perseguição severa, mas um retorno ao evangelho bíblico.

Mais do que uns poucos escritores têm expressado preocupação com respeito à taxa alarmante com a qual cristãos professores estão se convertendo a outras religiões — Islamismo, Mormonismo, Budismo, Catolicismo e outros grupos e seitas não-cristãs. Contudo, o influxo incessante de falsos conversos é ainda mais alarmante. Pela providência de Deus, religiões e filosofias não-cristãs realmente ajudam remover alguns dos falsos conversos da igreja, a fim de que não nos tornemos sobrepujados por eles. Isto é, muitos réprobos — destinados para destruição — se unem a igrejas cristãs porque eles têm ouvido e afirmado um falso evangelho, tal como o Arminianismo, e religiões e filosofias não-cristãs às vezes atraem esses réprobos para longe da igreja.

Por outro lado, cristãos verdadeiros pertencem a Cristo para sempre, de forma que “ninguém as [as ovelhas, ou seja, os cristãos verdadeiros] poderá arrancar da minha mão [de Cristo]” (João 10:28). É melhor para um reino ter muitos inimigos facilmente identificáveis do que ter muitos espiões estrangeiros dentro de seu próprio domínio, arruinando e drenando seus recursos de dentro. Adicione a isso o fato de que muitos falsos conversos têm até mesmo se tornado ministros, e é claro que é melhor que eles deixem a igreja do que permanecer nela.

Visto que há muitos falsos conversos em nossas igrejas, há uma grande necessidade de evangelizar nossas próprias congregações; deixe o evangelho convertê-los ou expulsá-los. Em João 6, Jesus dá aos seus seguidores um “ensino duro” (João 6:60, NIV), após o qual “muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo” (v. 66). Mas até mesmo isso não removeu Judas, que sendo “destinado à perdição”, não se perdeu antes “para que se cumprisse a Escritura.” (João 17:12). Ele traiu a Cristo como predito (v. 70-71), e mais tarde cometeu suicídio. Por outro lado, Pedro negou a Cristo três vezes, mas foi restabelecido para se tornar um grande apóstolo. Qual foi a diferença? Jesus tinha orado por Pedro para que sua “fé não desfalecesse” (Lucas 22:32). Ele também orou pelo resto dos seus eleitos, mas não pelos réprobos: “Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus” (João 17:9; também Romanos 8:34 e Hebreus 7:25). A verdade é que “ninguém pode vir a mim [Cristo], a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai” (João 6:65).¹⁰⁷ Pedro foi capacitado; Judas não.

A fé genuína abraça a mensagem do verdadeiro evangelho sem considerar as conseqüências práticas que possam acontecer. Se Paulo sabia que os tessalonicenses

¹⁰⁷ Nota do tradutor: Na NIV, usada pelo autor, lemos: “Ninguém pode vir a [Cristo], a não ser que o Pai lhe capacite”.

eram verdadeiros conversos por causa de sua alegria e perseverança em face de severo sofrimento, ele sem dúvida denunciaria aqueles que comprometem sua fé por causa de desvantagens financeiras, ameaças políticas ou pressões de parentes e amigos. Por outro lado: “Ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pai ou filhos por causa do Reino de Deus deixará de receber, na presente era, muitas vezes mais, e, na era futura, a vida eterna” (Lucas 18:29-30).

Assim, a perseverança em circunstâncias hostis indica a presença de fé genuína, a qual, por sua vez, implica que Deus escolheu a pessoa para salvação, e soberanamente mudou seu coração. Pedro escreve:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo. (1 Pedro 1:3-5)¹⁰⁸

Deus tem “nos dado o novo nascimento” por causa de sua “grande misericórdia”, e nós perseveramos no caminhar cristão porque ele nos preserva através da fé que ele nos deu.

Contrário ao Arminianismo, Deus não nos preserva como uma reação à nossa fé perseverante; antes, nossa fé persevera porque Deus faz com que ela persevere. Hebreus 12:2 chama Jesus de o “autor e consumidor da nossa fé”.¹⁰⁹ A fé não vem de nossas próprias vontades; ela é um dom de Deus. Nem a fé persevera por nosso próprio poder, mas “aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:6). A salvação depende da vontade e misericórdia soberana de Deus do princípio ao fim. Portanto, é por seu decreto imutável na eleição e não pelo livre-arbítrio (o qual na realidade não temos) que todos “aqueles que ele justificou, ele também glorificou.” (Romanos 8:30, NIV). Aqueles que falham em perseverar até sua glorificação nunca receberam a justificação.

A fé genuína não somente persevera, mas ela é ativa e crescente. Paulo continua e dizer aos tessalonicenses:

Assim, tornaram-se modelo para todos os crentes que estão na Macedônia e na Acaia. Porque, partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor na Macedônia e na Acaia. Não somente isso, mas também por toda parte tornou-se conhecida a fé que vocês têm em Deus. O resultado é que não temos necessidade de dizer mais nada sobre isso, pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam, e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro,

¹⁰⁸ Nota do tradutor: Na NIV, usada pelo autor, lemos: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Em sua grande misericórdia ele tem nos dado o novo nascimento para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, e para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou murchar — guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até a chegada da salvação que está prestes a ser revelada no último tempo”.

¹⁰⁹ Nota do tradutor: Na NIV, usada pelo autor, lemos: “autor e aperfeiçoador da nossa fé”.

Pedro diz: “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (1 Pedro 2:2). Alguém que não mostra nenhum interesse em estudar teologia está talvez temporariamente doente em espírito, mas é mais provável que ele nunca tenha recebido a impartição da vida espiritual do Espírito Santo.

Ao se alimentar de leite espiritual, o crente cresce em sua fé, mas alguém que “vive de leite” ainda está numa infância espiritual, e “não tem experiência no ensino da justiça.” (Hebreus 5:13). O anti-intelectualismo tem impedido gerações de cristãos de crescerem na fé. O crescimento espiritual tem a ver com um entendimento espiritual da palavra de Deus e não com experiências místicas. A maturidade tem a ver com como alguém fala e raciocina: “Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino” (1 Coríntios 13:11).

O escritor de Hebreus repreende seus leitores, dizendo: “Embora a esta altura já deversem ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido!” (Hebreus 5:12). Agora, quantos cristãos entendem a carta aos Hebreus? Muitas pessoas consideram os assuntos como sendo totalmente avançados, mas a carta foi direcionada àqueles que eram “lentos para aprender” (v. 11), e aqueles que ainda “precisavam de leite, e não de alimento sólido!” (v. 12). Contudo, os anti-intelectuais são descarados, pois eles rejeitam o padrão bíblico de crescimento e fazem do Cristianismo uma questão de sentimento e experiência. Mas prestemos atenção ao apóstolo Paulo, e comecemos a crescer em conhecimento e caráter, baseado num entendimento intelectual da Escritura, de forma que possamos começar a falar e pensar como adultos espirituais, e não como infantes espirituais.

Produzir fruto espiritual é outra forma metafórica de indicar maturidade espiritual. Jesus ensina: “Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (João 15:5). A Bíblia contradiz a noção de que a mera profissão de fé garante a salvação.¹¹⁰ Embora seja verdade que uma profissão genuína de fé salve uma pessoa sem consideração com as suas obras, uma pessoa que tenha feito uma profissão de fé mas depois não produz fruto, não dá nenhuma evidência de que ela tenha sido um crente de forma alguma. O verso 8 diz que alguém mostra que ele é um verdadeiro discípulo produzindo fruto espiritual: “Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos”.

Os crentes tessalonicenses pareciam ter passado por esse teste. A fé deles perseverou e cresceu de tal forma que eles se tornaram modelos para outros crentes imitarem. Como Paulo instrui a Timóteo: “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza” (1 Timóteo 4:12). Outros crentes prontamente reconheceram o poderoso efeito que o Espírito Santo produziu nos tessalonicenses convertidos, de forma que para onde quer que Paulo ia, ele não precisava contar aos outros sobre eles. Os crentes por toda a parte

¹¹⁰ Isto é, uma *falsa* profissão de fé, visto que uma profissão energizada pelo Espírito indica fé sincera, através da qual somos salvos.

sabiam como eles tinham “se voltado dos ídolos para Deus” (1 Tessalonicenses 1:9. NIV).

A verdadeira conversão resulta de uma transformação drástica e permanente no nível mais profundo do intelecto e personalidade de alguém. Deus muda os compromissos mais básicos do indivíduo, de forma que ele condene os objetos abomináveis que uma vez ele serviu, e se volte para oferecer verdadeira adoração a Deus. Essa mudança no primeiro princípio de pensamento e conduta de uma pessoa gera um efeito replicador que transforma o espectro inteiro de sua cosmovisão ou estilo de vida. Assim, a conversão produz não somente uma mudança negativa, na qual alguém se volta dos ídolos, mas Paulo declara que eles também se voltaram “para servir ao Deus vivo e verdadeiro” (v. 9). Além do mais, um sistema bíblico de pensamento substituiu a filosofia anti-bíblica anterior. Essa nova cosmovisão é uma na qual nós “esperamos o Filho [de Deus] dos céus, a quem ele ressuscitou dos mortos — Jesus, que nos resgata da ira vindoura” (v. 10, NIV).

A salvação não vem de se voltar para um “Deus” genérico, como se existisse tal coisa como um “Deus” genérico, mas na verdadeira conversão alguém deve explicitamente afirmar o sistema bíblico de pensamento. Em conexão com isso, o versículo 10 certamente não é exaustivo, mas ele inclui pelo menos a ressurreição e o retorno de Jesus Cristo, a ira vindoura de Deus contra os não-salvos, e carrega uma referência parcial à Trindade, visto que Paulo distingue entre o Pai e o Filho. A cosmovisão cristã oferece uma teologia que une toda a história humana. Voltando-se dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro, o crente agora espera com prazer a culminação das eras no retorno de Jesus Cristo.

Portanto, nossa passagem bíblica assume a soteriologia do apóstolo desde a eleição à glorificação. Deus escolheu aqueles que seriam salvos através de Cristo por um decreto imutável na eternidade. No devido tempo ele os regenera e produz fé em suas mentes por meio da pregação. A fé genuína então persevera e cresce em maturidade. Essa transformação do homem interior resulta numa esperança gloriosa, através da qual o crente deseja e espera o retorno de Jesus Cristo e a consumação de sua salvação.